

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
INSTITUTO DE LETRAS
DEPT. DE LINGÜÍSTICA, LÍNGUAS CLÁSSICAS E VERNÁCULA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA

A CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DO “BRASILIENSE”

Edgleuba de Carvalho Queiroz de Andrade

Brasília - 2006

EDGLEUBA DE CARVALHO QUEIROZ DE ANDRADE

A CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DO “BRASILIENSE”

Dissertação submetida ao Departamento de Lingüística,
Línguas Clássicas e Vernácula como parte dos requisitos
para obtenção do Grau de Mestre em Lingüística pela
Universidade de Brasília.

Profa. Doutora Josenia Antunes Vieira
Orientadora

Brasília
2006

EDGLEUBA DE CARVALHO QUEIROZ DE ANDRADE

A CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DO “BRASILIENSE”

Dissertação submetida ao Departamento de Lingüística,
Línguas Clássicas e Vernácula como parte dos requisitos
para obtenção do Grau de Mestre em Lingüística pela
Universidade de Brasília.

Profa. Doutora Josenia Antunes Vieira
Orientadora

Aprovada em ____ de _____ de 2006.

Banca Examinadora:

Profa. Doutora Josenia Antunes Vieira
Orientadora (UnB)

Profa. Doutora Márcia Elizabeth Bortone
Membro (UnB)

Prof. Doutor José Carlos Paes de Almeida
Membro (UnB)

Profa. Doutora Maria Christina Diniz Leal
Membro Suplente (UnB)

“De qualquer modo, interessar-se pela imagem é também interessar-se por toda a nossa história, tanto pelas nossas mitologias quanto pelos nossos diversos tipos de representações”.

M. Joly

A meus pais que dedicaram toda sabedoria e trabalho para que eu me transformasse em um ser único.

AGRADECIMENTOS

Ao meu Deus, que não me deixou desistir nos momentos de instabilidade criativa.

À Professora Josênia Antunes Vieira, pela paciência, pela dedicação e, sobretudo, pela orientação acadêmica durante todas as etapas dessa longa caminhada.

Aos Colegas de trabalho que se dispuseram a me auxiliar nos momentos de acúmulo de atividades.

Aos Amigos do curso, principalmente, as que me acompanharam até último instante - Elda, Jardélia e Alessandra - e com quem pude enriquecer não só minha pesquisa, mas também minha vida, pois sempre tiveram uma palavra de apoio no momento certo.

Ao meu esposo, que, mesmo de forma sutil, nunca deixou de acreditar em mim.

Aos amados familiares e amigos, que direta ou indiretamente contribuíram para a concretização desse sonho.

Àqueles que participaram como atores sociais dessa pesquisa por meio das entrevistas.

À Jacinta, funcionária do LIV, que com sua atenção sempre me transmitiu tranquilidade para continuar lutando.

A mim, por não ter desistido diante dos obstáculos que apareceram ao longo dessa trajetória.

LISTA DE FOTOS

Foto 1 – Os primeiros traços de Brasília no papel

Foto 2 – Desenhos do Plano Piloto

Foto 3 – “Marco zero” - 1957

Foto 4 – JK e Lúcio Costa no Planalto Central em 1959

Foto 5 – Os candangos e a construção do Congresso nacional

Foto 6 – Anúncio de venda de lotes em Brasília – 1954

Foto 7 – JK e a inauguração da Capital Federal

Foto 8 – Oscar Niemeyer no Palácio da Alvorada

Foto 9 – Palácio da Alvorada

Foto 10 – palácio do Planalto

Foto 11 – Supremo Tribunal Federal

Foto 12 – Congresso Nacional – vista frontal

Foto 13 – Esplanada dos Ministérios

Foto 14 – Praça dos Três Poderes

Foto 15 – Igreja de Nossa Senhora de Fátima

Foto 16 – Teatro Nacional

Foto 17 – Catedral

Foto 18 – Ministério da Justiça

Foto 19 – Memorial JK

Foto 20 – Ponte JK

Foto 21 – Vista panorâmica de Brasília

Foto 22 – À procura de pedestres em Brasília

LISTA DE QUADROS

- Quadro 1 – Articulações do texto multimodal
- Quadro 2 – As quatro dimensões do processo de pesquisa
- Quadro 3 – Tipos de dados e meios
- Quadro 4 – Perspectivas de pesquisa na pesquisa qualitativa
- Quadro 5 – Entrevistas semi-estruturadas
- Quadro 6 – Informações sobre a entrevista e o entrevistado
- Quadro 7 – Posição dos elementos e o valor da informação
- Quadro 8 – Análise ideológica
- Quadro 9 – Legitimando o valor de Brasília e de seus moradores
- Quadro 10 – Racionalizando o poder de Brasília (Reportagem)
- Quadro 11 – Racionalizando a vida na Capital Federal (Entrevistas)
- Quadro 12 – Diferenciando a sociedade de Brasília
- Quadro 13 – O léxico caracterizando Brasília e seus moradores
- Quadro 14 – Elementos representativos dos eventos sociais

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Como a ideologia opera

Figura 2 – O vocabulário construindo a racionalização dicotômica brasiliense

Figura 3 – Metafunções da linguagem

Figura 4 – Anúncio 1 (Jornal *Correio Braziliense*, de 14 de abril de 2004)

Figura 5 – Anúncio 2 (Revista *Veja*, de 28 de julho de 2004)

Figura 6 – Reportagem (*Jornal da Comunidade*, de 17 a 23 de abril de 2004)

Figura 7 – Depoimentos de moradores da cidade

Figura 8 – Definições para o cidadão da Capital Federal

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

1. INTERPRETANDO O PROCESSO HISTÓRICO DA CONSTRUÇÃO DE BRASÍLIA	17
1.1. Brasília: Um Projeto Arquitetônico, Político e Social	17
1.2. A Figura de Lúcio Costa e a Construção	20
1.3. A Construção de Brasília	22
1.4. A Representação da Figura de Juscelino Kubitschek	30
1.5. Oscar Niemeyer e a Arquitetura Moderna	32
1.5.1. O traço arquitetônico de Oscar Niemeyer em Brasília	34
1.6. Como Está Brasília Hoje? .	44
1.6.1. O pedestal em meio à arquitetura	45
2. TEORIA: A BASE DE UMA PESQUISA CONSISTENTE	48
2.1. A Análise de Discurso Crítica: Discurso e Prática Social	48
2.1.1. Conceituando discurso e analisando seus feitos	52
2.2. A IMPORTÂNCIA DE UM ESTUDO IDEOLÓGICO PARA A ANÁLISE DISCURSIVA	57
2.2.1. Concepções marxistas e concepções althusserianas	57
2.2.2. Hegemonia e cultura – bases da ideologia	59
2.2.2.1. O conceito de hegemonia e de cultura	60
2.2.2.2. Hegemonia e ideologia	63
2.2.3. A dupla face das ideologias	65
2.2.4. Influências ideológicas da cultura	67
2.2.5. A presença das formas simbólicas nas sociedades modernas	70
2.3. Construindo a Identidade do Sujeito	72
2.3.1. Identidade segundo a Psicanálise	72
2.3.2. O papel identitário no contexto sócio-cultural e globalizado	74
2.3.3. Discurso: constituinte singular na construção identitária	78
2.3.4. O valor das identidades e a definição do grupo	79
2.4. A Multimodalidade e a Representação Moderna em Anúncios Publicitários	81

2.4.1. A importância da teoria da multimodalidade	81
3. METODOLOGIA: UMA TRAJETÓRIA A SER SEGUIDA	88
3.1. Uma visão qualitativa	90
3.2. A análise por meio de categorias	97
4. O VALOR ARQUITETÔNICO <i>VERSUS</i> O VALOR HUMANO	106
4.1. Os Modos de Operação da Ideologia	107
4.1.1. Legitimando o poder da capital Federal e de seus moradores	108
4.1.2. Fragmentando um povo ou uma sociedade	113
4.1.3. A reificação do poder de Brasília	116
4.2. Análise de Discurso Crítica	117
4.2.1. Seleção vocabular e construção identitária	117
4.2.2. Relações de significados entre orações e sentenças	123
4.3. Representando os Eventos Sociais dentro do Texto Multimodal	124
4.3.1. A Gramática visual na construção textual	134
CONSIDERAÇÕES FINAIS	141
REFERÊNCIAS	144
ANEXOS	148

RESUMO

O estudo baseado na influência da arquitetura de Brasília na vida das pessoas que residem no Plano Piloto da cidade é resultado da análise de diferentes textos: anúncios publicitários, reportagem e entrevistas. O objetivo da pesquisa é observar como esses textos constroem a identidade do morador da Capital Federal e de que forma os valores ideológicos interferiam em tal construção. Para tanto utilizei como base metodológica a pesquisa qualitativa. Os pressupostos teóricos principais de minha análise são Análise de Discurso Crítica pautada por Fairclough (1996, 1998, 2001 e 2003), por Chouliaraki e Fairclough (1999) e por Wodak e Meyer (2001). Discuti o conceito de ideologia, tomando como apoio Althusser (1974, 2001), Gramsci (1991) e Thompson (1995). Com relação ao conceito de identidade, reporteime a Giddens (1991, 1993, 2002) e a Hall (1992, 2000, 2004). Para finalizar os pressupostos teóricos desta longa caminhada, trabalhei a teoria multimodal com base em Kress e van Leeuwen (1996, 2001). Com relação às categorias analíticas, Thompson (1995) com destaque para as estratégias de construção simbólica mais representativas – legitimação (racionalização), fragmentação (diferenciação) e reificação (naturalização) - com o intuito de observar os modos de operação da ideologia. No caso de Fairclough (2001; 2003), trabalhei: vocabulário, relações de significados entre orações e sentenças e representação de eventos sociais. Para a análise da composição multimodal, abordei as categorias de valor da informação, de saliência e do enquadramento e a representação dos participantes. Ao final da pesquisa, percebi que a construção identitária do “brasiliense” é pautada, sobretudo, no modo ideológico como a cidade é vista por seus moradores e pelos demais brasileiros. Assim, esse sujeito apresenta-se de forma fragmentada, como resultado da influência de fatores sociais, históricos e econômicos.

PALAVRAS-CHAVE: Brasília; arquitetura; identidade, ideologia; Análise do Discurso Crítica (ADC)

ABSTRACT

The study based on the influence of the architecture of Brasilia in the life of the people who reside in the “Plano Piloto” of the city is a result of the analysis of different texts: advertisements, media news and interviews. The objective of the research is to observe how these texts build the identity of the inhabitant of the Federal Capital and in which form the ideological values had an influence in such construction. For this purpose, I used as theoretical base the qualitative research. The theoretical presuppositions of my reasearch are Critical Discourse Analysis in Fairclough (1996, 1998, 2001 and 2003), Chouliaraki and Fairclough (1999) and Wodak and Meyer (2001). I discussed the concept of ideology, based upon Althusser (1974, 2001), Gramsci (1991) and Thompson (1995). The concept of identity was taken from Giddens (1991, 1993, 2002) and Hall (1992, 2000, 2004). To finish the theoretical presuppositions of this long walk, I worked with the multimodal theory of Kress and van Leeuwen (1996, 2001). In relation to the analytical categories, Thompson (1995) was the basis, with prominence for the most representative strategies of symbolic construction: legitimation (rationalization), fragmentation (differentiation) and reification (naturalization), with the intention of observing the ways of operation of the ideology. In the case of Fairclough (2001; 2003), I worked with vocabulary, relations of meanings between verbal phrases and sentences and representation of social events. For the analysis of the multimodal composition, I approached the categories of value of the information, salience and the framing and the representation of the participants. At the end of the research, I found out that the identity construction of the “brasiliense” is mainly based upon the ideological way the city is seen by its inhabitants and by all brazilians around the country. Thus, this citizen is presented of broken up form, as resulted of the influence of social, historical and economic factors.

KEY WORDS: Brasilia; architecture; identity, ideology; Critical Discourse Analysis (CDA).

INTRODUÇÃO

A formação ideológica e a construção identitária de um povo decorrem de reflexão intensa acerca de seu papel no seio da sociedade. É preciso compreender que todos assumem diferentes posições como sujeitos sendo ora agente, ora paciente. O que deve ficar marcado nesta pesquisa é a crescente importância da publicidade como elemento que promove forte direcionamento de pensamentos e de ações desses sujeitos. Entretanto, essa divulgação de produtos será analisada com relação a algo bem mais significativo que um sapato ou um carro; na verdade, a apresentação que será feita está, sobretudo, preocupada com a ‘venda’ de qualidade de vida em Brasília. Além disso, a constituição de uma capital moderna desperta a curiosidade a respeito da influência que esta pode ter sobre a vida social do indivíduo, principalmente, quando é retratada enfaticamente em anúncios publicitários. Chama atenção pela maneira como é possível diferir a implantação da modernidade de formas anteriores de ordem social quanto ao dinamismo, a interferência em hábitos e costumes tradicionais e o seu impacto global.

Para defender a idéia de que a paisagem urbana, com todas as suas imagens, representa ponto indiscutivelmente relevante na vida social de cada indivíduo, resolvi estudar a influência da arquitetura da Capital Federal no cotidiano de seus habitantes. Procurarei demonstrar as relações de poder emanadas de representações imagéticas referentes ao complexo arquitetônico modernista em questão. Como o estudo total desse tema seria no mínimo presunçoso, optei pela seleção de um gênero discursivo extremamente presente no dia-a-dia das pessoas: o anúncio publicitário. Entretanto, durante a seleção do *corpus* deparei-me com uma reportagem cujo título era “Quem é, afinal, o brasiliense?”. Eis que surge um texto cuja abordagem é enriquecedora deste estudo, pois os eventos representados nele tornam a análise mais abrangente e significativa. Isso porque é construído com base em diferentes modos lingüísticos, além de tratar de um ponto relevante para minha pesquisa: a construção identitária do brasiliense.

A questão da identidade do brasiliense, ou melhor, do morador do Plano Piloto é de suma importância para que desvendemos a força da ideologia ao longo de nossas vidas. Os textos que serão analisados podem ser direcionados para diferentes públicos, o que proporciona possibilidades de confrontar posicionamentos divergentes e convergentes. Para demarcar com mais ênfase a identidade dos referidos sujeitos, entrevistas com alguns residentes da cidade serão também base desta pesquisa, a fim de chegar a um produto

concreto tendo como base a visão que esses indivíduos têm de si mesmos e, quem sabe, a imagem que eles julgam possuir como um referencial para os brasileiros que vivem em outras localidades.

As inquietações provocadas pela observação desse complexo que engloba ideologia, identidade e discurso, levaram-me a três questionamentos: 1) Como o sujeito "brasiliense" constrói sua identidade? 2) De que maneira a imagem se manifesta nas práticas discursivas? 3) Como a representação discursiva da arquitetura de Brasília corporifica ideologia no discurso? As questões serão respondidas ao longo da análise dos dados, tomando como base a teoria abordada.

Escolhi a metodologia embasada na pesquisa qualitativa, uma vez que observarei fatos sociais, os quais requisitam constantes interpretações dos dados, quando consideramos a relevância desses para a vida social.

A estrutura da dissertação está dividida em quatro capítulos:

- o primeiro, intitulado "Interpretando o processo histórico da construção de Brasília" tem por objetivo específico explicar o motivo que impulsionou a origem da atual Capital Federal Brasileira com destaque para os principais momentos da construção, procurando, por meio do discurso, revelar a presença marcante de diversas imagens que contribuam para a melhor análise do contexto social e ideológico presentes. Como não poderia deixar de ser, haverá referência às personalidades memoráveis de Oscar Niemayer, de Lúcio Costa e de Juscelino Kubitschek, idealizadores do projeto. Ainda neste capítulo, traçarei uma linha de evolução histórica desde o momento da construção até a atualidade, quando a cidade já possui mais de quatro décadas. Vale ressaltar que tal explanação visa apresentar a cidade aos que não a conhecem, portanto não haverá um aprofundamento desse tópico. A base teórica desse capítulo ficou por conta de Holanda (2002), Lynch (1980), Nunes (2004), Bauman (1999) e outros.
- o segundo capítulo trata da teoria do discurso com base na Análise de Discurso Crítica; da participação da ideologia em todos os campos da modernidade; do conceito de identidade no âmbito social e individual; e, por fim, da relevante teoria da multimodalidade. A ADC estará pautada em Fairclough (1996, 1998, 2001, 2003), em Chouliaraki e Fairclough (1999), em van Dijk (1998, 2000) e em Wodak e Meyer (2001). Discutirei o conceito de ideologia, tomando como apoio Althusser (1974, 2001), Gramsci (1991) e Thompson (1995). Com relação ao conceito de identidade, reportar-me-ei a Giddens (1991, 1993, 2002) e a Hall (1992, 2000, 2004) e

Chnaiderman (1994). Para finalizar os pressupostos teóricos desta longa caminhada, trabalharei a teoria multimodal com base em Kress e van Leeuwen (1996, 2001).

➤ o capítulo três traz a demonstração da metodologia que servirá de instrumento para a realização da pesquisa. Também destaco os pressupostos teóricos e analíticos de Bauer e Gaskell (2003), Flick (2002), Fairclough (2001, 2003), Thompson (1995) e Kress e van Leeuwen (1996).

➤ o quarto capítulo cujo título é “O valor arquitetônico *versus* o valor humano”, vem com a aplicabilidade de toda a teoria apresentada até o momento. Dois anúncios, uma reportagem e quatro entrevistas serão analisados com base na ADC, na relação entre imagem e discurso, no poder ideológico e na identidade representados na construção discursiva. Assim, será possível compreender o valor ideológico dos aspectos físicos de uma cidade como ponto de influência em sua formação, bem como a capacidade que o espaço possui de interferir nas manifestações discursivas e na construção da identidade do indivíduo que mantém contato com essa realidade. É importante mencionar que direcionarei a análise para os traços mais relevantes, assim muitos outros poderão ser analisados em um outro momento.

Por fim, esclareço que embora o ponto de partida desta pesquisa seja a identidade do brasiliense influenciada direta ou indiretamente pelo poder ideológico da arquitetura da cidade, como analista crítica do discurso, tenho por compromisso relacionar este estudo à minha vida. Dessa forma, todo o conhecimento absorvido servirá de base para a construção de um pensamento voltado para o valor do discurso como elemento significativo dentro de uma sociedade.

CAPÍTULO 1

1 - INTERPRETANDO O PROCESSO HISTÓRICO DA CONSTRUÇÃO DE BRASÍLIA

Analisar Brasília é, na realidade, debruçar-se na leitura apologética, crítica, do seu desenho, lançando olhares que revelam comportamentos e anseios sociais. Tais aspectos denotam diferentes configurações de poder, de identidades sociais, de estilos de vida e de convenções que podem ser vistos como ângulos de interpretação da experiência urbana modificadora desse contexto.

1.1 - Brasília: Um Projeto Arquitetônico, Político e Social

A Capital Federal tem sua construção marcada por diferentes interesses, mas todos convergem para um ponto: modernização. Com o objetivo de melhor visualizar as nuances político-social-arquitetônicas que permeiam a história de Brasília, passemos a traçar uma linha temporal, envolvendo momentos relevantes para a concretização de tal feito, tão representativo para a história do Brasil.

Em 1823, José Bonifácio apresentou um projeto para mudança da capital, sugerindo o nome "Brasília", mas, o então Governador, D. Pedro I, dissolveu a constituinte antes que ela pudesse aprovar o projeto. Os que defendiam a construção alegaram os seguintes pontos positivos: absorção de excedentes populacionais da costa; fortalecimento de um novo mercado; cessação de rivalidades entre as províncias; fortalecimento do governo central devido à maior possibilidade de controle que a nova localização provocaria.

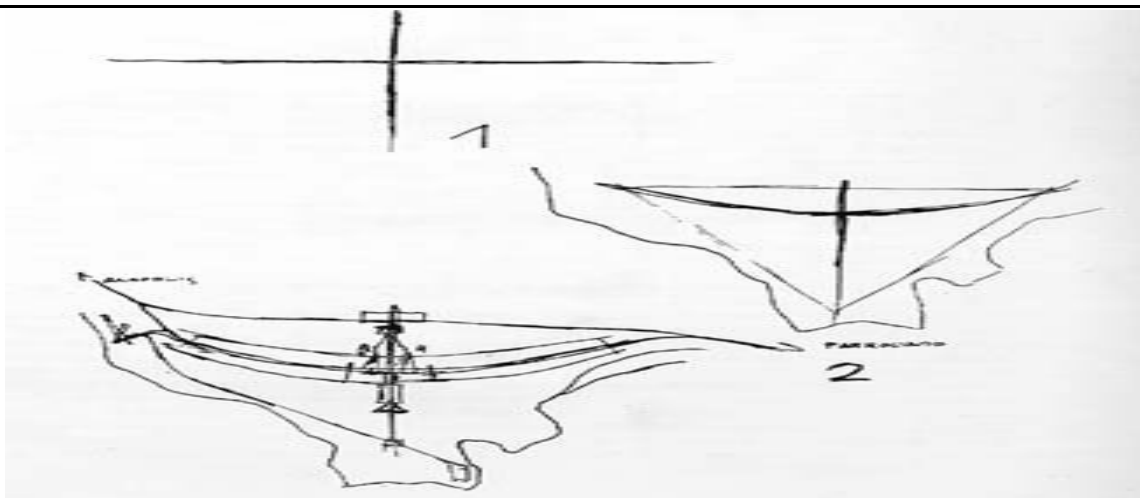
No dia 9 de junho de 1892, vinte e dois homens liderados pelo cientista Luiz Cruls partiram do Rio de Janeiro rumo a Pirenópolis, em Goiás. Era a Comissão Exploradora do Planalto Central, criada pelo presidente Floriano Peixoto para desbravar o local já escolhido pelos constituintes de 1891. Destas terras nasceria a nova capital. No final dos sete meses, a

expedição delimitou um retângulo de 14,4 mil quilômetros quadrados. Mas para isso fez os levantamentos geológico e climático; estudou os animais, as plantas, os minérios, as doenças típicas, a topografia; fotografou a área. A tarefa resultou no relatório Cruls.

Com relação ao movimento de ruptura da estrutura de poder no Brasil, teve início em 1930, quando houve uma busca pela "integração nacional" não só no sentido político-ideológico, mas também na economia. Isso se manifestou de maneira marcante nos anos de 1950, com a idéia da construção de Brasília com base em um discurso "mudancista", pois ela representaria um símbolo de "virada histórica". Do Relatório Belcher(1955), transcrevemos: "O Brasil deve ser louvado pelo fato de ser a primeira nação na história a basear a seleção do sítio de sua capital em fatores econômicos e científicos, bem como nas condições de clima e de beleza".

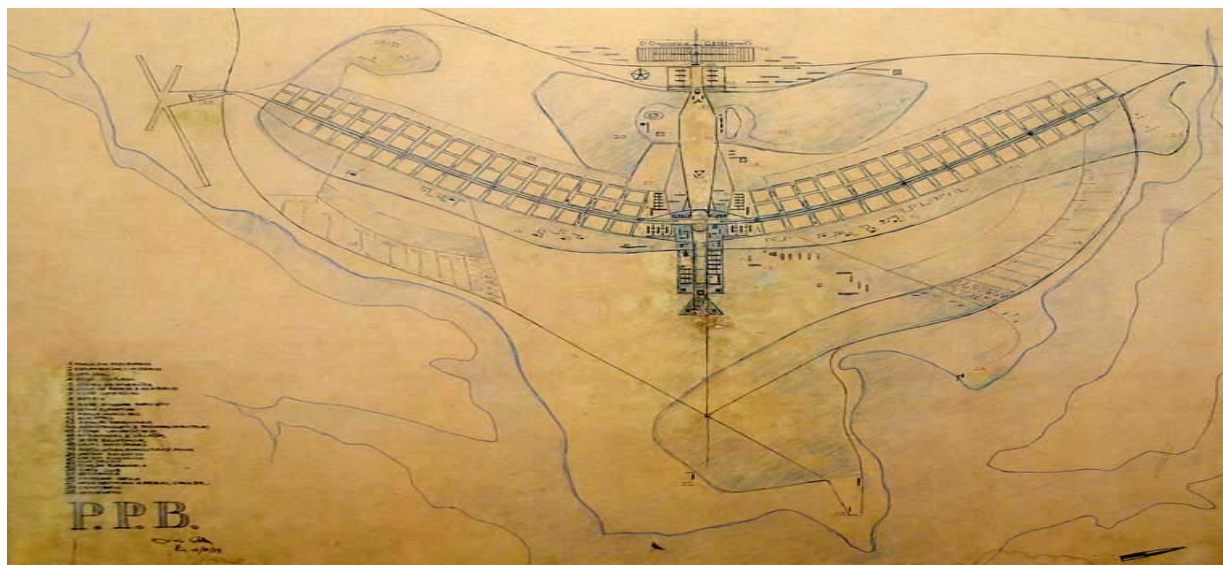
Em seguida, o Presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira tomou posse em 31 de janeiro de 1956 e, em setembro do mesmo ano, publicou as regras para o concurso do projeto, que representaria uma mudança significativa para o País. Em março de 1957, Lúcio Costa - arquiteto e teórico - detém o primeiro lugar. A disputa ocorreu entre 26 participantes, que apresentaram 41 projetos. Com isso, idealizou uma cidade baseada nas seguintes palavras: "deve ser concebida não como um simples organismo capaz de preencher satisfatoriamente e sem esforço as funções vitais próprias de uma cidade moderna qualquer" e acrescentou "Não no sentido de ostentação, mas no sentido da expressão palpável, por assim dizer, consciente, daquilo que vale e significa (...) capaz de tornar-se com o tempo, além do centro de governo e administração, num foco de cultura dos mais lúcidos e sensíveis do país". E, assim, iniciam-se as obras para a construção do Plano Piloto.

Os traços que originaram tudo, quando ainda estavam no papel, já passam a idéia de algo surgido com base em linhas retas:

Foto nº1 – Os primeiros traços de Brasília no papel

Fonte: <http://www.brazilia.jor.br/ppb>

A evolução desse desenho de uma maneira mais detalhada leva à criação de uma visão de tudo muito bem esquematizado de forma que traços isolam-se e encontram-se como se já pudéssemos interpretar os conceitos de distanciamento e de proximidade tão importantes, quando o assunto é “Brasília”. Por isso é possível observar, o Plano Piloto como marco da construção:

Foto nº 2 – Desenho do Plano Piloto de Brasília

Fonte: <http://www.brazilia.jor.br/ppb>

Lúcio Costa, em seu relatório a respeito do Plano Piloto de Brasília faz uma descrição minuciosa desse grande monumento que se transformou em cidade. Para verificar como o autor do projeto o caracterizou sucintamente, a seguir temos uma passagem do referido texto:

a solução apresentada é de fácil apreensão, pois se caracteriza pela simplicidade e clareza do risco original, o que não exclui, conforme se viu, a variedade no tratamento das partes, cada qual concebida segundo a natureza peculiar da respectiva função, resultando daí a harmonia de exigências de aparência contraditória. E assim que, sendo monumental é também cômoda, eficiente, acolhedora e íntima. E ao mesmo tempo derramada e concisa, bucólica e urbana, lírica e funcional. O tráfego de automóveis se processa sem cruzamentos, e se restitui o chão, na justa medida, ao pedestre. E por ter o arcabouço tão claramente definido, é de fácil execução: dois eixos, dois terraplenos, uma plataforma, duas pistas largas num sentido, uma rodovia no outro, rodovia que poderá ser construída por partes — primeiro as faixas centrais como um trevo de cada lado, depois as pistas laterais, que avançariam com o desenvolvimento normal da cidade. As instalações teriam sempre campo livre nas faixas verdes contíguas às pistas de rolamento. As quadras seriam apenas niveladas e paisagisticamente definidas, com as respectivas cintas plantadas de grama e desde logo arborizadas, mas sem calçamento de qualquer espécie, nem meios-fios. De uma parte, técnica rodoviária; de outra, técnica paisagística de parques e jardins.

(<http://www.brazilia.jor.br/ppb/RelatorioLucioCosta.htm>)

Para seguir nessa vereda que leva à construção da cidade, nada mais natural do que falarmos um pouco a respeito desse arquiteto que projetou uma cidade considerada por muitos “uma utopia”.

1.2. A Figura de Lúcio Costa e a Construção

A imagem que surge das formas que melhor representam Brasília não revela a verdadeira identidade de Lúcio Costa, pois ele inventou uma cidade com um desenho 'inocente' de quem demarca um lugar seja com o intuito de tomar posse ou não. Na verdade, são dois eixos que se cruzam em ângulo reto. Tal figura poderia ser interpretada como o sinal da cruz se não considerarmos que ele é ateu, sendo movido por dois valores fundamentais: a devoção à natureza, aliada à possibilidade e a capacidade humana de transformá-la com talento e com responsabilidade, e a crença no homem como medida de tudo que existe.

Lúcio Costa não se prendeu somente à arquitetura e ao urbanismo, mas também ultrapassou os limites desse território e fincou piquetes em questões tão abrangentes quanto a “formação social, econômica, histórica, técnica, estética e construtiva do Brasil” e seu complexo relacionamento com a modernidade. Por isso, torna-se uma figura marcante dentro da proposta de analisar Brasília.

James Holston, pesquisador norte-americano autor de *A Cidade Modernista*, uma crítica de Brasília e sua utopia, reconhece o lugar simbólico da construção de Brasília na história do Brasil — a cidade como sintoma do caráter brasileiro em suas perenes contradições. “Refiro-me ao senso de invenção encontrado em tantas facetas da vida brasileira, do futebol e do samba às telenovelas, das teorias da modernidade (tais como a Antropofagia) à mistura de raças cotidiana, da moradia “autoconstruída” nas periferias urbanas às iniciativas federais no tratamento da AIDS.

O pesquisador faz questão de frisar sua opinião a respeito do feito intitulado Brasília. Afirma que ao construírem uma cidade em três anos e meio, os brasileiros “empregaram as táticas da bricolagem e experimentaram em todos os campos”. Desse modo, “eles reproduziram na pioneira capital o estilo característico do Brasil de inventar sua modernidade”. Assim, Lúcio Costa inventou uma cidade que é, paradoxalmente, “tanto separada do ‘resto do Brasil’ quanto parte dele”. De um lado, uma arquitetura ousada, de outro, um comportamento tacanho.

Em 1974, Lúcio Costa declarou à revista *Manchete*:

Digam o que quiserem, Brasília é um milagre. Quando lá fui pela primeira vez, aquilo tudo era deserto a perder de vista. Havia apenas uma trilha vermelha e reta descendo do alto do cruzeiro até o Alvorada, que começava a aflorar das fundações, perdido na distância. Apenas o cerrado, o céu imenso, e uma idéia saída da minha cabeça. O céu continua, mas a idéia brotou do chão como por encanto e a cidade agora se espria e adensa.

Em 1988, dizia o urbanista a *O Estado de S. Paulo*:

O que ocorre em Brasília e fere nossa sensibilidade é essa coisa sem remédio, porque é o próprio Brasil. É a coexistência, lado a lado, da arquitetura e da antiarquitetura, que se alastra; da inteligência e da antiinteligência, que não pára; é o apuro parede-meia com a vulgaridade, o desenvolvimento atolado no subdesenvolvimento; são as facilidades e o relativo bem-estar de uma parte, e as dificuldades e o crônico mal-estar da parte maior. Brasília é, portanto, uma síntese do Brasil, com seus aspectos positivos e negativos, mas é também testemunho de nossa força viva latente. Do ponto de vista do tesoureiro, do ministro da Fazenda, a construção da cidade pode ter sido mesmo insensatez, mas do ponto de vista do estadista, foi um gesto de lúcida coragem e confiança no Brasil definitivo.

A observação minuciosa do discurso de Lúcio Costa mostra uma mudança radical desde a construção da cidade até sua emancipação perante o País. Embora a própria estrutura fosse planejada para a não existência e proliferação da pobreza, isso foi inevitável. O reconhecimento de um dos responsáveis por tão grandiosa construção é válido suficiente para analisarmos como tudo isso pode ter influenciado e estar influenciando a vida de cada um daqueles que compartilham de tal realidade.

1.3. A Construção de Brasília

A cidade foi construída, em suas linhas gerais, em pouco mais de mil dias, entre o final de 1956 e o início de 1960, no governo do presidente Juscelino Kubitschek.

Foto nº 3 – “Marco zero” - 1957



Fonte: http://www.geocities.com/augusto_areal/minis_pc.htm

A construção foi possível porque a dinâmica das forças sociais, naquele momento, colocou a questão das ligações inter-regionais, principalmente, ligando o Sudeste à região Centro-Oeste, a qual se localizava mais distante das fronteiras. Entretanto, as estradas não eram o canal pelo qual o desenvolvimento seria dirigido para os lugares mais pobres, mas um instrumento físico para aumentar a subordinação econômica. Na realidade, a lógica de tal decisão encontra-se:

em dois pontos de separação: entre o estado e a sociedade civil, materializada, no nível espacial, num pedaço especializado de território servindo a uma função superestrutural fortemente segregada; e, entre a

cidade-capital e qualquer região historicamente consolidada no Brasil, realizada pela construção de Brasília num planalto então praticamente deserto, marcando, com isso, a relação radicalmente transpacial entre a capital e o país. (Holanda, 2002, p. 300)

Conferiu-se ao eixo Norte-Sul a função circulatória-tronco, com pistas centrais de alta velocidade. Pistas laterais foram previstas para a distribuição do tráfego local, que conduz diretamente ao setor residencial. O eixo transversal Leste-Oeste, denominado "Monumental", recebeu o centro cívico e administrativo, o setor cultural, o centro comercial e o de diversões, o setor administrativo municipal. Destacam-se, no conjunto, os edifícios autônomos destinados aos poderes fundamentais - Legislativo, Executivo e Judiciário - que formam a triangular Praça dos Três Poderes. Saindo do edifício do Congresso Nacional, que ocupa o Setor Oeste da praça, rumo à interseção dos eixos, desenvolve-se a tão conhecida Esplanada dos Ministérios.

A solução encontrada para o setor residencial foi a criação das superquadras. São quadrados com 250 metros de comprimento, dispostas em ambos os lados da faixa rodoviária e emolduradas por uma larga cinta vegetal. No interior dessas superquadras, os blocos de residências podem dispor-se de maneira variada, obedecendo a dois princípios: gabarito máximo uniforme (seis pavimentos) e "pilotis" e estrita separação do tráfego de veículos do trânsito de pedestres.

Do ponto de vista das relações espaciais, o zoneamento estrito de Brasília corresponde a três escalas: a gregária, a residencial e a monumental. A primeira corresponde aos setores de diversões e de comércio; a segunda, ao setor residencial; e a terceira, ao conjunto constituído pela Praça dos Três Poderes e pela Esplanada dos Ministérios. Esse composto será o objeto de análise desta pesquisa. É importante delimitar o campo de estudo, porque existem variadas especificações espaciais de Brasília.

É possível afirmar que a sociedade brasiliense em formação retira do desenho arquitetônico e urbanístico da cidade parâmetros e símbolos necessários à reconstrução da sociabilidade, o que dá origem a ligações vivas nas manifestações indivíduo-sociedade. Logo, torna-se imprescindível estabelecer uma leitura urbana experimental tendo como objetivo incorporar o espaço físico na totalidade das relações sociais.

O discurso de quem estava realizando um sonho e, aparentemente, pretendia ressaltar o valor do suor gasto na construção; na aventura vivida pelos que abandonaram lares para tentar a sorte no deserto que era o Planalto Central; na esperança de ver a capital crescer e se desenvolver, trazendo o progresso; nas estradas que permitiriam aos brasileiros conhecer a cidade e tudo em que estava relacionado à abundância.

Ao relacionar a construção de Brasília ao histórico urbano brasileiro, é constatado que essa sociedade continuou elevando características que reafirmam o ideário urbano - ponta de interesses metropolitanos na colônia, lugar de mercado e, em seguida, da indústria, e, de maneira global, lugar da burocracia do poder instituído. Sendo assim, Brasília traz consigo traços das cidades administradas da colônia. A capital condicionou, desde o seu projeto, os grupos sociais mais importantes que disseminariam aquela idéia, sobretudo a burocracia do Estado, principal razão de sua construção.

A arquitetura e o urbanismo brasileiros tiveram momentos de reconhecimento especial com a construção de Brasília. Por consolidar a cultura como prática social em um espaço de lutas simbólicas (Bourdieu, 1994), a construção da Capital Federal significa uma fase de inflexão na prática de intervenção no espaço físico urbanístico do Brasil, no que se refere à nova representação de ação, uma vez que arquitetos adquirem a capacidade de lutar por sua condição de urbanistas.

As cidades planejadas, ao contrário das cidades modernas tradicionais, surgem de funções previamente definidas num espaço determinado com ausência de barreira social ou política relevante que possa se contrapor ao projeto original. A expansão da cidade coloca o espaço público em primeiro plano, principalmente em relação à percepção da burguesia a respeito das classes baixas e à busca de uma individualização social. A criação de Brasília ocorreu quando a condução da sociedade e da economia alcançou a hegemonia da esfera estatal.

É necessário interpretar como essa estrutura de concreto é capaz de organizar sua população de maneira ímpar. O deslumbramento provocado pelo projeto de Brasília pode ser compreendido pela enorme estratificação social de seu espaço urbano. Para determinadas pessoas, a racionalização em torno de sua criação é funcional e proporcionadora de qualidade de vida adequada, para outras revela uma maneira rigorosa de controle à inventividade necessária em momentos de penúria material, ou seja, a possibilidade de surgimento de aglomerado de pessoas de baixa renda.

Desde o início, essa construção gerou as mais divergentes opiniões no Congresso. Uns julgavam o projeto insensato, não acreditavam na possibilidade de uma cidade ser construída em um espaço vazio quase irreal; como executar algo tão grandioso em tão curto período, além da não capacidade econômica. No entanto, os próprios discursos também transmitiam uma idéia de admiração e de curiosidade, pautados na relação com o desenvolvimento nacional. Com a evolução da obra, os discursos foram se tornando positivos

o que comprova a habilidade política daqueles que divulgavam a imagem de Brasília com o intuito de legitimá-la.

O fato de a capital posicionar-se no centro do País pode ser interpretado como uma forma de impedir que houvesse cada vez mais o deslocamento de pessoas do campo para as grandes metrópoles. Isso ocorreu devido a uma imagem idealizada que, posteriormente, influenciará nas construções simbólicas do brasileiro de classe média, ou melhor, do trabalhador rural de pouca escolaridade, que, de repente, se sente participante do processo de construção da nação.

A valorização desse empreendimento começa a surgir uma vez que representa progresso para o Centro-Oeste, abriga a burocracia federal, garante um mercado consumidor seguro e permanente e irradia seus efeitos para a agricultura regional e para a indústria nacional como um todo. Assim, temos a visão de estudiosos a esse respeito:

a modernização social tem um importante componente que se deve ao efeito demonstração: a maneira como as pessoas se vêem e vêem o mundo é uma simbiose na qual a proximidade dos fenômenos termina por reforçá-las e conferir-lhes legitimidade. (Nunes: 2004, p. 70).

Cada indivíduo cria e sustenta a sua própria imagem, mas parece haver uma concórdia substancial entre membros do mesmo grupo. São essas imagens de grupo, mostrando o consenso entre um número significativo de membros, que interessam aos planejadores de cidades aspirantes a um modelo de ambiente que muitos possam desfrutar (Lynch: 1980, p.17).

Com base em tal afirmação, é viável observar a origem de Brasília, sobretudo, no ponto referente ao grupo de interesse que motivou sua construção: o que pretendiam representar com um projeto tão grandioso? Que imagem da Capital Federal deveria ser apresentada ao povo brasileiro? Até que ponto a valorização arquitetônica poderia interferir na construção identitária do sujeito inserido nessa modernidade? Para responder a essas questões, é necessário um estudo aprofundado dos elementos constituintes dessa realidade. No entanto, nesse momento, o foco de interesse é a última questão que será enquadrada no contexto da publicidade. É evidente que a história de origem e de desenvolvimento revela informações necessárias para esse estudo, por isso a todo instante me reportarei a ela.

Uma forma de compreender a estrutura de Brasília é entender sua fonte de inspiração:

O design ganhava status de fator modificador das condições humanas, capaz de melhorar o mundo. Com espaço sobrando, JK tinha o desejo de espetacularização do Estado. Assim, foi criada a suntuosa Esplanada dos Ministérios. Perto, o que se chamaria de “coração da cidade”. A Rodoviária

e os setores de diversão e comercial. Uma mistura de Picadilly Circus (agitado cruzamento de ruas em Londres, cercado por lojas de fast-food), Times Square (o coração da diversão em Nova York, com lojas e teatros) e Champs Elysées (área com hotéis e com lojas elegantes, no centro de Paris). Porém, apenas dois shoppings, o Conjunto Nacional e o Conic, foram construídos. Pronto, faltavam as casas para os servidores e os candangos que cruzaram o País para construir e para fazer a vida na cidade que se erguia. (Freddy Charlson e Thaís Cieglinski ,Correio Braziliense, 11/09/2002)

Nesse foco, observa-se a estrutura como ponto de apoio para um início de uma vida de qualidade e progresso, livre de problemas transtornos existentes em outras cidades que não foram planejadas nos mínimos detalhes.

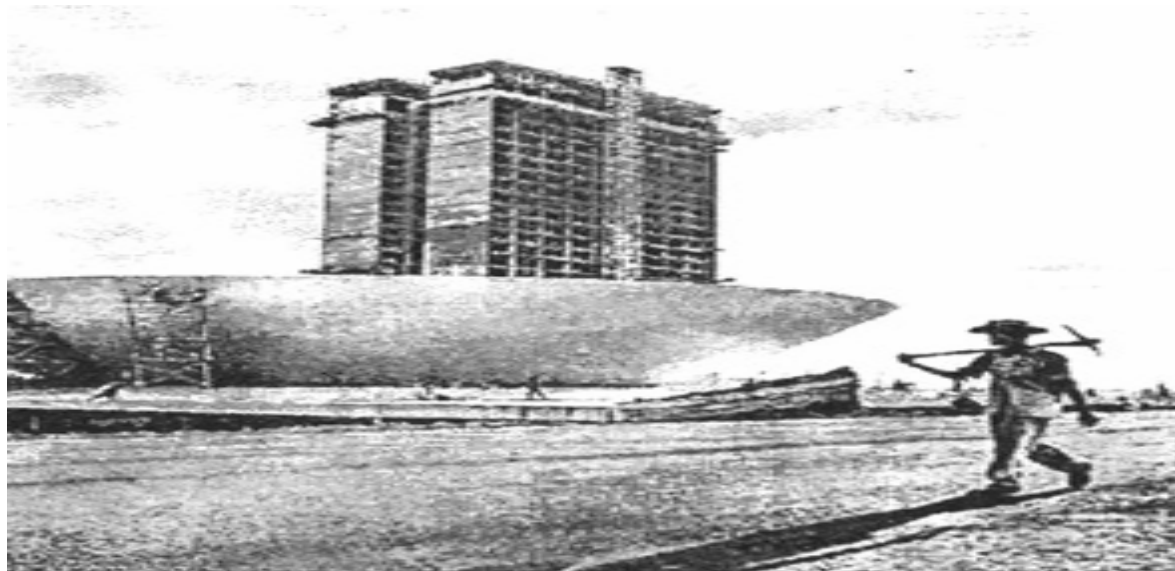
Foto nº 4 – JK e Lúcio Costa no Planalto Central em 1959



Fonte: <http://www.cpdoc.fgv.br>

JK e Lúcio Costa tinham em mente a construção de um setor residencial que desprezasse as divisões por classes. Nos apartamentos, moradores de diversas classes sociais conviveriam em harmonia. A diferença entre rico e pobre deveria existir no tamanho da moradia e na posição em relação ao Eixo Monumental. Entretanto, algo faria com que essa concepção urbana não desse certo. Idealista, o urbanista previra que um terço dos operários ficaria na cidade para trabalhar no setor de serviços. Outro terço iria para colônias agrícolas — um “cinturão verde” — para abastecer Brasília. E o terço restante, para casa. Não foi assim que aconteceu.

Foto nº 5 – Os candangos e a construção do Congresso Nacional



Fonte: <http://www.infobrasilia.com.br>

“Achar que um terço dos candangos voltaria para casa foi ingênuo. Quando se verificou que não voltariam, tinham que achar uma solução para ficarem no centro. A proposta tinha que comportar toda a população que veio para o DF”, considera Frederico de Holanda, professor da Faculdade de Arquitetura da Universidade de Brasília (UnB).

Era um momento no qual os brasileiros estavam sem perspectiva de melhora. O êxodo rural havia superlotado as metrópoles nos anos 50 e 60. E Brasília — fincada numa região, o Centro-Oeste, que não “existia” — representava uma nova chance na vida dos migrantes. A prova de tudo isso é que, nas décadas de 80 e 90, as grandes cidades começaram a perder moradores para o interior. O que o geógrafo Milton Santos chamou de “involução urbana”.

Brasília deixa transparecer a idéia de que sempre existem novas oportunidades em seu cotidiano. Os migrantes chegam atraídos pela possível oferta de lotes e de ocupação, porque estão fugindo de uma realidade cruel: seca e falta de emprego. Segundo Aldo Paviani, pesquisador associado do Departamento de Geografia e do Núcleo de Estudos Urbanos Regionais da UnB, “Os candangos formaram família e resolveram ficar em uma cidade que oferecia vagas na área de indústrias e serviços. Depois, foram seduzidos pela demagogia eleitoral que oferece lotes e empregos”, critica.

É preciso extrair algo de enriquecedor de tudo isso. A cidade espetáculo em que seus moradores são atores sociais, leva a uma interpretação extensiva do que realmente a simbologia inerente a mesma significa em relação aos seus moradores e até mesmo, visitantes.

Com toda sua densidade, o espaço urbano possui uma multiplicidade de signos que se unem e se permitem ser percebidos. Formam um sistema complexo de informações que são apreendidos de diversos pontos de vista. Por conseguinte, pode ser conhecida por muitos nomes: "cidade sem gente", "cidade sem esquina", "cidade de burocratas", "ilha da fantasia...".

Brasília possui um patrimônio plástico/visual que contribui para definir sua personalidade e para 'mostrar sua cara' aos brasilienses, aos brasileiros e aos habitantes do planeta. O universo arquitetônico constituído proporciona uma reflexão ampla sobre as vocações e as tendências da capital brasileira, que nasceu sob o signo da arte. Tudo isso na forma de síntese de um país multirracial e multicultural. Parece que a cidade foi construída sobre tudo de melhor e mais luxuoso que poderia ser projetado em uma cidade. Daí, ser tombada como Patrimônio Cultural da Humanidade.

Para ilustrar melhor como a vinda para a "capital dos sonhos" era e, talvez, continue sendo uma decisão correta, vejamos um anúncio de fevereiro de 1954, sobre a venda de lotes disponíveis na futura Capital Federal - seis anos antes da inauguração da cidade. Nele as promessas de prosperidade e conforto já eram feitas a respeito da vida na cidade; além disso, o enfoque maior é dado ao loteamento "ideal" como a própria idealização de uma cidade moderna erguida no meio do nada.

Foto nº 6 – Anúncio de venda de lotes em Brasília - 1954

0668
em 11-2-1954

O FRUTO DO SEU TRABALHO

Deve ser aproveitado criteriosamente por VOCÊ, para dar a si e a sua família, prosperidade, conforto, segurança...

Aplice-o no Futuro Distrito Federal
CLIMA SALUBERRIMO - CONSIDERADO UM DOS MELHORES DO MUNDO

LIGADO POR ESTRADA DE RODAGEM FEDERAL A: ANAPOLIS - GOIANA -
BELO HORIZONTE - UBERLÂNDIA - UBERABA - FORMOSA - SALVADOR -

NO FUTURO DISTRITO FEDERAL
BAIRRO NOSSA SENHORA DE FÁTIMA
"O LOTEAMENTO IDEAL..."

Vendido em suaves
prestações mensais
á longo prazo



imobiliária
PAULA
RUA DO SEMINÁRIO, 173
2.º andar - sala 21
Telefone 35-6736
São Paulo

VII-13

A imagem permite a interpretação de que desde o início, os que vieram levantar a cidade estariam assumindo uma grande responsabilidade. E, ao provocarem a derrubada das árvores existentes, estariam construindo um novo mundo com “o fruto do seu trabalho”. Além disso, o homem que dirige o trator aparece sorrindo, o que demonstra satisfação, comprometimento e realização.

A divulgação de uma vida tranqüila e confortável, também, já era marcante naquela época, pois se percebe, por meio do texto verbal que o melhor investimento no futuro era morar na Capital Federal. Até o clima foi ressaltado de maneira soberana, já que é destacado como “um dos melhores do mundo”.

A figura do trabalhador representa o povo brasileiro e aplicar no Distrito federal era a opção garantida de que sua família teria “prosperidade, conforto e segurança...”. Muitos foram atraídos por anúncios dessa qualidade, porém poucos conseguiram realmente se fixar com todos os benefícios que lhes foram oferecidos.

1.4. A Representação da Figura de Juscelino Kubitschek

Foto nº 7: JK e a inauguração da Capital Federal



Fonte: [http://: www.arpdf.df.gov.br](http://www.arpdf.df.gov.br)

Juscelino Kubitschek deixou transparecer a imagem de alguém acima de qualquer suspeita. Isso vinculado à idéia de um político que nunca deixou de destacar a importância da opinião do seu povo, pois em seus discursos demonstra, sobretudo, duas preocupações: a preservação de sua imagem política perante o povo e a degradação da imagem daqueles que o atingiam.

Sempre associado à imagem de político preocupado com a modernização e com a industrialização do País, JK foi eleito presidente da República em 1955. Juscelino Kubitschek priorizou a expansão industrial e urbanística brasileira e, ao ser empossado, preocupou-se, em garantir a estabilidade política, pois tinha ousados planos para o Brasil. Nesse sentido, buscou, junto a políticos, empresários, militares e aos órgãos de imprensa, apoio para seu projeto de desenvolvimento econômico, que tinha com o mote crescer "cinquenta anos em cinco".

No que se refere aos movimentos sociais, deixou o trabalhista João Goulart - seu vice-presidente - encarregado de manter vivo o diálogo com o movimento sindical, tendo em vista que ele era muito admirado pelos trabalhadores. Essa iniciativa teve como ponto de partida dois objetivos: conquistar o apoio dos trabalhadores para seu plano econômico e neutralizar possíveis manifestações, como greves, que pudessem chafurdar o clima de otimismo e prejudicar as metas econômicas governamentais.

Não se pode negar que ele marcou uma época e com todas as suas construções, consideradas por muitos, obras faraônicas, conquistou a simpatia de uma parte significativa da população brasileira. O poder representado por suas palavras é muito forte e isso vem a ratificar a idéia de controle e de determinação. Uma ideologia perpetuada ao longo dos anos em que ocupou a função de Presidente da República. A imagem de um homem frágil não correspondia a nada que se referisse ao grande idealizador de Brasília, porém a de perseguido e incompreendido o acompanhou por uma longa trajetória.

1.5. Oscar Niemeyer e a Arquitetura Moderna

Foto nº 8 - Oscar Niemeyer no Palácio da Alvorada



Fonte: <http://www.geocities.com/.../3416/history/niemeyer.jpg>

Oscar Niemeyer Soares Filho é um arquiteto brasileiro nascido no Rio de Janeiro. Formou-se na Universidade do Brasil em 1935. Foi aluno do arquiteto e urbanista Le Corbusier, autor da obra *La ville radiuse*, cujo principal objetivo era apresentar os princípios norteadores da construção de uma cidade livre dos problemas urbanos já comuns naquela época.

Bauman (1999) destaca a organização espacial urbana como uma das conseqüências humanas da globalização. O exemplo mais evidente desse processo foi a construção de Brasília. Oscar Niemeyer concretizou o plano de Le Corbusier com sua 'cidade radiante'. A base de tal plano arquitetônico e urbanístico era a harmonia estética e a lógica, portanto tudo que poderia contrariar esse arcabouço deveria ser eliminado. Um dos pontos marcantes desse plano é a separação dos espaços de trabalho, de compras, de diversão, de administração – cada lugar destinado a uma só função. Com relação às pistas da cidade planejada, não era possível encontrar transeuntes descompromissados, porque nelas só havia espaço para tráfego, para transporte de pessoas de um lugar a outro com objetivos puramente profissionais.

Para Bauman (1999, p. 51), não houve uma preocupação com as mudanças advindas da experiência provocada pelo planejamento e pela construção da Capital Federal. Assim afirma que

Brasília foi um imenso laboratório com pródigo financiamento no qual vários ingredientes de lógica e estética podiam ser misturados em variadas proporções, observando-se então as reações de forma não adulterada e selecionando-se a composição mais agradável.

Dessa forma, a vida na capital acabou perdendo muito das características naturais da vida urbana, não havia nada que quebrasse a monotonia e provocasse perplexidade, sendo marcada pela ausência de multidões e presença de esquinas vazias. Tornou-se alvo de habitantes preocupados exclusivamente com o progresso profissional e um cotidiano desprovido de problemas, situações de risco e aventuras.

A originalidade e a imaginação que o arquiteto revelou nos seus trabalhos valeram-lhe uma reputação de líder da arquitetura moderna. Embora altamente variado, o seu trabalho inclui sempre um enorme espaço vazio integrado em formas muito invulgares. Altos edifícios suportados por pilares de betão ou aço caracterizam a sua obra.

Os arquitetos da nova capital, Oscar Niemeyer e Lúcio Costa pretendiam construir uma cidade utópica. O desejo era "*construir um urbanismo com luz, ar e sol, com a transparência do cristal e a lógica de uma equação*" (Goerdeler, 2000). A primeira parte da descrição destaca os elementos naturais responsáveis pela nitidez presente na cidade, já a segunda parece referir-se ao racionalismo e exatidão preponderantes na interpretação do lugar.

1.5.1. O traço arquitetônico de Oscar Niemeyer em Brasília

Foto nº 9 - Palácio da Alvorada



Fonte: <http://www.geocities.com/.../3416/ospaisdebrasil.htm>

Projetado em 1956-57, o palácio da Alvorada é a residência oficial do Presidente da República. Foi o primeiro edifício construído na nova capital, sendo concluído no final de 1958. A idéia de Niemeyer era construir um palácio nobre e monumental, em que a forma seria constituída por uma caixa de vidro retangular, situada entre duas lajes sustentadas por uma coluna de forma inovadora que caracterizaria plasticamente o edifício.

Essa imagem revela exatamente a visão frontal que um visitante teria ao chegar ao Palácio da Alvorada. É possível perceber que o edifício está localizado ao fundo, numa posição de distanciamento. Mais especificamente, uma posição de poder e de dominação representada pela figura do “líder máximo” de um país republicano – o presidente. Além disso, a centralidade a figura do Palácio está não só em relação à superfície plana, recoberta por grama, mas também no que se refere ao céu. Assim, Niemeyer disse “Lembro com prazer que desenhei as colunas do Palácio da Alvorada e com prazer maior ainda, as vi depois repetidas por toda parte. Era a surpresa arquitetural contrastando com a monotonia existente”.

Foto nº 10- Palácio do Planalto

Fonte: <http://www.geocities.com/.../3416/ospaisdebrasil.htm>

Esse prédio foi construído de 1958 a 1960. Sede do Governo, o palácio do Planalto se converte em outra modalidade de casa grande com a fachada de vidro, como contraposição às fortalezas que tradicionalmente abrigam o poder. Apesar da existência de uma paisagem majestosa em volta do lugar, ainda é possível visualizar o representativo distanciamento em que se coloca esse monumento. A própria rampa passa a idéia de superioridade, como se os que ali se encontram estão, pelo menos, um patamar acima dos 'outros'. Literalmente existe uma subida antes de chegar à entrada do lugar.

Foto nº 11- Supremo Tribunal Federal

Fonte: <http://www.colorfotos.com.br>

O prédio do Supremo Tribunal Federal teve sua construção realizada nos anos de 1958 a 1960. Com a mesma linguagem do Palácio da Alvorada e sobre uma plataforma que parece não tocar o solo, o edifício transmite a sensação de uma fusão natural da arquitetura

com o espaço, fruto do estudo detalhado das perspectivas da esplanada criada por Lúcio Costa. Um espaço que, ao dominar a paisagem em três de seus lados, exclui os obstáculos visuais que podem confundir a linha do horizonte.

Foto nº 12 - Congresso Nacional - vista frontal



Fonte: <http://www.dicasdebrasil.com.br>

É uma das construções que, junto com o Palácio do Planalto e o Supremo Tribunal de Justiça, formam a Praça dos Três Poderes e, em diferença aos outros dois, não apresenta um conjunto unitário já que está destinada a condensar duas assembléias diferentes: a Câmara dos Deputados e o Senado Federal.

O Congresso Nacional é a sede do Poder Legislativo, a construção tem em sua arquitetura dois ‘pratos’: um côncavo, que representa o Senado Federal e, em convexo, a Câmara dos Deputados. Os blocos de 28 andares, em forma da letra “H”, abrigam funções administrativas.

Ao analisar sua arquitetura, percebemos que o poder é inerente à imagem. A altura pode representar a amplitude das decisões e das leis, que são o produto concreto das atividades desempenhadas em tal ambiente. A distância entre o Senado Federal e a Câmara dos Deputados é percebido pela localização dos ‘pratos’, no entanto existe um elo entre os dois prédios em forma de “H”, demonstra que o poder baseia-se em uma oposição, que em um dado momento é representada por uma aliança. Logo, estão unidos e separados simultaneamente, basta que se verifique o referencial.

Para Niemayer, o Congresso Nacional é único, pois não se assemelha a nenhum outro monumento existente. Com relação a essa representação arquitetônica o 'artesão' afirma "Com a mesma preocupação de invenção arquitetural concebi o Congresso Nacional, a exibir seus setores principais nas grandes cúpulas contrastantes..." e "Quando alguém vai à Brasília eu pergunto se viu o congresso nacional e pergunto depois se gostou, se achou que o projeto era bom. Certo de que ela podia ter gostado ou não, mas nunca podia dizer, que tinha visto antes coisa parecida".

Foto nº 13 – Esplanada dos Ministérios



Fonte: <http://www.dicasdebrasil.com.br>

A Esplanada dos Ministérios foi construída em 1958. Os edifícios foram concebidos como elementos definidores do grande eixo monumental e tratando de evitar que um excesso de expressão formal pudesse prejudicar o resultado final, Niemeyer desenhou-os utilizando um tipo de arquitetura cuja austeridade tornou os edifícios mais representativos. A posição enfileirada dos ministérios pode ser analisada como uma imagem de retidão e submissão, condicionando-se a algo superior.

Foto nº 14 – Praça dos Três Poderes

Fonte: <http://www.bluepoint.com.br>

É verdade que, mesmo com a sua implantação e distribuição de massas, o desenho dessa praça está influenciado por um esboço da praça monumental ideal imaginada por *Le Corbusier* durante sua estadia no Brasil em 1936. Não é menos certo que extrai a harmonia e a beleza do tratamento que Niemeyer soube dar a esse esboço, enlaçando-o com uma tradição muito mais antiga: a das grandes praças européias que tanto lhe haviam impressionado em sua viagem à Europa em 1955.

Foto nº 15– Igreja de Nossa Senhora de Fátima

Fonte: <http://www.dicasdebrasil.com.br>

A Igreja de Fátima pode ser conceituada metaforicamente como um pequeno poema arquitetônico, sensível e de cativante delicadeza. Nela, o arquiteto não inventou formas novas, mas resgatou o espírito das tendas de tecido e o imprimiu no concreto. Entretanto, os traços

retilíneos não deixaram de fazer parte do desenho que compõe esse reduzido monumento de uma representação enorme.

Foto nº16 – Teatro Nacional



Fonte: <http://www.dicasdebrasil.com.br>

Para a composição dessa obra, Niemeyer procurou inspiração no projeto de *Mies van der Rohe* no concurso para o teatro de *Manheim*, embora no aspecto plástico exista grande diferença nos planejamentos dos dois arquitetos. O formato de trapézio passa a idéia de que à proporção que o prédio fica mais alto, existe um estreitamento. Portanto, a base é mais consistente e segura. Mais uma vez os traços retos concentram a linha que se deve seguir.

O Teatro Nacional foi projetado por Niemeyer numa temporada de carnaval em que, certamente, enfrentava os desafios e a imensa solidão do planalto central, acompanhando as obras da capital. Tem a forma de uma pirâmide sem ápice, característica da arquitetura asteca. Foi calculado por Joaquim Cardozo, o poeta que tinha o domínio para as grandes massas de concreto armado. São 3.608 vidros nas fachadas leste e oeste. Os cubos brancos nas paredes Norte e Sul, de dimensões diversas, desenhados por Athos Bulcão, passam também de centenas. Esses relevos são a maior e mais monumental obra de intervenção urbana de Athos Bulcão. Na elaboração do projeto, Oscar Niemeyer teve a colaboração do pintor, cenógrafo e técnico de teatro, o italiano Aldo Calvo.

Foto nº 17 – Catedral



Fonte:<http://www2.ac-lyon.fr/.../pages/architecture.html>

A Catedral Metropolitana, ou Catedral de Brasília, é um dos imensos edifícios públicos desenhados pelo arquiteto Niemeyer, nos anos 60, para a capital brasileira. Tal monumento tem na sua arquitetura técnicas e materiais modernistas misturados com as linhas curvas e com a liberdade da forma, próprias do período barroco brasileiro.

A base do edifício é circular com cerca de sessenta metros de diâmetro, e o piso principal situa-se a três metros do chão. O telhado de vidro fosco, que tem início ao nível do chão é suportado por dezesseis colunas curvas que vistas de fora do edifício, terminam no topo de forma pontiaguda, lembrando a imagem de uma coroa de espinhos. A parte mais estreita do edifício está a cerca de trinta e um metros do chão, é circular e possui aproximadamente doze metros de diâmetro. Perto da entrada do edifício estão quatro enormes estátuas conhecidas pelos *Quatro Evangelhos*.

Da forma mais verdadeira, ele buscou uma figura compacta e límpida, um volume capaz de surgir com a mesma pureza desde qualquer perspectiva de sempre, de profunda expressão religiosa. O grande arquiteto deixou claro seu ponto de vista a respeito desse monumento "Eu quando fiz a catedral eu não queria fazer uma Catedral como as outras, belíssimas, escuras lembrando pecado. Eu queria fazer uma catedral diferente. eu fiz a galeria em sombra e a nave toda aberta para o espaço. E a Catedral ficou bonita. Era a procura da

terra com os espaços infinitos."¹ Havia a exclusão de imagens de santos para simbolizar a Casa de Deus. No espaço externo vê-se a estrutura aérea nascendo da terra, um grito de fé e de esperança.

Foto nº 18 – Ministério da Justiça



Fonte: <http://www.dicasdebrasil.com.br>

O edifício do Ministério da Justiça foi construído em 1962. A seu respeito o arquiteto revela "Quando estudei esse palácio, me veio à idéia de criar jogos d'água sobre o lago previsto; e os coloquei entre as colunas do prédio. Foi a primeira fachada de fontes que imaginei e que surpreendeu e agradou a todos, como eu havia pressentido"². Assim, Niemeyer mostra a origem da água como elemento enriquecedor nas obras de concreto. As paredes desse edifício são de vidro com um ponto muito intrigante: refletem as imagens que delas se aproxima. Logo, podem representar a idéia de que a justiça é um reflexo daquilo que a rodeia.

¹ Os trechos referentes à visão de Oscar Niemeyer foram retirados do site www.niemeyer.org.br/Oscarniemeyer/arquitetura.htm

² Idem.

Foto nº 19 – Memorial JK

Fonte: www.geocities.com/.../3416/ospaisdebrasil.htm

Juscelino Kubitschek é homenageado neste edifício, construído em 1980. O grande estadista ocupa uma posição visível de destaque. A obra foi erguida sobre o eixo monumental, e abriga o museu e os restos mortais do grande estadista brasileiro.

Numa área de 25.000m², o edifício do Memorial ocupa espaço correspondente a 1/5 do seu total, o que empresta grandeza e magnitude à obra. Os espelhos d'água, as rampas de acesso, o verde do gramado e dos jardins que emolduram o edifício monumental, todo em mármore branco, dão-lhe beleza plástica e dignidade condizentes com suas finalidades. Um pedestal de concreto armado, medindo 28m de altura, encimado por uma estrutura, também em concreto, sustém e protege, como mão em forma de concha, a estátua do Presidente Juscelino que acena para a cidade que construiu. Obra de Honório Peçanha, esta estátua, feita em bronze, mede 4,50m e pesa 1.500 quilos. À entrada do Memorial, quatro espelhos d'água, em diferentes níveis, cascateiam, dando-lhe extraordinária beleza e dimensão.

Um pequeno monumento de granito negro reproduz lapidar frase do Presidente Juscelino: "Tudo se transforma em alvorada nesta cidade que se abre para o amanhã". Uma rampa suave dá acesso ao largo corredor, todo em granito escuro, que conduz o visitante ao interior do Memorial. Três bandeiras, hasteadas em mastro de ferro, tremulam acima do Memorial, emprestando-lhe conotação de permanente solenidade. São as Bandeiras do Brasil, do Distrito Federal e de Minas Gerais. De fora se vê "o corpo baixo e extenso do Memorial e a cúpula protetora da Câmara Mortuária".

Não há dúvida de que Niemeyer encontrou para os prédios de Brasília uma fórmula extremamente feliz, que soube modificá-los no momento adequado para extrair o máximo de suas possibilidades plásticas e funcionais. Hoje se pode afirmar que os prédios de Brasília são obras que marcam uma época e constituem um dos mais belos frutos da arquitetura contemporânea.

O mais novo ícone monumental de Brasília representa, mais que nunca, o poder do Governo do Distrito Federal.

Foto nº 20 – Ponte JK



Fonte: www.geocities.com/.../3416/ospaisdebrasilia.htm

Projetada pelo Arquiteto Alexandre Chan, a ponte Jk, foi inaugurada em 15 de dezembro de 2002. É uma obra que impressiona pela funcionalidade e pela arquitetura monumental que transformam o empreendimento em uma execução singular da engenharia brasileira. Para entendermos sua arquitetura, visualizamos três arcos cuja inspiração parece originar-se no movimento de uma pedra quicando sobre o espelho d'água. O monumento se integra ao conceito de Brasília, aliando beleza e inovação. A forma estrutural adotada conta com três arcos que sustentam, por meio de estais de aço, três tabuleiros com vão de 240 metros cada um, o que representa um desafio imposto pela arquitetura e vencido pela engenharia.

1.6. Como Está Brasília Hoje?

Foto nº 21 – Vista panorâmica de Brasília



Fonte: <http://www.pbase.com/fjvillegas/brbrasiliab>

A Capital Federal continua sendo a terra da esperança de oportunidades. Praticamente 88% dos brasilienses não escolheriam outra cidade para morar. Embora o número crescente de nascidos em Brasília corresponda a 46,8% da população do Distrito Federal de acordo com o censo de 2000, do IBGE, uma parte significativa dos habitantes possuem naturalidades diversas.

Atualmente, a população está três vezes maior e o elemento principal desse contexto é o automóvel. As pistas, os eixos, os passeios e as vias locais trazem a marca da cidade com a maior frota de carros por habitante do País. Dessa forma, é possível dizer que existe um paradoxo, uma vez que o plano previa grandes áreas verdes com o objetivo de propiciar qualidade de vida à população.

Se pensarmos que o desenvolvimento da indústria automobilística era outra prioridade de JK, tal idéia paradoxal desaparece. Brasília possui em torno de 650 mil carros. Com isso, há um número insuficiente de estacionamentos e engarrafamentos constantes. O

estresse passa a fazer parte da vida dos moradores, já que se calcula um carro para 2,56 habitantes com um crescimento anual de 5%, quase o dobro do crescimento da população. Para que se faça uma simples comparação, em São Paulo, a média é de um carro para cada 2,68 habitantes, aproximadamente.

1.6.1. O pedestre em meio à arquitetura

Foto nº 22 – À procura de pedestres em Brasília



Fonte: [http:// www.explicacoes.com/.../ upload/brasilia.jpg](http://www.explicacoes.com/.../upload/brasilia.jpg)

Como fica a figura do pedestre diante dessa realidade em que prevalecem os carros e as ruas somem praticamente? E os bate-papos em rodas de amigos, os encontros nas entrequadras — segundo o projeto original, deveriam estar viradas para as quadras residenciais e não para as pistas, como aconteceu — o convívio que poderia criar amizades que superassem diferenças socioculturais. O distanciamento entre as pessoas torna-se ponto marcante, principalmente, pelo fato de que a vida na cidade já pressupõe correria e trabalho. Não podemos negar que houve a tentativa de manter intactos os relacionamentos humanos.

Quando verificamos que os blocos das superquadras foram construídos com até seis andares, constatamos a tentativa de facilitar a comunicação entre mães e filhos que brincavam nos gramados. Mas as quadras não receberam as estimadas árvores de copas densas que

protegeriam os moradores das intempéries e dos prédios de arquitetura duvidosa. “Brasília não corresponde ao sonho de JK por circunstâncias internas e externas ao projeto”, comenta o professor Frederico Holanda. Circunstância externa: uma sociedade perversa que implica segregação socioespacial. Circunstância interna: a população de baixa renda foi impedida de morar no centro.

A divisão social, antes indesejada, espalha-se de forma visível. A própria separação por setores já beneficia tal realidade. Assim, os que possuem situação financeira melhor procuram divertimento nos clubes à beira do Lago Paranoá; enquanto os menos abastados procuram os shoppings ou as poucas quadras esportivas da periferia e encontram-se na Rodoviária. É preciso destacar que Brasília, no ano de 2002, possuía a maior renda *per capita* do Brasil: US\$ 9,45 mil e é a segunda quanto à melhor qualidade de vida, deixando à sua frente apenas Porto Alegre.

O projeto de Brasília — que priorizava o aspecto arquitetônico e o social — aos poucos vem se tornando apenas arquitetônico. A idéia inicial de povoar o Planalto Central para o povo tomar posse do território brasileiro não foi muito feliz, pois é bem verdade que a capital tem um posto de relevância dentro do cenário brasileiro, mas não no sentido de poder para o povo. Uma minoria detém, representativamente, o poder político, econômico e social que deveria pertencer à parcela da população que contribuiu, direta ou indiretamente, para a realização da admirável Capital Federal.

Patrimônio Cultural da Humanidade foi título maior conferido à arquitetura de Brasília, pela Organização das Nações Unidas - ONU. Lúcio Costa, seu projetista urbanístico, e Oscar Niemeyer, o arquiteto das mais importantes edificações de Brasília, conseguiram a harmonia plena entre volumes, espaços e formas.

A linha do horizonte foi preservada como característica do relevo natural e a cidade é apenas cortada no azul degradê do seu céu. Os extensos gramados verdes e os jardins coloridos são o tom natural conferindo às edificações, que parecem não ter peso sobre o solo. As linhas arquitetônicas adotadas para as fachadas e colunas de sustentação dos prédios são de beleza ímpar. As fachadas envidraçadas dos modernos edifícios comerciais espelham a cidade e acabam por multiplicar o reflexo das belas imagens arquitetônicas da mesma forma que seria um sonho futurista. Mesmo que o plano de Lúcio fosse o único que não traria problemas de segregação social e solução espacial, em princípio, acabou provocando sua evolução inevitável no crescimento de uma cidade. A modernidade, símbolo do governo, pôde ser mais uma vez reinventada.

A arquitetura da cidade ainda surpreende e continua a fazer do Brasil exemplo de modernidade. Com espaço e tempo próprios seguem uma lógica própria. Os traços positivos marcantes, ainda existem, quem nasce na "Capital da Esperança" tem a oportunidade de desfrutar do generoso espaço verde e do horizonte que está sempre lá, sem que seja necessário procurá-lo em um determinado ponto. Um lugar incomum, fruto de um momento histórico e político que buscava fazer do Brasil um País atual. Símbolo de uma modernidade contínua, e justamente por essa característica nunca se acaba.

Todos esses aspectos não podem existir por acaso; logo, representam um valor responsável pela construção identitária de sujeitos que vivenciam essa realidade. E isso tudo pode ser embasado pela ADC, pelo conceito de ideologia e de identidade.

CAPÍTULO 2

2. TEORIA: A BASE DE UMA PESQUISA CONSISTENTE

Esta pesquisa baseia-se na análise de anúncios publicitários que envolvem como parte constituinte da mensagem imagens de monumentos arquitetônicos de Brasília. A presença marcante da ideologia dentro desse contexto vem contribuir para a construção das identidades do morador da referida cidade. Nesse ponto, com o intuito de entender tal processo, entrevistas, com pessoas residentes na Capital Federal, serão analisadas; além da interpretação de uma reportagem. Vale ressaltar que o espaço a que chamo de Brasília corresponde ao Plano Piloto, logo as cidades-satélites não farão parte dessa análise. Os princípios teóricos e metodológicos norteadores dessa análise serão: Análise de Discurso Crítica (ADC), tomando como apoio Fairclough (2001; 2003): vocabulário e representação de eventos sociais; Thompson (1995): os modos de operação da ideologia; o conceito de identidades de Giddens (2002) e Hall (1992); e a representação dos atores sociais sob a ótica de Van Leeuwen.

2.1. Análise de Discurso Crítica: O Papel do Discurso como Prática Social

O surgimento da Lingüística Crítica apóia-se na preocupação de transformar o estudioso da linguagem em um cientista que não só descreva o objeto de estudo, mas também possua papel fundamental de interferir no fenômeno estudado. Isso, porque não existe possibilidade de estabelecimento de total isenção, pois há conotações ideológicas e políticas arraigadas a toda essa realidade. Assim, não se pode deixar de lado a importância do mundo social no qual os sujeitos estão inseridos e, portanto, podem desencadear transformações de relevante envergadura.

Na perspectiva da ADC, a vida em sociedade é construída por meio de práticas e dentro desse contexto está o discurso – um dos elementos que compõe a prática social. O conceito de práticas compreende os modos habituais de ação social, bem como vários outros elementos pertencentes à vida dos sujeitos – atividade material; relações sociais e processos; fenômenos mentais e discurso. Todos são articulados entre si e ao reunirem-se em uma prática passam a ser considerados *momentos* dela, segundo Harvey (1996). Dentro da minha pesquisa, a importância de tal conceito consiste em entendermos como o discurso dos que idealizaram ou idealizam Brasília manifesta-se como uma prática baseada em diferentes elementos sociais. Daí, Chouliaraki & Fairclough (1999:22) destacarem que práticas sociais variam muito em natureza e em complexidade e que, em sociedades modernas, elas costumam ser altamente complexas em suas formas e relações sociais de produção, e são, geralmente, organizadas por meio de grandes distâncias de tempo e de espaço.

Blancafort e Valls (1999, p. 16) abordam a importância da prática social ao contribuir para o conceito de discurso, visto que esse se torna **completo** – diversos modos de organização, níveis de construção diferentes e modalidades de realização concretas - e **heterogêneo** – normas e princípios textuais e socioculturais envolvidas na construção discursiva. Assim, diz-se que a ADC é responsável pelo estabelecimento de nexos entre estruturas e processos sociais e culturais por um lado, e com as propriedades do texto por outro, (Fairclough e Wodak, 1997). Esse ponto remete à importância atribuída ao vínculo entre texto e sociedade mediado por essa linha de pesquisa.

Diante disso, o discurso deve ser visto como um modo de ação, como uma prática que altera o mundo e altera os indivíduos no mundo. Assim, a preocupação em aplicar a essa análise um teor crítico tem toda a importância de entender as nuances que envolvem a produção e a reprodução de um discurso baseado em idéias envolvidas em um contexto, por isso a presença da prática social. Wodak (2003, p. 19)³ destaca a necessidade de “uma descrição das estruturas sociais e dos processos nos quais os grupos ou indivíduos, como sujeitos históricos, criam sentidos em sua interação com textos”. Isso está diretamente ligado às observações de Fairclough (2001, p. 50) no que se refere à abordagem lingüística crítica, pois o autor comenta acerca das limitações dessa linha de pesquisa, sendo um exemplo disso aquelas relacionadas à dicotomia linguagem/ideologia:

1. significação ideológica direcionada, apenas, à gramática e ao vocabulário;
2. valorização do monólogo escrito;

³ Tradução minha.

3. desconsideração do sentido em que os processos de interpretação levam os participantes a pressuposições textuais que podem ser de caráter ideológico.

Dessa forma, é possível compreender que o discurso vai muito além do texto escrito, perpassa todos os modos semióticos que giram em torno de uma intenção comunicativa. Daí, Fairclough (1989, p. 15) destacar o ponto base para uma pesquisa lingüística, quando mostra que “a língua conecta com o social sendo o domínio primário da ideologia e sendo tanto o interesse principal como o lugar em que têm lugar as lutas de poder”. Sendo assim, outro traço relevante é a não possibilidade de distanciar o discurso das relações sociais norteadoras do convívio em sociedade. Do contrário, estaríamos fadados a aceitar as possíveis falhas existentes em tal campo de pesquisa. Eis o principal motivo que me levou a optar pela ADC como pressuposto teórico da minha pesquisa, pois é preciso entender que a característica principal deste trabalho é a apresentação de um caráter multidisciplinar que busca subsídios em várias outras áreas - como semiótica e teoria social - para quaisquer situações em que exista uma ação sobre a linguagem.

Dentro da proposta da ADC, Fairclough (2001, p. 57) focaliza “a variabilidade entre as práticas e a heterogeneidade entre elas como reflexo sincrônico de processos de mudança histórica que são moldados pela luta entre as forças sociais”. Assim, quem trabalha com ADC a considera como uma teoria ou como um método ou, ainda, como uma perspectiva teórica que examina a linguagem. Por conseguinte, o referido autor acrescenta em sua mais recente obra:

A ADC é uma forma de ciência crítica que foi concebida como ciência social destinada a identificar os problemas que as pessoas enfrentam em decorrência de formas particulares da vida social e destinada, igualmente, a desenvolver recursos de que as pessoas podem se valer a fim de abordar e superar esses problemas. (Fairclough, 2003, p. 185)⁴

Segundo Fairclough e Wodak (1997, p. 388), “a ADC sublinha o caráter fundamentalmente lingüístico e discursivo das relações sociais de poder da sociedade contemporânea, caráter que provém em parte de como se exercem e negociam as relações de poder no interior do discurso”. Logo, essa linha de pesquisa se preocupa eminentemente com a maneira pela qual os sujeitos sociais são induzidos a assumir certas posturas devido à interpretação manipuladora presente nos discursos. Por isso, não há como isolar as manifestações discursivas das relações sociais, uma vez que estas influenciam aquelas e são

⁴ Tradução minha.

influenciadas por elas. Nesse sentido, fica clara a eficácia da contribuição do discurso para constituir a sociedade, também, quanto à formação cultural.

Na perspectiva de que a Lingüística é "socialmente responsável e responsiva" (Kress, 1996, p. 5) é possível chegar a um ponto importante: a escolha de determinadas formas lingüísticas não é arbitrária, uma vez que é motivada no âmbito de um grupo social e pertence a um momento social peculiar. Para complementar essa concepção, a Análise de Discurso Crítica aparece, sobretudo, para proporcionar uma conscientização do momento vivido, de como chegou a tal ponto e o que poderá ser; baseando-se, portanto, no que o ser humano pode fazer para perpetuar ou transformar sua vida e a do grupo em que se insere. Por conseguinte, temos a defesa de que o mundo é constituído pela atribuição de sentido imposta pelos atores sociais: interação subjetiva, intenção dos sujeitos e atribuição de sentido aos objetos são procedimentos indispensáveis à explicação do processo de produção do discurso e dos sentidos. A participação dos atores sociais em um evento discursivo é de grande relevância para minha pesquisa, uma vez que analiso não só o discurso da publicidade, mas também de pessoas que convivem com a realidade da cidade de Brasília. A identidade desses habitantes, foco de maior interesse, vincula-se a um discurso bastante conhecido dos admiradores da cidade. Além disso, a marca do poder, geralmente, está associada a questões ideológicas.

Além disso, Fairclough (2003) defende a afirmação de que os textos podem provocar mudanças em nosso relacionamento. Logo, têm efeitos e causas duradouras, contribuindo para a construção de identidades. Podem influenciar diferentes campos sociais como iniciar guerras, mudar a educação, as relações de trabalho. E, no caso específico da minha pesquisa, seus efeitos incluem mudanças urbanísticas e arquitetônicas, além das comportamentais.

2.1.1. Conceituando discurso e analisando seus efeitos

A descrição etimológica da palavra discurso remete à idéia de curso, percurso, movimento – a palavra em ação. O discurso tem dupla face: constitui e representa uma parte importante da realidade social, por um lado; e contribui para a reprodução por ser um reflexo de estruturas mais profundas, por outro. Por isso, não deve ser considerado uma realização individual do sistema lingüístico, uma vez que possui como fundamento sua existência social. Dessa forma, como ponto de partida dessa pesquisa é preciso definir **discurso**. Vejamos

algumas das diversas peculiaridades do referido termo, dentro da proposta analítica em questão:

1. “é constituído socialmente por situações, por objetos de conhecimento, identidades sociais e por relações entre pessoas e grupos de pessoas” (Fairclough e Wodak, 1997, p. 258);

2. “é parte da vida social e por sua vez um instrumento que cria a vida social” (Blancafort e Valls, 1999, p. 15);

3. “é uma prática não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado” (Fairclough, 2001, p. 91);

4. “está sempre vinculado a outros discursos produzidos com anterioridade e também àqueles que se produzem sincronicamente e com posterioridade.” (Fairclough e Wodak 1997, p. 394)

5. “é um acontecimento da comunicação, cujas dimensões principais são: uso da linguagem; comunicação de crenças e interação em situações de índole social” (van Dijk, 2000, p. 22).

Com base nas definições acima, é possível ligar o termo discurso à abordagem da construção de ‘identidades sociais’ e ‘posições de sujeito’; de relações sociais entre as pessoas e, por fim, de sistemas de conhecimentos e crenças. É uma visão dialética, de acordo com a qual os discursos tanto são moldados pelas estruturas sociais, como podem moldá-las. Dessa forma, a prática da linguagem sempre será o produto contínuo de identidades sociais, de relações sociais e de sistemas de conhecimentos e de sentimentos.

Um ponto a ser observado é a definição de texto, relacionada à de discurso. Fairclough (2003) destaca que “qualquer exemplo de linguagem em uso é um ‘texto’”, enquanto discurso é visto como “um elemento da vida social que é fortemente conectado a outros elementos”. Para um maior entendimento, temos a visão de Kress (1989, p. 450):

[...] textos são locais de emergência de complexos de significados sociais, produzidos numa história particular de situação de produção e guardando em vias parciais as histórias tanto dos participantes na produção do texto quanto das instituições que são evocadas.

Assim, quando um texto é construído, reflete um conjunto de elementos sociais que lhe atribuem significado e todos operam de maneira simultânea a fim de que o produto final contenha parte de tudo que lhe foi empregado, inclusive do veículo de comunicação utilizado, bem como a concepção daqueles que o constituem. Dessa forma, não há como dissociar os variados elementos contribuintes de significados tão relevantes para análise

crítica do discurso. Segundo Halliday e Hasan (1989), o texto é constituído de *significados*, os quais fundem-se formando uma unidade semântica composta por produto e por processo. O primeiro diz respeito ao fato de poder ser retirado e estudado em uma construção específica a qual pode ser representada em termos semânticos e o segundo por ser contínuo de transformação semântica, por causa dos movimentos do grupo de significados possíveis.

Dentro da relação entre tais elementos, Fairclough (2001) destaca três funções da linguagem ao levar em consideração os efeitos construtivos do discurso. A primeira refere-se às diferentes maneiras de estabelecimento das identidades sociais no discurso, denomina-se função **identitária**. A segunda está diretamente conectada ao modo de representação e de negociação das relações sociais entre participantes do discurso, trata-se da função **relacional**. A terceira abrange os modos de significação do mundo com seus processos, suas entidades e suas relações dentro dos textos - **interpretativa**. Por isso, o discurso deve ser analisado como uma categoria que se constrói dentro do domínio social. Na minha análise, a função identitária e a interpretativa destacam-se pelo fato de estarem intrinsecamente relacionadas ao discurso de “venda” da imagem de Brasília e de caracterização da cidade e de seus habitantes com base, sobretudo, nas entrevistas. Mas isso não exclui a relevância da função relacional, uma vez que se destacam a representação e a negociação em relação aos envolvidos no discurso por meio das relações sociais.

Ligada a essa idéia de “venda”, há o que Fairclough chama de prática discursiva, que está relacionada à produção, à distribuição e ao consumo textual. Segundo fatores sociais, a natureza de tais processos é alterada entre diversos discursos. Os contextos sociais de produção de textos possuem peculiaridades relativas a textos específicos, tendo em vista as variadas etapas pelas quais podem passar um determinado gênero textual, cuja produção envolve aspectos exclusivos daquele processo. Os contextos nos quais ocorre o consumo desses textos também varia, porque os participantes envolvidos atribuem diferentes interpretações para cada um deles, e a forma de consumo diferencia-se, ainda, pelo fato de alguns serem preservados, registrados, relidos; enquanto, outros são transitórios e esquecidos. A distribuição depende do contexto, já que com base nele pode ser simples ou complexa.

A produção, a distribuição e o consumo são pontos de destaque dentro do meu trabalho, tendo em vista que até o momento de veiculação dos anúncios publicitários o texto passa por diferentes processos. Embora não seja foco de minha pesquisa a construção desse gênero discursivo, é relevante mencionar pontos importantes para minha análise. A observação, por exemplo, dos elementos envolvidos na produção de um anúncio torna-se ponto de relevância. Como os anúncios analisados destacam a “venda” da imagem positiva

cidade de Brasília, o destaque para o veículo de comunicação, bem como para o Governo do Distrito Federal é evidente, pois é a imagem deste que acaba sendo “vendida” também. Os exemplos selecionados evidenciam a influência da publicidade sobre a conformação identitária dos leitores e potenciais consumidores. A participação dos anúncios em tal processo se configura na prática de construção de representações sociais sobre as relações entre as pessoas e a cidade, e a atribuição de valores subjetivos recoloca no “mercado” não só bem material e econômico, uma oferta de consumo, mas sim um bem simbólico e cultural.

Além disso, Fairclough (2001, p. 109) menciona a existência de dimensões ‘sociocognitivas’ específicas de produção e interpretação textual, centralizadas na relação interna entre a bagagem de conhecimento dos participantes do discurso e o propriamente dito. Isso significa que cada sujeito possui uma carga de conhecimento utilizada para produzir e interpretar textos. Por agirem de maneira automática e inconsciente, contribui para a eficácia ideológica. Dessa forma, podemos dizer que o discurso vem carregado de um conteúdo ideológico, que reflete o pensamento do grupo a que pertence e será interpretado dentro dos ‘recursos dos membros’. Nesse ponto, o autor destaca o conceito de ideologias diretamente relacionado à manifestação de relações de poder:

Ideologias são significações/construções da realidade que são construídas em várias dimensões das formas/sentidos das práticas discursivas e que contribuem para a produção, a reprodução ou a transformação das relações de dominação.(Fairclough, 2001, p. 117)

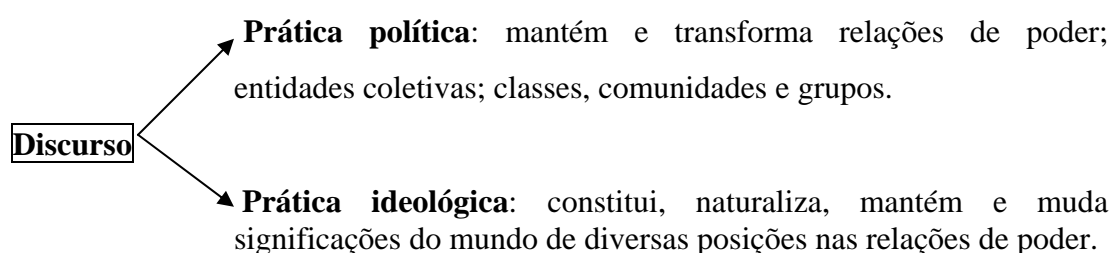
Isso corrobora a idéia de que o mundo da informação procura a todo instante, por meio de seu discurso, manipular ou dominar no sentido amplo da palavra. O jogo de palavras, bem como a seleção e a organização delas, provoca uma atmosfera propícia a uma situação de convencimento e de construção de idéias favoráveis aos interesses do produtor.

Na visão de Kress (1990), as ideologias determinam o arranjo dos discursos no texto em resposta a demandas de grandes estruturas sociais e, ainda, ressalta que a linguagem deve ser vista como prática social - uma entre muitas - diferenciada em seus efeitos e potencialidades. Daí, a necessidade de se analisar aspectos sociais dentro do texto e aceitar o fato da interação entre locutor e interlocutor como partícipes do processo comunicativo.

Para reafirmar a força que a ideologia possui dentro do discurso, torna-se necessário mencionar a posição de Fairclough e Wodak (1997, p. 392) quando dizem que

a ideologia é uma maneira particular de representar e de construir a sociedade que reproduz as relações desiguais de poder, as relações de dominação e de exploração. Assim, não há como fugir da influência ideológica permeadora dos discursos com os quais mantemos contato constantemente, seja por meio da linguagem escrita ou falada. Essa presença realiza-se basicamente em um processo responsável por articular representações específicas da realidade, bem como constituições identitárias, independente de serem particulares ou coletivas.

Nesse âmbito de discussão, é possível demonstrar uma bivalência no conceito de discurso:



Tais práticas mostram-se bastante semelhantes, podendo até entender que uma é parte da outra, ou melhor, a prática política seria uma das realizações da ideológica. Um ponto que relaciona claramente essa convergência surge quando vemos a presença de idéias supostas dentro dos textos. Consoante Fairclough (2003), existe uma propriedade pervasiva do texto – implícitos e suposições – que contribuem significativamente para a manifestação da ideologia. O autor diferencia três tipos principais de suposições:

1. existenciais: a respeito do que existe;
2. proporcionais: sobre as possíveis interpretações(é, pode ser ou será);
3. morais: sobre o que é bom ou desejável.

Além disso, o texto pode estar repleto de ideologias representadas de maneira implícita e cabe ao leitor interpretá-las e absolvê-las se for o caso. Dentro desse contexto, deparamo-nos com o conceito de hegemonia que foi tão bem explicitado por Fairclough (2001, p.122):

1. liderança tanto quanto dominação nos domínios econômico, político, cultural e ideológico de uma sociedade;
2. poder sobre a sociedade como um todo de uma das classes economicamente definidas como fundamentais em aliança com outras forças sociais;

3. construção de alianças de poder e a integração muito mais do que simplesmente a dominação de classes subalternas, mediante concessões ou meios ideológicos para ganhar seu reconhecimento;

4. foco de constante luta sobre pontos de maior instabilidade entre classes e blocos para construir e manter alianças e relações de dominação/subordinação, que assume formas econômicas, políticas e ideológicas.

A luta hegemônica caracteriza-se pela articulação e pela rearticulação de ordens de discurso (traços discursivos da contradição e da instabilidade constitutiva da hegemonia) e essas podem ser reproduzidas ou modificadas pela prática discursiva, pela produção, pela distribuição e pelo consumo de textos, além da interpretação deles. Instituições públicas e particulares sustentam a maior parte do discurso hegemônico. Logo, o equilíbrio na luta hegemônica é instável porque depende da aceitação de um certo senso comum – parcialmente de natureza ideológica - por parte das classes consideradas subalternas.

Uma abordagem de suma importância de Fairclough (2003) é a valorização dos diferentes níveis de representação incorporada ao discurso:

1. representações concretas e abstratas dos eventos sociais;
2. representação como recontextualização;
3. representação de processos, das pessoas envolvidas e das circunstâncias;
4. representações metafóricas (não-congruentes) dos processos;
5. representação dos agentes sociais;
6. representação de tempo e de espaço.

Com base em tais classificações, podemos observar traços relevantes para a análise textual, levando-se em consideração os diferentes elementos relacionados às práticas sociais e às estruturas sociais como representativos de processo mais complexo que envolve a linguagem.

Diante da exposição realizada acerca da ADC, tomando como eixo de sustentação e sistematização o posicionamento dos autores citados, apresentei uma das teorias que apoiaram este estudo. A escolha dessa linha de pesquisa deu-se pelo fato trabalhar um enfoque não apenas social, mas crítico, o que implica analisar de forma subjetiva e os diversos significados envolvidos em relações dialéticas. Não obstante, o que mais me interessa é trabalhar o discurso como prática social, pertencente a um contexto histórico-social e, portanto, acaba por produzir uma situação com traços históricos e sociais de igual relevância.

Ao analisar a construção ideológica e identitária dos sujeitos membros de uma comunidade como a de Brasília, o embasamento da ADC torna-se necessário e capaz de responder às diversas questões que circundam tal contexto. Dois pontos serão melhor explicitados por essa teoria: o conhecimento e reconhecimento das relações de poder marcadas pela ideologia e a análise das identidades reveladas dentro do processo discursivo. Daí, a relevância da relação dialética do discurso, que é moldado por situações, instituições e estruturas sociais e molda situações, objetos de conhecimento, identidade social, relações entre pessoas e grupos entre si (Fairclough e Wodak, 1997).

2.2. A Importância de um Estudo Ideológico para a Análise Discursiva

Em busca de um conceito para ideologia, muitos autores pesquisaram e analisaram idéias, entretanto apenas alguns alcançaram o objetivo. Além disso, surgiram opiniões convergentes e divergentes. A relevância de tal definição para a minha pesquisa está no fato de que a construção da identidade dos sujeitos está sempre relacionada às relações ideológicas que os circundam.

2.2.1. Concepções marxistas e concepções althusserianas

No marxismo, o homem é aquilo que provém de suas relações sociais; o homem não nasce homem e, quando muito, torna-se escravo das relações de produção e das forças produtivas. Alguns equívocos afirmam o determinismo econômico em Marx e com isso a negação da liberdade, mas o que há entre as estruturas de relações de produção e forças produtivas é uma correspondência que é, sobretudo, externa sendo cada estrutura bastante autônoma. O ser humano é consequência da estrutura das relações sociais que são correspondentes à das relações de produção. O humanismo marxista cede ao ideário burguês ao passo que o homem em Marx é livre sendo um homem 'genérico' em oposição ao homem 'egoísta'.

Marx e Althusser questionam a ideologia e a dialética. A ideologia é compreendida como dissimulação da verdade ou como distorção cognitiva, sendo mais comum entre os autores a primeira compreensão ao passo que Marx se deteve sobre a segunda. Althusser (1974) considera ideologia um mecanismo de interpelação dos sujeitos o qual representa uma forma imaginária de relação social. E ao ser vista como estrutura de uma sociedade de classes, pode assumir várias formas: moral, religiosa, jurídica, política. No capitalismo moderno, ela é uma ideologia jurídica - a dos direitos do homem -, e no capitalismo tardio, ela é uma ideologia tecnocrática. Tal ideologia pode ter como função conduzir as classes dominantes e a sociedade a uma unificação, mesmo sendo considerada por Althusser, um fenômeno superestrutural.

A sociedade capitalista do século XXI produz e reproduz a ausência da luta de classes, o fim da rebelião operária e um ficcional partido revolucionário proletário. Esse é o mundo político da hiper-realidade. Positivamente, gera a rebelião das multidões como uma maneira de restaurar a dialética do capital, que ao ser finalizada significa o fim da sociedade capitalista. Só existe capitalismo *universal* (Hegel) com o fim das contradições capitalistas. E o fim das contradições capitalistas significa, simplesmente, o fim da existência do capital. Hoje, a sociedade capitalista aboliu-se como dialética social. Os conflitos atuais desta sociedade não são mais conflitos dialéticos. Embora tenham a aparência de dialéticos, são parte de uma dialética hiper-real.

E a importância desse posicionamento em meu estudo dá-se, por meio da constatação de que interesses capitalistas são a base das relações de poder, sobretudo, no que se refere à imagem de Brasília perante o Brasil e até o mundo. Os anúncios que melhor revelam essa realidade são aqueles veiculadores da imagem do governo do Distrito federal.

2.2.2. Hegemonia e cultura – bases da ideologia

Gramsci e Althusser, no cenário dos estudos culturais britânicos, contribuíram para o estabelecimento de uma ligação com o marxismo. Seja no sentido de aproximar ou distanciar. O conceito de hegemonia é a base dos estudos de Gramsci, principalmente quando entendemos que ela não é uma construção monolítica, e sim o resultado das medições de forças entre blocos sociais atuantes em certo contexto histórico. Portanto, o regime de hegemonia comporta espaços de lutas e de deslocamentos dentro de si, sobretudo os que se

expressam por meio da cultura e da comunicação. Nessa perspectiva, avalia-se que as relações de poder estão atravessadas por contradições que, em maior ou menor grau, entreabrem possibilidades de reversão das formas de domínio material e imaterial.

Para uma visualização mais ampla do assunto é necessário comentar o conceito de cultura. Em Gramsci, a noção da cultura é levantada nos termos da luta para estabelecer a hegemonia social, conseqüentemente, como um campo na disputa, em cujo funcionamento intervêm as diferentes instituições.

Conseqüentemente, a cultura é erguida no centro de uma tensão entre mecanismos de dominação e de resistência. A apreciação dos conteúdos ideológicos em uma cultura não consiste apenas em captar, em um contexto determinado, o que há nos sistemas de valores, nas representações envolvidas, que atuam como o impulso dos processos de resistência ou de aceitação do mundo social tal como é.

Tudo isso está preso ao imaginário social que vem a ser um conjunto de relações imagéticas que atuam como memória afetivo-social de uma cultura, um fundamento ideológico sustentado pela comunidade. Trata-se de uma produção coletiva, já que é o depositário da memória que a família e os grupos recolhem de seus contatos com o cotidiano. Nessa dimensão, identificamos as diferentes percepções dos atores em relação a si mesmos e de uns em relação aos outros, em outras palavras, de que maneira eles se observam como constituintes de uma coletividade.

O enfoque gramsciano propõe uma reflexão sobre a ligação que o estado mantém com a sociedade civil e um questionamento sobre as culturas populares, a respeito da noção de "nacional-popular" e, ainda, sobre a função dos intelectuais na construção da hegemonia de um grupo social. Tal abordagem destaca como ponto crucial desse problema, o papel desempenhado pelas ideologias como instrumentos estratégicos de uma dominação hegemônica, ou seja, da capacidade de um grupo social desempenhar um papel de direção intelectual e moral, para construir uma relação de poder que não se esgote nem se limite na mera força ou na conseqüência mecânica das relações econômicas de produção.

2.2.2.1. O conceito de hegemonia e de cultura

Etimologicamente, hegemonia deriva do grego *eghestai*, que significa "conduzir", "ser guia", "ser chefe", e do verbo *eghemoneuo*, que quer dizer "conduzir", e por derivação "ser chefe", "comandar", "dominar". *Egheмония*, no grego antigo, era a designação para o comando supremo das Forças Armadas.

Para Gramsci (1991, p. 137),

É preciso deixar de conceber a cultura como saber enciclopédico no qual o homem não é considerado apenas um mero recipiente que há de se encher e sustentar com o empírico, feitos em dados brutos e desconexos que terá assim que para se classificar no cérebro como nas colunas de um dicionário que pode responder, em cada ocasião, aos estímulos diversos do mundo externo. Essa forma da cultura é verdadeiramente prejudicial, especialmente para o proletariado. (...) mas isso não é cultura, mas o pedantismo; não é inteligência, mas intelecto, e é direito reagir contra ele. (...).

Assim, Gramsci integra ao conceito de cultura, também, consciência:

a cultura é uma coisa muito diferente. É organização, disciplina do eu interior, apoderação da personalidade própria, conquista da consciência superior por que se compreende a o valor histórico que cada um possui, sua função na vida, seus direitos e seus deveres. Mas tudo isso não pode acontecer por evolução espontânea, por ações e por reações independentes da vontade de cada um... O homem é principalmente espírito, isto é, criação histórica, e natureza (...) A consciência unitária do proletariado formou-se ou está se formando por meio da crítica da civilização capitalista, e crítica significa cultura, e a não somente evolução espontânea e naturalista.

Em Gramsci, a elaboração de uma teoria empírica no papel da ideologia deve ser sustentada na prática política ativa. Dessa maneira, toda revolução foi precedida por um trabalho intenso de crítica, penetração cultural, permeação de idéias. E, então, proliferar mudança de pensamentos e opiniões para atingir um grau de transformação necessário à vida em sociedade.

Com base em tais pensamentos, é possível analisar de forma pertinente todo o contexto histórico-cultural que envolve a presença marcante da arquitetura de Brasília em anúncios publicitários, bem como fazendo parte da realidade e do cotidiano do povo que nela vive. As mudanças ocorridas a partir da construção da capital proporcionaram uma nova visão do contexto cultural a que essa população pertencia. Todas as críticas surgidas na época e, ainda, no momento atual não permitiram a destruição desse gigantesco projeto. Mesmo que, em princípio, parecesse um feito individual, aos poucos vem demonstrando o caráter histórico que a permeia.

O conceito de hegemonia em Gramsci não se liga apenas ao estudo da sociedade italiana. Trata-se de um conceito bem mais amplo, que resulta da percepção por parte de Gramsci de que, nas sociedades mais complexas do "Ocidente", o Estado se "ampliou",

adquiriu novas determinações que ainda não existiam na época de Marx e Engels e na sociedade russa em que Lenin operou. Essas novas determinações resultaram da socialização da política (nascimento de sindicatos, formação de partidos de massa, conquista do sufrágio universal e outras manifestações), ocorrida, sobretudo, a partir de 1870. Tal socialização leva à criação de uma nova esfera do ser social, que Gramsci chamou precisamente de “sociedade civil” (esse é composto pelos intermediários entre o estado e a economia), num sentido muito diverso daquele presente no uso deste termo por Marx. Com isso, o Estado deixou de ser o simples “poder de opressão” de uma classe sobre outra, deixou de agir apenas por meio da coerção e passou a adotar também, como recurso de poder, a busca do consenso, da legitimação, da direção intelectual e moral, que se veiculam por meio da adoção por uma classe (ou bloco de classes) dos valores inicialmente formulados por outra classe (ou bloco de classes). É essa direção intelectual e moral que Gramsci chamou de hegemonia. Assim, esse conceito tem no pensamento com Gramsci superar evidente com as limitações que envolvem determinada noção abstrata de ideologia, quando considera a luta política como o elemento integral das práticas sociais.

A multiplicidade de táticas políticas do poder dominante requer o consentimento dos dominados, suportando-se, também, nas práticas dos contra-hegemônicos que, uniformes, são constituintes desse mesmo poder. Dentro desse contexto, a luta pela hegemonia descansa na consolidação de marcas morais, sociais e intelectuais a permear uma “concepção de mundo” em todas as redes sociais de uma perspectiva simétrica com os interesses dessa mesma sociedade.

A hegemonia organizada pelos intelectuais orgânicos não é a forma pela qual os grupos e as formações sociais dominantes guiam uma sociedade, devido à compensação entre a força e a persuasão, que obtém graças ao exercício de uma liderança intelectual e moral.

Os intelectuais são ‘dependentes’ do grupo dominante para o exercício das funções subordinadas da hegemonia social e do governo político, ou seja: 1) do consenso espontâneo que a grande massa da população concede à direção da vida social que imprime o grupo dominante fundamental; consenso que “historicamente” vem do prestígio (e conseqüentemente da confiança) que o grupo dominante obtém de sua posição e de sua função no mundo da produção; 2) do instrumento da coerção do estado que assegura ‘legalmente’ a disciplina daqueles grupos que não ‘consentem’ nem ativamente nem passivamente, mas que está constituído por toda a sociedade na previsão dos momentos da crise do controle e da direção no que vem a faltar ao consenso espontâneo. (Gramsci 1991, p. 9)

Uma versão que pressupõe a existência de sociedades com um nível elevado do consenso, em que as classes subordinadas parecem subscrever de maneira ativa esses últimos

valores, objetivos sociais e significações culturais que os registram na estrutura dominante do poder. O consenso implícito não exclui a presença das situações conflituosas na sociedade, as quais quase sempre são fechadas temporariamente dentro das ideologias.

O que continua sendo problemático nesta teoria da hegemonia é a definição dos limites do consenso e da relação com o assunto e seus formulários da aceitação implícita, de não resistência ou de resistência. O marxismo ampliaria a definição às relações entre as classes sociais e especialmente às definições de um líder da classe. É em Gramsci que a palavra adquire um sentido mais significativo ao concebê-la como um entrelaçamento de forças políticas, sociais ou culturais. As vantagens, ao interior da teoria cultural do uso desse conceito são inclusão e extensão de dois conceitos anteriores: esse de “cultura” como “processo total” social, em que os homens definem suas vidas e configuram-na; e esse de “ideologia”, no qual um sistema de significados e de valores constitui a expressão ou a projeção de um interesse particular da classe. O conceito de hegemonia tem um alcance maior que o de cultura por sua insistência em relacionar o “processo social total” com as distribuições específicas do poder e da influência.

O mais importante não é somente o sistema consciente de idéias e de crenças, mas todo o processo social vivido, organizado praticamente pelo significado e por valores específicos e dominantes. O conceito da hegemonia mostra sua recusa em igualar a consciência com o sistema formal articulado que habitualmente é identificado como ideologia. A hegemonia não é somente o nível superior articulado de “ideologia” nem qualquer uma de suas formas de controle consideradas normalmente como “manipulação” ou “doutrinação”. “Constituem todo um corpo de práticas e de expectativas com relação a totalidade da vida: nossos sentidos e doses de energia, as percepções definidas que temos de nós mesmos e de nosso mundo” (Gramsci, 1991: 363-364). É um sistema de significados e de valores – fundamentais e constitutivos - que na medida em que são experimentados como práticas parecem se confirmar reciprocamente.

Uma hegemonia é sempre um processo. É um complexo eficaz das experiências, das relações e das atividades que têm limites e pressões específicos e transformadores. Realmente, nunca pode ser individual. Não ocorre de maneira passiva como uma forma de dominação. Deve continuamente ser renovado, defendido e modificado. É resistido continuamente, limitado, alterado, definido por pressões. As formas alternativas ou opostas da política e da cultura existem na sociedade como elementos significativos e são importantes não somente por isso, mas como as características indicativas de que na prática realmente teve de atuar o processo hegemônico com a finalidade de exercer seu controle. A hegemonia de

um grupo social equivale à cultura que esse grupo conseguiu generalizar para outros segmentos sociais.

2.2.2.2. Hegemonia e ideologia

O conceito de hegemonia estende e enriquece a noção de ideologia; também concede a esse termo um corpo material e uma inclinação política. Com Gramsci, efetuou-se a transição de ideologia como “sistema de idéias” para uma prática social que deve incluir as dimensões não articuladas da experiência social além do funcionamento das instituições formais.

Esse conceito será utilizado como ponto de partida desse trabalho que está diretamente ligado à idéia de transformação e processo inerentes à história da construção arquitetônica de Brasília. Não podemos deixar de considerar que o movimento de um elevado grupo de brasileiros deu origem a novos traços culturais e hegemônicos, apesar desses estarem sob influência de um grupo dominante, cujo discurso de manipulação caracterizava as relações de poder existentes.

O reflexo da dominação encontra-se presente, por exemplo, na marca registrada da imponência arquitetônica de Brasília. A publicidade, tendo como peculiaridade a linguagem persuasiva, aproveita-se das idéias determinantes desse contexto, que pertence à realidade das pessoas que vivem na capital. Diante disso, temos o poder hegemônico presente nessa sociedade.

Com o objetivo de melhor esclarecer o papel da cultura em relação a esse conceito, de acordo com Gramsci ela deve substituir o sentido comum e as velhas concepções do mundo (ideologia). Assim, todo movimento cultural orientado para a mudança, terá que responder à satisfação das seguintes necessidades:

- 1) não cansar-se nunca de repetir os argumentos (variando literalmente a sua forma); a repetição é o meio didático mais eficaz para agir na mentalidade popular;
- 2) trabalhar constantemente para elevar intelectualmente camadas populares mais amplas, isto é, dar personalidade ao elemento amorfo da massa, que significa trabalhar para suscitar elites de intelectuais de um tipo novo, que surjam diretamente da massa e permaneçam em contato com ela. Essa segunda necessidade, se for

satisfeita, modifica realmente o “panorama ideológico” de um momento. Por outro lado, essas elites não podem se constituir nem se desenvolver sem que em seu interior verifique-se uma hierarquização de autoridade e de competência intelectual, que pode culminar em um grande filósofo individual, se esse puder concretamente ao reviver as exigências da maciça comunidade ideológica, de compreender que essa não pode ter a agilidade do movimento próprio de um cérebro individual, e se, por tanto, conseguir elaborar formalmente mais a doutrina coletiva da maneira mais fiel e apropriada às maneiras de pensar de um pensador coletivo. (Williams, 1980 p.15).

Na produção cultural, as condições de dominação estão geralmente desobstruídas em determinadas instituições e em formas dominantes. Essas podem aparecer como desconectadas das formas sociais dominantes, mas a eficiência de ambas depende de sua integração profunda. Os dominados por tais formas consideram-nas freqüentemente como naturais e necessárias, enquanto quem domina, na área da produção cultural, pode ser consciente da forma bastante desigual dessas conexões práticas.

As atividades vivas e materiais - desde as formas de pensar até os rituais de consumo – realizam sua reprodução por meio das atividades que Althusser definiu como os Aparelhos Ideológicos do Estado, ou seja, a família e as organizações políticas, religiosas e culturais, as organizações dos meios e as educativas... A ideologia atua por meio dessas instituições que têm como função construir indivíduos empíricos enquanto sujeitos, entendidos como submetidos à estrutura. Althusser chama de interpelação a operação ocorrida devido à ideologia realizar uma função de recrutamento dos sujeitos entre os indivíduos ou de transformação dos indivíduos em sujeitos. Para aqueles que trabalham dentro de um contexto crítico, o risco é paradoxal, já que se afirmava, teoricamente, que o sistema de reprodução capitalista dos indivíduos funciona com tanta perfeição exclui qualquer possibilidade de mudança.

O conceito de aparelho privado de hegemonia não se confunde com o de Althusser sobre os aparelhos ideológicos de Estado. A teoria althusseriana defende uma ligação umbilical entre Estado e aparelhos ideológicos, enquanto a de Gramsci pressupõe uma maior autonomia dos aparelhos privados em relação ao Estado em sentido estrito. Essa autonomia abre a possibilidade — que Althusser nega explicitamente — de que a ideologia (ou o sistema de ideologias) das classes oprimidas obtenha a hegemonia mesmo antes de tais classes terem conquistado o poder de Estado.

Em condições de hegemonia, a burguesia solidariza o Estado com as instituições que zelam pela reprodução dos valores sociais, a isso Gramsci chama de Estado ampliado. Essas instituições teriam comportamento semelhante ao dos aparelhos ideológicos de Estado,

segundo o enfoque de Althusser. A diferença relevante entre a visão de Althusser e as instituições de hegemonia de Gramsci está no fato de o teórico italiano ter salientado que a solidariedade dos aparelhos ideológicos com o Estado não decorre de um atributo estrutural imutável. As classes subalternas podem visar, como projeto político, à separação de determinados aparatos ideológicos da sua aderência ao Estado, a fim de se tornarem agências privadas de hegemonia sob sua direção.

Gramsci contribuiu notoriamente a respeito do choque pela hegemonia no âmbito da sociedade civil sendo proporcionando-nos a meditação sobre o desempenho dos meios de comunicação. É preciso analisá-los, sobretudo, como lugares de produção de estratégias que objetivam reformular o processo social, e não somente como suportes ideológicos dos sistemas hegemônicos de pensamento. Não podemos deixar de reconhecer a sistemática reflexão intensa dos discursos dominantes nas mídias, temos de considerar que debates, polêmicas e contradiscursos manifestam-se nos conteúdos informativos.

Os aparatos midiáticos não operam visando apenas mascarar fatos ou distorcê-los. Tal atitude estaria, no mínimo, menosprezando a percepção da audiência e desconhecendo as exigências da forte concorrência no mercado da comunicação. Na verdade, nem tudo o que se divulga está contaminado pelas ideologias rígidas capazes de fraudar a vida, que é indiscutivelmente complexa e diversificada. No momento marcante da informação abundante e em tempo real, os modelos se atualizam e as maneiras de relação com o público se refinam. O reprocessamento ideológico passa por trabalho de sofisticação, no qual há substituição de formas clássicas por um *marketing* mais leve, sedutor e fascinante, atraindo os cidadãos-consumidores, por exemplo, com apelos à interatividade.

A reverberação sobre a forma com a hegemonia atua no seio da sociedade por meio da mídia leva-me a buscar as causas, ou melhor, as diversas manifestações dessa ação dentro da cidade de Brasília para observar como as ideologias operam na construção da identidade desse referente social.

2.2.3. A dupla face das ideologias

As ideologias podem legitimar o abuso do poder, mas também podem servir à resistência e para denunciar a dominação e a desigualdade. No geral, todas as ideologias

sociais e políticas enfatizam um ou mais valores sociais (democracia, liberdade, igualdade, independência), que fornecem pontos de referência ao grupo para que seja possível a construção de sua identidade. Em todo o caso, os valores do positivo que definem a ordem moral de uma sociedade são usados por todos os grupos para a legitimação de seus próprios interesses e objetivos. Nos grupos dominantes, os valores podem ser usados legitimando sua dominação e nos grupos dominados, legitimando sua oposição, sua dissidência ou sua resistência. No exemplo do conhecimento social, as ideologias supervisionam como os usuários da língua usam o discurso e, assim, muitos membros dos grupos ou organizações (dominante, dominado ou competindo), e na tentativa de realizar os interesses sociais ou para resolver os conflitos sociais.

Ao mesmo tempo, o discurso é necessário para a reprodução das ideologias de um grupo. Uma pergunta importante: que fazem os povos com as ideologias? A resposta é que as ideologias estão desenvolvidas por grupos dominantes para reproduzir e para legitimar sua dominação. O discurso nessa aproximação é essencialmente o meio por que as ideologias se comunicam de uma maneira persuasiva na sociedade e, dessa maneira, ocorre a reprodução do poder e da dominação de grupos ou de classes específicas.

A função social das ideologias é principalmente servir como a relação entre os interesses coletivos do grupo e das práticas sociais individuais. Van Dijk (1998) defende que as ideologias são as representações mentais que dão forma à base da cognição social, ou seja, do conhecimento e das atitudes compartilhadas de um grupo. Isso significa que possuem uma função social de coordenação, e que têm também funções cognitivas da organização da opinião: em um nível muito geral do pensamento, dizem os povos que são sua posição e o que devem pensar sobre as perguntas sociais.

Segundo Teun van Dijk (1998), as ideologias têm como funções básicas: legitimar o poder e a desigualdade (aspectos negativos), habilitar os grupos dominados, gerar solidariedade, organizar a luta e sustentar uma oposição (aspectos positivos). Em ambos servem para proteger os interesses e os recursos, ainda que persigam privilégios injustos ou condições mínimas de existência. De um modo mais neutro e geral, as ideologias servem aos grupos e a seus membros na organização e no manejo de seus objetivos.

O autor questiona se a noção muito geral e difusa de grupos “dominados”, oriunda da tradição marxista, que define “classe” sob uma ótica socioeconômica, é realmente uma construção realista ou se esses grupos existem à medida que compartilham coletivamente fragmentos da ideologia de elite ou se têm, pelo menos, algum tipo de interesse compartilhado. Além disso, acrescenta que existem estratégias de controle ideológico, como:

1. evitar a solidariedade entre grupos não-dominantes;
2. evitar ou atenuar a identidade a identificação de grupo que é uma consequência essencial para a aquisição de esquemas ideológicos de outros grupos; e
3. limitar o acesso ao discurso público.

Se as ideologias devem representar os interesses e a autodefinição de cada grupo, deve existir um esquema do grupo mental que tem contrapartes das categorias sociais para descrever uma identidade do grupo: propriedade, atividades, objetivos, valores, posição e recursos. Para a análise ideológica do discurso, as primeiras circunstâncias são contextuais: os usuários da língua devem falar ou escrever como membros dos grupos. O conflito social, a luta e a oposição são critérios essenciais para a definição do grupo: os grupos dominantes desenvolvem uma ideologia que sirva à reprodução como sua dominação; e os grupos dominados desenvolvem uma ideologia como base para suas atitudes, opiniões, práticas e discursos da resistência ou da oposição. Os grupos devem ser relativamente organizados ou institucionalizados e com um critério para o recrutamento dos membros baseados na identificação de um jogo das propriedades (como atividades, objetivos, normas, valores, recursos, a posição dos grupos compartilhados com respeito a outros grupos).

2.2.4. Influências ideológicas da cultura moderna

Nesse estudo, tomamos a noção de “ideologia” como sendo um mecanismo de instauração e manutenção de assimetrias em diversos níveis. Segundo essa concepção, para que um discurso (fala, texto, imagem, etc.) seja ideológico, ele deve servir para estabelecer e sustentar relações de dominação, numa concepção em que “estabelecer” significa que o sentido pode criar ativamente e instituir relações de dominação; e “sustentar” significa que o sentido pode servir para manter e reproduzir relações de dominação por meio de um contínuo processo de produção e recepção de formas simbólicas, ou seja, “estudar a ideologia é estudar as maneiras como o sentido serve para estabelecer e sustentar relações de poder.” (Thompson, 1995, 76)

O autor pretende desenvolver uma nova formulação do conceito de Ideologia, ao invés de reabilitar alguma concepção anterior do seu significado ao longo da história. Em um

primeiro momento, ele acredita que a análise da Ideologia, de acordo com a sua proposta, está interessada nas maneiras que as formas simbólicas se entrecruzam com as relações de poder e como o sentido é mobilizado no mundo social, servindo para reforçar pessoas e grupos que ocupam posições de poder.

A fim de desenvolver essa reformulação da categoria de Ideologia, Thompson destaca três aspectos que merecem atenção:

1. a noção de sentido;
2. o conceito de dominação; e
3. as maneiras como o sentido pode servir para estabelecer e sustentar relações de poder.

Dessa forma, esclarece que devemos nos ater no sentido das formas simbólicas que estão inseridas nos contextos sociais e circulando no mundo social. Para ele, formas simbólicas são: “Um amplo espectro de ações e falas, imagens e textos, que são produzidos por sujeitos e reconhecidos por eles e outros como construtos significativos” (1995, p. 79). Porém, o autor ressalta que além das falas lingüísticas e das expressões faladas ou escritas, as formas simbólicas também podem ser uma imagem ou uma imagem com palavras.

Para analisar o caráter significativo das formas simbólicas, Thompson acredita que a localização social e o contexto em que as pessoas estão inseridas fornecem aos indivíduos diferentes graus de poder, isto é, a capacidade que cada pessoa tem de tomar decisões, conseguir seus objetivos e realizar seus interesses. Assim ocorre a “dominação”, quando as relações estabelecidas de poder são “sistematicamente assimétricas”, ou seja,

quando grupos particulares de agentes possuem poder de uma maneira permanente, e em grau significativo, permanecendo inatingível a outros agentes, ou a grupos de agentes, independente da base sobre a qual tal exclusão é levada a efeito' (Thompson 1995, p, 80).

É preciso focalizar a questão do modo como as informações são transmitidas, visto que nessa pesquisa será dada ênfase à análise de anúncios publicitários. É importante ressaltar que na recepção são estabelecidas relações sociais, culturais, análise de conteúdos, formas de produção, veiculação e circulação da mensagem. O estudo de recepção não está desvinculado do campo da produção - como ela é organizada, programada - do domínio ideológico, político e cultural da mídia, que está concentrada nas mãos de uns poucos empresários e políticos, no caso brasileiro. São fatores que devem ser levados em consideração nas pesquisas de recepção. No processo de comunicação, dois campos se

intermeiam. Os campos do emissor e do receptor estão inter-relacionados, envolvidos nos mesmos protocolos de intenções, portanto não existindo hegemonia de um sobre o outro.

Thompson após definir sentido e dominação, apresenta cinco categorias por meio das quais a ideologia pode operar: **Legitimação, Dissimulação, Unificação, Fragmentação e Reificação**. Esses modos ajudam a analisar as maneiras de que o sentido pode servir, em condições sócio-históricas específicas, para manter relações de poder. É necessário verificarmos a caracterização de tais modos de operação da ideologia, bem como algumas estratégias típicas de construção simbólica:

1- **Legitimação**: é a necessidade de legitimar as relações de poder.

- a) Racionalização: o produtor da forma simbólica usa uma cadeia de raciocínio, para defender a relação.
- b) Universalização: a estratégia serve ao interesse de todos.
- c) Narrativização: as histórias contam o passado e fazem do presente algo eterno e aceitável.

2- **Dissimulação**: as relações de poder são estabelecidas e sustentadas pelo seu ocultamento.

- a) Deslocamento: as conotações são transferidas, mudadas em relação a uma pessoa ou objeto.
- b) Eufemização: ações ou relações sociais são descritas de modo positivo.
- c) Tropo: uso figurativo da linguagem no discurso.

3- **Unificação**: ligação dos indivíduos, como uma unidade.

- a) Padronização: um fundamento aceitável entre todos.
- b) Simbolização da unidade: construção de uma identidade coletiva, como a bandeira nacional, o hino e outros.

4- **Fragmentação**: segmentação dos grupos que podem ameaçar uma relação de poder.

- a) Diferenciação: tem o objetivo de desunir os grupos os enfraquecendo.
- b) Expurgo do outro: construção do inimigo.

5- **Reificação**: as relações de poder podem ser estabelecidas e sustentadas pela retração de uma situação transitória, histórica, como se essa situação fosse permanente, natural, atemporal. Envolve a eliminação do caráter sócio-histórico.

- a) Naturalização: o estado das coisas faz parte de uma criação social, porém tratado como um acontecimento natural.

- b) Eternalização: os fenômenos sócio-históricos não possuem caráter histórico, ou seja, são permanentes e imutáveis.
- c) Nominalização/ Passivização: ocorre, quando as descrições das ações são transformadas em nomes, dando ênfase em alguns pontos, destacando somente o que o interlocutor permite, desprezando fatos que não o interessam.

A categoria de Ideologia para Thompson, amparada nessa reformulação, procura chamar a atenção para as maneiras como o sentido é mobilizado a serviço dos indivíduos e dos grupos dominantes, isto é, as maneiras como o sentido é construído e transmitido pelas formas simbólicas e serve, em circunstâncias particulares, para estabelecer e sustentar relações sociais estruturadas no jogo do poder, do dominado e do dominante, no qual uns buscam preservar e outros procuram contestar. Assim,

do estudo da ideologia, entendido neste sentido, mergulha, então, o analista no campo do sentido e do poder, da interpretação e da contra-interpretação, onde o objeto de análise é uma arma empregada numa batalha que se trava no terreno dos símbolos e dos signos (Thompson 1995, p. 96).

Em decorrência do exposto, a análise que aqui será realizada tem por marca registrada a procura de respostas para as indagações que permeiam o poder da imagem histórica, cultural e ideológica resgatada pela publicidade de Brasília. Por meio de um discurso, embora sucinto e objetivo, são constatadas relações de poder que tiveram origem no passado, porém tornam-se cada vez mais resistentes com a evolução histórica.

Os modos de operação da ideologia apresentados por Thompson serão de grande valia par esse estudo, uma vez que o discurso publicitário trabalha de maneira marcante tais modos, sobretudo a **legitimação** e a **unificação**. A primeira resgata a idéia de que a arquitetura da capital é uma demonstração das relações de dominação representadas de forma legítima, mesmo não estando ao alcance de seu povo. A segunda procura unificar todos como participantes de uma unidade coletiva, tendo em vista que, independente do grau de ação, contribuiu para a realização do monumento como um todo.

2.2.5. A presença das formas simbólicas nas sociedades modernas

Thompson considera as formas simbólicas como fenômenos sociais. Assim, é possível afirmar que a existência dos meios de comunicação de massa possui um papel categorial no que se refere à representação dessas formas dentro da sociedade moderna. Um traço bastante forte pertencente a tal realidade é a maneira por meio da qual uma forma simbólica é fixada, levando-se em consideração o meio técnico de transmissão; o aparato institucional envolvido e o distanciamento espaço-temporal presente na transmissão.

O principal responsável pelo grau de fixação de uma forma simbólica é o meio técnico de transmissão, uma vez que é por intermédio dele que conseguimos resgatar grande parte das informações difundidas. Um exemplo importante para a análise realizada aqui é o caso do anúncio publicitário pelo fato de trabalhar com elementos variados, podendo surgir de diferentes maneiras como em panfletos, *out doors*, revistas, jornais e outros. Além da possibilidade de preservação para uso posterior quando considerado uma fonte significativa de informação.

O meio técnico, também, está diretamente ligado ao grau de reprodução de uma forma simbólica, porque dependendo do meio um determinado texto, por exemplo, pode ser reproduzido em alta escala e atingindo um número cada vez maior de receptores. A participação daqueles envolvidos no processo é um atributo importante do meio técnico, tendo em vista que esse requer de seus receptores o desenvolvimento de infinitas habilidades para conseguir codificar e decodificar as informações existentes.

Um ponto relevante a ser mencionado acerca da comunicação de massa é o aparelho institucional envolvido na realização da mensagem. Nesse âmbito, existem vários elementos constituintes, como regras, recursos, relações de poder ao estabelecer uma hierarquia entre os componentes da instituição. Com relação aos anúncios, os quais apresentam imagens de Brasília é notório, em alguns deles a presença marcante da ideologia e relações de poder emanadas do Governo do Distrito Federal. Isso porque se trata de publicidade que divulga, sobretudo, a cidade como fator de grandeza e modernidade em relação às outras capitais do Brasil. É na verdade a força de uma forma simbólica, manifestada principalmente com base em objetivos particulares: a promoção da imagem do Governador do Distrito Federal.

Quanto ao distanciamento espaço-tempo, é visível o papel dos meios de comunicação presente na sociedade moderna, pois privilegia a posição de muitos que pretendem perpetuar seu poder ao longo do tempo e atingir pessoas de localizações diferentes. No caso de Brasília, a representação simbólica carregada por sua imagem chega a quase todo o Brasil e, ainda, pode ser vista em diferentes países basta que tenham acesso a meios de comunicação responsáveis por tal difusão.

Dessa forma, não se pode escapar do poder existente no contexto social de que fazemos parte. A capacidade de reprodução mediada está invadindo nosso espaço de maneira avassaladora a ponto de criar novas crenças, novos propósitos e, principalmente, novas formas simbólicas. Nesse trabalho, quero tomar como base teórica para o estudo da ideologia, sobretudo, Thompson, já que parte do *corpus* diz respeito, também, ao papel dos meios de comunicação social como participantes do desenvolvimento de instituições que, por meio das relações de poder, atingem seus interesses e objetivos.

Além disso, a linha de pensamento de Thompson aproxima-se da visão de Fairclough, por valorizar qualquer prática discursiva, já que cada evento pertence a um todo ideológico. Assim, optarei por trabalhar com base no conceito de ideologia proposto por Fairclough (1992a):

Significações/construções da realidade (o mundo físico, as relações, as identidades sociais que são construídas em várias dimensões das formas/sentidos das práticas discursivas e que contribuem para a produção, a reprodução ou a transformação das relações de dominação.

Sendo tal definição, enriquecida por Thompson quando se refere a “formas simbólicas” e outros usos de linguagem como ideológicos utilizados para fins de dominação. Tudo isso explorado por meio dos diferentes modos de operação da ideologia e as estratégias de construção simbólicas propostos pelo autor.

2.3. Construindo a Identidade do Sujeito

Sendo a questão principal da pesquisa “como o sujeito brasileiro constrói sua identidade?”, é inevitável trabalhar de maneira significativa o conceito de identidade, seja no singular ou no plural. É importante destacar que a ampliação do assunto não será problema, pois procurarei direcionar minha análise à idéia de construção identitária.

2.3.1. Identidade segundo a Psicanálise

O conceito de identidade vem sendo discutido com base em diferentes abordagens. A psicanálítica é uma delas. Para estabelecer uma relação entre linguagem e identidades, Chnaiderman (1994) refere-se a Lacan e a Freud com o objetivo de esclarecer um maior entendimento em torno da polêmica existente sobre tal conceito. Chnaiderman menciona a importância do conceito de *self* – “pessoa total de um indivíduo na realidade, inclusive o próprio corpo e a própria organização psíquica; a ‘própria pessoa’ de alguém, em contraste com ‘outras pessoas’ ou objetos situados fora desse alguém”. (apud Burness e Fine, 1992, p. 190). Assim, não se pode negar o valor do individual e do coletivo quando falamos em identidades. A noção de *self* corrobora com tal idéia, uma vez que visa à organização e ao desenvolvimento de tudo que envolve as experiências do indivíduo.

Seguindo por esse campo semântico, Chnaiderman (1994) chama atenção para a visão de Freud quando esse fala sobre “identidade de percepção” e “identidade de pensamento”. Freud trabalha com as várias identificações que acumulamos ao longo de nossa trajetória; logo, cada sujeito possui um conjunto de elementos que o constituem. Chnaiderman (apud Guattari, 1986) destaca a visão de Freud a respeito da subjetividade, mostrando que essa não pode ser totalizada ou centralizada no indivíduo, visto que é construída dentro do âmbito social.

Chnaiderman (apud Montes, 1996) destaca a necessidade do indivíduo de construir sua identidade por meio da identificação com o outro, ou seja, o poder da alteridade. Partindo desse pressuposto, como estamos submetidos a diferentes contatos e situações adversas, acabamos por formar identidades que não chegam a ser homogêneas, mas sim complexas e mutáveis. Além disso, Lacan defende que um sujeito psíquico é constituído por meio de um outro.

Chnaiderman (1994, p. 54) afirma que “é o olhar de um outro que permite a constituição de uma imagem unitária. Surge um eu sempre mediado pela relação com o outro. O sujeito se vê como é visto por seus semelhantes. É essa a alienação fundante do sujeito psíquico”. Com base nessa afirmação, podemos situar o sujeito ‘brasiliense’, no contexto nacional: alguém que é visto pelos demais brasileiros como privilegiado; que desfruta de mordomias, de elevado poder aquisitivo; que se destaca pelos traços intelectuais e muitas outras qualidades. Na realidade, se excluirmos os pontos negativos que são associados, apenas, aos políticos residentes na Capital Federal, é possível entender que o ‘brasiliense’, na visão do outro (o brasileiro que não reside em Brasília), é bem-sucedido.

Um ponto de extrema importância para essa discussão é a presença da linguagem como marco de identificação do sujeito. Para ampliar tal idéia, Chnaiderman (1994, p. 59)

afirma que “qualquer operação de linguagem implica a intervenção simultânea de funções relativas a mais de um ponto do território da linguagem”. O jogo de representações existentes na manifestação da linguagem é o ponto de concretude, mais especificamente a identidade recebida pelo objeto por meio da representação.

Mey (1994, p. 77) faz considerações relevantes acerca da função da língua como marca identitária. O falante acaba por se inserir em diferentes posicionamentos quando busca relacionar a língua a uma identidade pessoal do seu *self*. Todavia, a necessidade de convivência social leva-o a contextos que não podem se restringir, apenas, a valores independentes, porque esse instrumento é, também, pertence à comunidade.

O trabalho com o conceito de identidade é considerado de difícil expressão por Rajagopalan (2002, p. 57) porque quando se refere ao indivíduo apresenta um constante processo de (re) construção. O autor mostra que o principal fundamento das identidades é a heterogeneidade baseada em um critério político, levando em consideração o fato de provir de um anseio político. As maneiras pelas quais representamos nossas identidades estão diretamente vinculadas a uma questão de poder.

Ao tomarmos como preceito esse modo de análise, surge a idéia de que todas as identidades existentes não se enquadram em um mesmo padrão conceitual. Em outras palavras, há uma hierarquização quando tratamos desse princípio. No caso do sujeito ‘brasiliense’ representado nos anúncios publicitários cuja voz determinante é a do Governo do Distrito Federal, percebemos a diferenciação marcante entre aquele que desfruta de uma vida em Brasília e os outros que não têm acesso a essa realidade.

2.3.2. O papel identitário no contexto sócio-cultural e globalizado

O século em vivemos está representado, sobretudo, por uma profunda crise pela qual a humanidade está passando. Tal momento leva o ser humano a questionar suas representações, seus valores e, até mesmo, conceitos sobre si mesmo. É um conflito sobre a identidade do homem e a potencialidade de sua realização dentro do contexto histórico, ou seja, é uma crise de interpretação, de introspecção e de relacionamento com o real.

Ao pensarmos em globalização, é imediata a ligação com os avanços tecnológicos que abarcaram nosso meio físico. Assim, torna-se pouco provável dizer que o homem não é o

elemento principal desse processo, e, principalmente, o que sofreu transformações em todos os sentidos da vida em sociedade.

Nos setores industrializados do globo e, crescentemente, por toda parte. Os seres humanos vivem num ambiente criado, um ambiente de ação que é claro, é físico, mas não mais apenas natural. Não somente o ambiente construído das áreas urbanas, mas a maioria das outras paisagens também se torna sujeita à coordenação e ao controle humano. (Giddens, 1991, p. 66).

Portanto, a criação desse espaço 'novo' gera infinitas alterações de comportamento, de compreensão e, por que não dizer de identidade. Esse controle citado por Giddens não exige o homem de questionamentos acerca de tudo que o rodeia. Quando se fala em transformações, automaticamente, somos levados por uma insegurança natural, visto que seremos sujeitos a situações possivelmente desconhecidas e com as quais teremos de aprender a lidar.

Para compreender como as mudanças foram sendo inseridas no mundo moderno, é necessário estabelecer uma comparação entre o antes e o agora. Tendo em vista que a localidade era o foco principal nos contextos pré-modernos, a comunidade local era, por excelência, o lugar onde se constituíam os feixes de relações sociais entrelaçadas, pois a pequena extensão territorial permitia garantir a solidez no tempo. As concepções de mundo dessas sociedades tinham nas cosmologias religiosas o acervo de onde buscavam elementos para as interpretações morais e para as práticas da vida particular e social, bem como do próprio mundo natural no qual estavam inseridas, evidenciando, com isso, a fundamental importância da tradição na estruturação de sua temporalidade. O passado era o principal meio de organizar o presente, e o futuro já estava vinculado às práticas sociais rotinizadas.

Para Giddens (1991; 1993), o dinamismo da modernidade deriva da possibilidade de separação do tempo e do espaço, do desencaixe dos sistemas sociais, e da ordenação e reordenação reflexiva das relações sociais à luz das contínuas entradas de conhecimento. Tudo isso afeta as ações dos indivíduos e dos grupos sociais.

A idéia de modernidade encontra-se em contraste com a tradição. Nas culturas tradicionais, há um modo de integrar a monitoramento da ação com a organização tempo-espaço da comunidade. A tradição é uma maneira de lidar com o tempo e com o espaço, ao inserir qualquer atividade ou experiência particular dentro da continuidade do passado, do

presente e do futuro, sendo esses estruturados por práticas sociais recorrentes. “Com o advento da modernidade, a reflexividade assume um caráter diferente. Ela é introduzida na própria base da reprodução do sistema, de forma que o pensamento e a ação estão constantemente refratados entre si” (Giddens 1991, p. 45). Mesmo assim, a tradição ainda desempenha um papel no mundo contemporâneo, todavia apenas enquanto tradição justificada e, portanto, falsificada, legitimada apenas pela reflexividade do moderno.

A separação tempo-espaço é um ponto crucial para o entendimento do extremo dinamismo da modernidade, porque tal afastamento, bem como sua formação em dimensões padronizadas direciona para a formação de instituições “desencaixadas”, responsáveis pela ampla dilatação do objetivo da separação entre tempo e espaço, abrindo diversas possibilidades de mudança ao liberarem as restrições dos hábitos e das práticas locais. Além disso, ela impulsiona os mecanismos de engrenagem para a organização racionalizada, um traço destrutivo da vida social, possibilitando às organizações modernas a capacidade de conectar o local e o global de maneiras impensáveis em sociedades mais tradicionais. “Tempo e espaço são recombinações para formar uma estrutura histórico-mundial genuína de ação e experiência” (Giddens, 1991, p. 29).

Outra consequência da modernidade é a alteração significativa da essência da vida social cotidiana por atingir os aspectos mais pessoais da experiência humana. “Assim, as transformações da identidade do eu e a mundialização são os pólos da dialética do local e do universal nas condições de alta modernidade” (Giddens, 1993). Significa dizer que as mudanças ocorridas nos aspectos mais íntimos da vida pessoal estão relacionadas ao estabelecimento de vínculos sociais de alcance mais amplo.

Na realidade, estamos testemunhando o poder transformador imposto pela modernidade diante de nossos olhos. É possível observar esse processo por meio das relações pessoais cotidianas representadas por pessoas livres das formas sociais características da sociedade industrial – classe, estratificação, família, status de gênero e outras. A dissolução de modelos tradicionais da sociedade industrial produz uma construção social baseada na individualização. Dentro desse contexto, a própria composição física e arquitetônica de Brasília contribui para esse isolamento perante a comunidade referida e, até mesmo, diante do país.

Stuart Hall (1992, p. 10) distingue três concepções de identidade que se destacam, principalmente, por serem bastante diferentes. Assim, caracterizou três categorias de sujeito:

1. Iluminismo: indivíduo centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação.
2. sociológico: sujeito pertencente ao mundo moderno; portanto, possui traços de forte vínculo com outras pessoas, não sendo auto-suficiente.
3. pós-moderno: não demonstra uma identidade fixa, essencial ou permanente.

Ao observar tal tipologia, é possível perceber a evolução sofrida pelo sujeito ao longo do tempo. Tais transformações ocorrem, sobretudo, pelo fato de estar envolvido em meios que sofreram também grandes alterações. Dessa forma, coube ao homem adaptar-se à nova realidade advinda dos avanços tecnológicos. Daí, a segunda concepção apresentada por Hall (1992, p. 11):

A noção de sujeito sociológico refletia a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que este núcleo interior do sujeito não era autônomo e auto-suficiente, mas era formado na relação com "outras pessoas importantes para ele", que mediavam para o sujeito os valores, os sentidos e os símbolos - a cultura - dos mundos que ele/ela habitava,(...)

O ponto mais importante dentro dessa nova maneira de o sujeito se apresentar é a marcante relação entre o eu e a sociedade, sem que aquele tenha perdido seu valor interior. Os laços culturais são fortificados e todos esses significados são assimilados, entrando em interação com a essência do eu. Segundo Hall (1992), “a identidade, então, costura (ou, para usar uma metáfora médica, "sutura") o sujeito à estrutura. Estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e predizíveis.”

Entretanto, há um lado negativo em tudo isso: o sujeito está vivenciando várias identidades diferentes. Algumas provocam conflitos internos, pois chegam a ser infensas. A estabilidade presente no Iluminismo perdeu-se e foi gerado um ser fragmentado e mutável. Essas transformações também atingiram a estrutura social como muitas instituições, devido à subjetividade marcante desse processo cultural. Em resposta a essa realidade, surge o sujeito pós-moderno, com suas múltiplas identidades, uma vez que são exigidas dele atitudes diversificadas, de acordo com as várias situações a que está submetido.

À medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar - ao menos temporariamente. (Hall, p. 13)

Aliado a tudo isso está o conceito de identidade, que vem a ser o conjunto de papéis que desempenhamos e é determinada pelas condições sociais decorrentes da produção da vida material. A identidade cultural resgata valores pertencentes ao contexto social, portanto não é considerada natural, mas sim construída. Hall (1992, p. 50) assim a define: “uma cultura nacional é um discurso – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações, quanto a concepção que temos de nós mesmos”.

A verdade é que a sociedade não pode ser entendida como um complexo unificado e delimitado. É preciso que se compreenda o fato de ela estar constantemente descentrando-se, sendo deslocada por forças fora de si mesma, notadamente as sociedades da modernidade tardia que são atravessadas por diferenças e antagonismos sociais que produzem uma verdadeira variedade de identidades.

A identidade do sujeito ‘brasiliense’ está presente nos anúncios que serão analisados e, também, na visão daqueles habitantes da Capital entrevistados que serão a base para observarmos como o próprio sujeito se enxerga no contexto em que se insere e como ele constrói sua identidade de forma dupla – como indivíduo e como ser social. O discurso, sem dúvida, será a marca registrada e concreta para a compreensão de tal processo.

2.3.3. Discurso: constituinte singular na construção identitária

O discurso está relacionado à mobilidade de realizações do sujeito que apresenta sua singularidade para a construção identitária. Ele revela-se de maneira unitária e estável. Embora pareça contraditório, é claramente explicável: ele está sempre em busca de sua subjetividade, entretanto vive a se deparar com o outro no discurso. O sujeito só se encontra completo quando todas as vozes do discurso que o circundam acabam por constituírem-no.

Fairclough (2001, p.175) trabalha a questão da identidade dentro da análise textual, ou melhor, como a subdivisão de uma função da linguagem – a interpessoal – à qual pertence a função identitária e a relacional. Nesse âmbito, estão presentes as diversas maneiras de manifestação das relações sociais e das identidades por meio do discurso, que também é responsável pela construção, reprodução, contestação e reestruturação das dessas

relações. O autor explicita quais são suas intenções dentro do capítulo em que se insere o assunto:

Quero focalizar, neste capítulo, a construção de identidades sociais, ou construção do 'eu' no discurso, e, mais particularmente, as formas em que o discurso contribui para processos de mudança cultural, em que identidades sociais ou os 'eus' associados a domínios e a instituições específicas são redefinidos e reconstituídos. (Fairclough 2001, p.175 e 176)

Dessa forma, vemos como dentro de uma sociedade o discurso é marcante e se faz necessário para a compreensão das relações existentes. Além disso, fica claro o poder mutável das identidades e da realização do próprio 'eu'. O processo principal que opera no contexto de minha pesquisa seria a redefinição do sujeito, sobretudo, daqueles que viveram em outras cidades e podem traçar um paralelo responsável pela representação dessas mudanças.

Woodward (2000) acrescenta a essa idéia relacional das identidades a importância dos símbolos revelados em vários contextos. A autora destaca que “a construção da identidade é tanto simbólica quanto social. A luta, para afirmar as diferentes identidades, tem causas e conseqüências materiais” (2000, p. 10). Portanto, a realização interpretativa de tudo que transforma e caracteriza as relações a que estamos submetidos é marcada pela presença de símbolos construídos por mim ou pelo outro com uma intenção pré-definida. Com base em tal ponto de vista é que percebemos quão representativos somos e que as relações de poder valem-se dessa realidade. Woodward (2000, p. 17) sublinha que “a representação inclui práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito.”

2.3.4. O valor das identidades e a definição do grupo

É difícil definir a que grupo pertencemos sem a manifestação dos traços que compõem nossa identidade. Fatores diversos – sociais, econômicos, culturais, políticos e históricos - interferem na constituição de um grupo, bem como no estabelecimento das identidades.

Van Dijk (1998, p. 96) levanta alguns questionamentos que somos submetidos a fazer:

1. Quem sou?
2. De onde vim?
3. Que aspecto tenho?
4. A que grupo pertença?
5. Quem é membro do meu grupo?
6. Quem pode ser membro do meu grupo?

Ao respondermos tais perguntas, estaremos entendendo nossas identidades que surgem vinculadas às nossas ideologias. Assim, o sujeito 'brasiliense' sendo identificado pelo outro e por si mesmo chegará a um ponto de compreensão máxima, se conseguir abstrair o que há de real no contexto a que pertence e não o que lhe é imposto. Para isso, é preciso ter consciência de que

as identidades jamais existem por si mesmas, sozinhas. As identidades existem por oposição, ou seja, sua natureza profunda, ou sua condição de existência. É estarem opostas a outras identidades, dentro do espaço nacional e fora dele. Sem essa oposição, não haveria necessidade de ter nenhuma identidade. (Rahier 2001, p. 18)

A supervalorização do grupo em relação à sociedade a que pertence pode provocar a chamada 'crise de identidade'. O indivíduo é levado a questionar se realmente faz parte desse contexto ou se está sendo induzido a pensar isso por existirem interesses superiores beneficiados por tal interpretação do grupo. Brasília dentro do contexto nacional e até mundial é identificada por suas peculiaridades arquitetônicas e pelo luxo que envolve os olhos daqueles que a contemplam. Por isso, residir nessa cidade e pertencer a toda essa ostentação induz o 'brasiliense' a uma necessidade ímpar de compreender como essas implicações repercutem na sua construção identitária.

2.4. A Multimodalidade e a Representação Moderna em Anúncios Publicitários

A análise multimodal representa uma nova maneira de ler o mundo, observando traços estruturais que divergem ou assemelham-se no todo cujo interesse liga-se a nossa história.

2.4.1. A importância da teoria da multimodalidade

O ritmo acelerado com que as informações se processam e chegam ao nosso alcance tem levado as pessoas à procura de meios capazes de burilar e transmitir com maior rapidez a mensagem pretendida. Diante de tais exigências, a teoria multimodal da comunicação apresenta-se como uma nova manifestação comunicativa que atende às necessidades da vida pós-moderna. É preciso que se tenha consciência de que o domínio da linguagem verbal foi abalado com o advento da televisão, que traz uma série de recursos audiovisuais contribuintes para a absorção da mensagem. Além disso, houve uma vasta invasão de revistas, de jornais, de propagandas e da Internet ao nosso cotidiano, revelando um mundo imagético bem mais representativo.

Kress e van Leeuwen (2001) destacam que essa teoria baseia-se na análise dos diferentes modos semióticos por meio de suas características específicas e comuns relacionadas a aspectos sociais, culturais e históricos. Os autores, com o objetivo de melhor realizar esse trabalho, consideram estratos para analisar as ‘múltiplas articulações’ presentes no texto multimodal – discurso, design, produção e distribuição. Tais níveis relacionam-se à Linguística Funcional de Halliday. Vejamos algumas das características desses estratos segundo Kress e van Leeuwen (2001, p. 4-7):

Quadro 1 – Articulações do texto multimodal			
Discurso	Design	Produção	Distribuição
* construído e desenvolvido em contextos sociais; * apropriado para interesses coletivos ou particulares.	* recurso semiótico; * significados de realização de discursos no contexto de uma dada situação comunicativa.	* organização de expressão para a articulação e a produção material atual do evento e do artefato semióticos.	* necessita de estratificação suplementar; * pode ser vista como um meio que facilita as funções pragmáticas de preservação e de distribuição.

Os meios de comunicação de massa (*media*) trabalham com precisão esses elementos. Na presente pesquisa, a análise dos textos multimodais (anúncios publicitários) selecionados, também, demonstrará como tais níveis se comportam no momento da construção interpretativa. A Teoria Semiótica Social proposta pelos referidos autores é a melhor base para a verificação complexa a que me atenho ao analisar os textos multimodais.

Dentro dessa linha de raciocínio, citemos Kress (1996, p. 5), pois a Lingüística é "socialmente responsável e responsiva" e assim é possível chegar a um ponto de extrema importância para a proposta deste estudo: a escolha de determinadas formas lingüísticas, bem como formas semióticas não é arbitrária, uma vez que é motivada no âmbito de um grupo social e pertence a um momento social peculiar.

Segundo Gunther Kress, a visualização tornou-se uma expressão comum no âmbito da informação tecnológica, para traduzir a nova maneira de representação visual de informação que anteriormente era codificada apenas pela linguagem escrita e oral. A modalidade visual e a verbal são, fundamentalmente, distintas em suas possibilidades de representação do mundo; pensa-se em 'tradução' de uma modalidade para outra mais como 'transformação'.

A modalidade visual e a verbal permitem ao produtor de um signo/mensagem a codificação/realização de seu interesse, isto é, são igualmente ideológicas. Além disso, as imagens estão se encarregando de certas funções antes desempenhadas pela linguagem. Por

isso, não podemos afirmar que ambas desempenham o mesmo papel, já que está havendo uma fuga do texto escrito para algo mais próximo da fala.

Quando um texto é construído reflete um conjunto de elementos sociais que, conseqüentemente, lhe atribuem significado e, não se pode negar o fato de tais elementos atuarem de maneira simultânea com o intuito de que o produto final seja composto por tudo que lhe foi empregado; a isso se incluem o veículo de comunicação utilizado e o pensamento daqueles que o constituem. Logo, fica claro entender que

... textos são locais de emergência de complexos de significados sociais, produzidos numa história particular de situação de produção e guardando em vias parciais as histórias tanto dos participantes na produção do texto quanto das instituições que são evocadas. (Kress 1989, p. 450).

Kress, Leite-Garcia e van Leeuwen (1997, p. 269) destacam como a multimodalidade deve ser interpretada e valorizada:

1. um número variado de modos semióticos está sempre envolvido em uma determinada produção textual ou leitura, pois todos os signos são multimodais ou signos complexos, existindo num número de modos semióticos diferentes;
2. cada modo tem sua representação específica, produzida culturalmente, além de seu potencial comunicacional;
3. é necessário um entendimento sobre como ler estes textos, se são coerentes em si mesmos.

Por conseguinte, um texto deve ser lido levando-se em consideração toda sua composição representacional - formatação, fonte, imagens, fotografias, música, vestimentas...Tais modos semióticos fazem parte da cultura humana e devem ser vistos como meios de expressão do conteúdo textual. Vale ressaltar a idéia de que o texto tem como agentes o produtor e o leitor; logo, ambos o analisam com base em elementos culturais que lhes são comuns e específicos.

Não se pode mais afirmar que a imagem e os outros modos semióticos estão sempre presos ao texto verbal e são dependentes dele. Os significados presentes em uma imagem podem ou não estar vinculados ao texto verbal. Isso porque estamos atualmente em constante contato com muitos textos que são compostos, unicamente, por imagens; portanto, a característica polissêmica das imagens pode desencadear uma série de significados possíveis. As modificações semióticas atuais não poderão ser atendidas pelas teorias lingüísticas

existentes. Se a linguagem escrita ou a falada não é mais a modalidade semiótica central, então as teorias da linguagem podem explicar apenas parte do panorama comunicacional. Uma teoria adequada para formas textuais multimodais contemporâneas precisa ser formulada de modo a permitir a descrição de características específicas de uma modalidade em particular, com suas propriedades semióticas gerais que permitem relacioná-la de forma plausível com outras modalidades. Por exemplo, quando analisamos imagens, a distância do observador em relação ao objeto observado pode significar: perto-amigável, longe-formal.

As teorias contemporâneas de semiótica são teorias de uso e não de reconstrução e transformação. Os indivíduos são vistos como usuários de um sistema de elementos e de regras já existentes, estável e estático, em que a relação significante e significado é arbitrária e sustentada por convenção. Por seu turno, convenção é uma força que mantém a estabilidade. O argumento usado por Kress (1996) é que o panorama semiótico está mudando de maneira fundamental, e tal mudança se relaciona a outras no campo social, cultural, econômico e tecnológico. Por isso, uma teoria semiótica que não leva em consideração a mudança é, no presente, simplesmente inadequada e inadmissível.

Uma teoria semiótica adequada será fundada no reconhecimento da ‘ação interessada’ de indivíduos socialmente localizados, cultural e historicamente formados, como reconstrutores dos recursos representacionais disponíveis.

Quando abordamos a comunicação imagética, um ponto importante deve ser levado em consideração: os significados sociais referentes aos indivíduos que estão sujeitos a diferentes aspectos. Kress e van Leeuwen (1996, p. 18) acrescentam:

Tais sociedades são homogêneas, mas compostas de grupos com várias e freqüentes contradições, interesses e as mensagens produzidas pelos indivíduos irão refletir as diferenças e incongruências que caracterizam a vida social..⁵

Essa variedade social foi o traço determinante para a implantação da imagem como modo semiótico de comunicação. Kress e van Leeuwen (1996) fazem referência ao momento que originou tal mudança semiótica. Na União Soviética, em 1920, teve início uma nova linguagem visual devido ao posicionamento contrário aos naturalistas, visto que pretendiam trabalhar a arte vinculada à produção industrial. Na realidade, tratava-se de uma revolução semiótica ligada à política e para que fosse perfeitamente divulgada necessitava de

⁵ Tradução minha.

um meio que atingisse a todos de maneira mais uniforme. Assim, acabou por ocorrer também uma revolução cultural.

É importante destacar os diferentes modos de entendimento e possíveis hipóteses acerca do assunto segundo Kress e van Leeuwen (1996, p. 39):

- 1) a sociedade humana usa uma variedade de modos de representação;
- 2) cada modo de representação tem inerentemente um potencial representacional, um potencial diferente para o “fazer sentido”;
- 3) cada modo tem um valor social específico em seu contexto social particular;
- 4) diferentes potenciais para o “fazer sentido” podem implicar potenciais diferentes para a formação de subjetividades;
- 5) o indivíduo usa uma cadeia de modos de representação e, portanto, tem avaliado uma série de significados do “fazer sentido”, cada um afetando a formação da sua subjetividade;
- 6) os diferentes modos de representação não são considerados separadamente, como domínios autônomos do cérebro, ou como recursos autônomos de comunicação em uma cultura. Eles estão interagindo todo o tempo;
- 7) aspectos afetivos do comportamento humano não são diferentes de outras atividades cognitivas e, portanto, nunca separados do representacional e do comportamento comunicativo;
- 8) cada modo de representação tem uma história evolutiva contínua, na qual seu alcance semântico pode reduzir ou expandir ou mover em diferentes áreas como resultado dos usos com os quais se depara.⁶

A paisagem semiótica enfrenta diversos obstáculos, entre eles a possibilidade de ir de encontro ao senso comum, pois levanta uma gama de significados que podem mudar seguindo pressupostos variáveis, estando ou não amarrados a conceitos pré-estabelecidos. Além disso, ainda existe o fato de que uma imagem é compreendida por um número de pessoas bem mais elevado que a linguagem visual escrita e a velocidade com a qual é processada também é imensa.

Nesse campo, torna-se indispensável o estudo de alguns conceitos necessários à investigação de sistemas de comunicação: sinal, canal, emissor, receptor e código. Um emissor transmite um **sinal** para um **receptor** (ou vários receptores) por meio de um **canal** de comunicação. Esse sinal será composto por uma determinada forma, além de passar um significado específico (ou mensagem). A ligação entre a forma do sinal e o seu significado é estabelecida pelo que (num sentido bastante geral do termo) normalmente se chama em

semiótica de **código**. Sendo assim, a codificação da mensagem é feita pelo emissor e decodificada pelo receptor.

É necessário recorrer ao questionamento lançado por Kress e van Leeuwen (1996, p.5) a respeito de textos multimodais: “é possível confiar somente na língua, se desejamos entender a ‘operação de poder’ nos objetos que chamamos de ‘textos’?”. Tal questionamento também está relacionado a teorias semióticas válidas, pois a língua como meio de comunicação, em especial a linguagem escrita, figura apenas como alguns dos vários modos de representação no domínio público. Em outras palavras, se estamos interessados e preocupados seriamente com ‘discurso’, focalizar apenas a língua seria o ideal?

Com base nessa inovadora perspectiva semiótica, a questão **Visual** assume um lugar de destaque no âmbito da informação tecnológica, com o objetivo de interpretar a forte característica de representação visual de informação, antes codificada somente pela língua escrita ou verbal. Para os autores aqui trabalhados, a modalidade visual e verbal são fundamentalmente distintas em suas possibilidades de representação do mundo (envolvimento com o mundo); levando a se pensar na “tradução” de uma modalidade para outra mais como “transformação”. Dessa forma, chegamos às seguintes questões:

1. língua e imagem desempenham o mesmo papel? Será que elas podem de alguma maneira desempenhar o mesmo papel?
2. língua e imagem mantêm entre si relação de mera co-existência? Ou há interação entre elas? Se língua e imagem não co-existem apenas, mas interagem, quais são as conseqüências dessa interação? Se elas têm potenciais diferentes, terão também funções diferentes, e, dessa forma, tornar-se-ão especializadas como forma de representação e comunicação?
3. a modalidade visual, como forma de representação, é sistemática, governada por regras como resultado dos valores culturais em que está inserida? (Quanto a este grupo de questionamentos, Kress e van Leeuwen não se aprofundam, dizem que a resposta a eles é afirmativa, como apontam, de maneira precisa para essa direção, as óbvias e patentes diferenças culturais nas formas visuais. E, se é assim, a modalidade visual – como as

⁶ Tradução minha.

demais modalidades semióticas – são disponíveis para uso ideológico, assim como a língua).

Para responder a tais questionamentos, Kress e van Leeuwen dizem ser preciso direcionar o foco para os aspectos materiais e formais da língua. Eles afirmam que a língua tem de ser repensada, como fala ou escrita, em seus múltiplos aspectos materiais. A escrita não é caracterizável apenas por uma sintaxe específica – apesar de esse ser um fator distintivo crucial – mas também em termos materiais como as múltiplas formas de ‘display’ visual, em múltiplos tipos de superfície.

Consoante tudo que foi exposto nessa seção, chego à conclusão de que um grupo de modos semióticos está sempre presente em qualquer produção ou leitura dos textos. Além disso, cada modalidade carrega potencialidades específicas de representação e de comunicação, as quais estão relacionadas à cultura. Produtores e leitores têm poder sobre esses textos. Assim, o interesse do produtor conduz a convergência de um complexo conjunto de fatores históricos, sociais e culturais. E tudo isso está preso ao papel da comunicação na construção de diferentes processos sociais. Nesse caso, a minha proposta se limita a refletir sobre anúncios publicitários, reportagem e entrevistas, apresentados como fortes aliados da construção da imagem de uma cidade e, também, daqueles que nela vivem. Sendo estes últimos o ponto principal de minha análise. Mas para que se tenha um caminho seguro, é necessário o uso de instrumentos adequados, daí a escolha de métodos capazes de me auxiliar de maneira mais significativa e concreta.

CAPÍTULO 3

3 – METODOLOGIA: UMA TRAJETÓRIA A SER SEGUIDA

A proposta tem como base metodológica a pesquisa qualitativa, cujos autores utilizados são Flick (2004) e Bauer e Gaskell (2003). Isso porque há a necessidade de realizar um estudo que demonstre as diferentes perspectivas de análise do objeto, tendo como ponto de partida significados subjetivos e sociais referentes a ele. Como critérios primordiais estão: a determinação das descobertas como material empírico e a seleção e aplicação adequada dos métodos ao objeto de estudo. O modelo de processo utilizado será o circular, no qual "o pesquisador é obrigado a refletir permanentemente sobre todo o processo de pesquisa e sobre as etapas específicas à luz das outras etapas" (Flick, 2002).

Além disso, serão utilizadas entrevistas semi-estruturadas (mais especificamente semipadronizadas) como modelo adotado. Essa escolha dá-se pelo fato de corresponderem perfeitamente ao interesse do pesquisador, devido às seguintes características: inserir perguntas no ato da entrevista; mudar a ordem das perguntas e aproveitar o conhecimento do entrevistado. Dessa forma, leva-se em consideração a situação e o contexto em que estão sendo realizadas, bem como a variedade de respostas dos entrevistados, sem que sejam induzidos pelo entrevistador.

A proposta de pesquisa qualitativa surge como o melhor meio de responder às questões:

1. como o sujeito "brasiliense" constrói sua identidade?
2. de que maneira a imagem se manifesta nas práticas discursivas?
3. como a representação discursiva da arquitetura de Brasília corporifica ideologia no discurso?

Os dados foram coletados da seguinte maneira:

- coleta aleatória de anúncios publicitários e de reportagens divulgados em revistas e jornais durante o ano de 2004 e primeiro semestre de 2005, com o objetivo de compor um *corpus*, que pudesse abranger as diferentes expectativas da pesquisa. É importante esclarecer que o interesse estava

totalmente vinculado à temática em questão. Os três veículos de comunicação que se destacaram, nesse momento, foram o jornal **Correio Braziliense** e **Jornal da Comunidade**, de circulação local e as revistas **Veja** e **Época**, de circulação nacional.

- seleção de uma reportagem e de quatro anúncios: uma reportagem veiculada pelo Jornal da Comunidade (de 17 a 23 de abril de 2004), um anúncio do Correio Braziliense (de 14 de abril de 2004) e outro veiculado pela Revista Veja (28 de julho de 2004). Todos tendo, como parte significativa, a imagem ou a referência a monumentos arquitetônicos de Brasília.
- realização de entrevistas com dez moradores da Capital. Os critérios de seleção dos entrevistados foram os seguintes: profissões variadas; faixas etárias distintas; sexo masculino e feminino; naturalidades diferentes e tempo de moradia em Brasília.
- Seleção de quatro entrevistas para a composição da amostra dos dados.

A seleção da primeira parte desse material teve como justificativa a melhor representação da idéia norteadora dessa pesquisa. O texto que mais chamou a minha atenção foi o que ocupou uma página inteira do jornal de maior circulação local, cuja frase de destaque era “*Brasília é mais que arquitetura, também é gente*” (A1). O segundo texto veio mostrar para o Brasil o que existe de atrativos na Capital Federal e traz a chamada: “*Quem fica parado em Brasília é monumento*” (A2). A seleção da reportagem ocorreu porque revela com clareza a representatividade de Brasília para aqueles que compartilham de sua singularidade; é uma reportagem composta por diferentes elementos semióticos, portanto, rica em detalhes (R).

A idéia das entrevistas surgiu da necessidade de saber como o morador de Brasília analisa a realidade que o rodeia e, sobretudo, entender como esse sujeito constrói sua identidade. Os critérios que permearam a escolha dos informantes tiveram como ponto primordial a possibilidade de construir um grupo composto por pessoas, aparentemente diferentes, porém com traços em comum, por exemplo: residir em Brasília. O trabalho com entrevistas originou-se da curiosidade em descobrir os elementos norteadores da construção de um indivíduo social e da preocupação de avaliar como esse processo se dá.

3.1. Uma Visão Qualitativa dos Dados

Bauer e Gaskell (2003, p.19) destacam a necessidade de um pluralismo metodológico originário da exigência provinda dos muitos acontecimentos relacionados a métodos e dados variados. Acrescentam, ainda, as prescrições envolvidas na investigação da ação empírica. Essas quatro dimensões vêm para descrever o processo de pesquisa com base em combinações de constituintes. Vejamos um quadro expositivo:

Quadro 2 - As quatro dimensões do processo de pesquisa			
Princípios de delineamento	Geração de dados	Análise de dados	Interesses de conhecimento
Estudo de caso	Entrevista	Formal	
Estudo comparativo	Questionário	Modelagem estatística	
Levantamento por amostragem	Grupos focais	Análise estrutural	Controle e predição
Levantamento por painel	Filme	Informal	Construção de consenso
Experimento	Registros audiovisuais	Análise de conteúdo	Emancipação e “empoderamento” ¹
Observação participante	Observação sistemática	Codificação	
	Coleta de dados	Indexação	
Etnografia	Registro de sons	Análise semiótica, retórica e de discurso	

(Bauer e Gaskell, 2003, p. 19)

Os referidos autores acrescentam que tais dimensões parecem seguir uma seqüência lógica e, podem estar correlacionadas, mas também mostram que, em princípio, decide-se sobre a geração de dados e os métodos de análise a serem utilizados, para posteriormente, escolher o delineamento da pesquisa ou de interesses do conhecimento.

No que se refere aos tipos de dados, Bauer e Gaskell (2003, p. 21) reportam-se à importância do acesso a dados sociais, visto que é preciso trabalhar o mundo com o qual estamos constantemente mantendo contato. Os dados sociais que serão apresentados dividem-se em: formais e informais. O primeiro tipo proporciona ao entrevistado uma atuação de acordo com suas habilidades, pois o ambiente permite-lhe agir pelo impulso do momento; o

ponto negativo pode ser encontrado quando se entende que o informante responde o que julga ser o pensamento do entrevistador. O segundo diferencia-se, principalmente, pela necessidade de conhecimento especializado para sua realização; nesse caso, o problema deve ser sanado pelo pesquisador, pois precisa reconhecer quando o comunicador coloca-se como representante de um grupo social e isso não é uma representação real. Esse aspecto constitui uma preocupação minha, tendo em vista que a análise proposta tem anúncios publicitários como parte dos dados.

Quadro 3 - Tipos de dado: modos e meios		
Meio-modo	Informal	Formal
Texto	Entrevistas	Jornais, Programas de rádio
Imagem	Desenhos de crianças Rabiscos feitos ao telefonar	Quadros Fotografias
Sons	Cantos espontâneos Cenários sonoros	Escritos musicais Rituais sonoros
Relatos “distorcidos”, “falsos” ou encenados	Ruídos estratégicos	Afirmações falsas sobre uma representação

Nesta pesquisa, utilizarei dados formais e informais. Os textos publicitários compõem a base de dados formais, enquanto as entrevistas representam o corpus informal.

É importante ressaltar que o ponto chave de tais entrevistas será a visão que os entrevistados possuem de si mesmos como participantes da construção ideológica arquitetônica de Brasília. Fundamental será o fato de apresentar a essas pessoas, pelo menos, um dos anúncios a serem analisados, pois eles poderão ter, também, um parâmetro da realidade concreta do espaço físico ao qual pertencem, porém sem que haja influência de opinião.

Diferenciar pesquisa qualitativa de pesquisa quantitativa torna-se uma exigência para a total elucidação da escolha feita neste estudo. Bauer e Gaskell (2003, p. 23) relatam com precisão as peculiaridades de cada modelo. Com base nas considerações dos referidos autores, é possível afirmar que a pesquisa quantitativa trabalha com dados numéricos, por isso tem como exemplo a pesquisa de levantamento de opinião. Ao passo que a qualitativa aborda algo bem mais complexo, como as variadas interpretações das realidades sociais.

Flick (2004, p.18) destaca o crescimento e as transformações pelas quais a sociedade está passando e diante disso coloca a real necessidade da utilização de estratégias indutivas

responsáveis por uma avaliação direcionada aos contextos sociais que serão analisados, por isso a pesquisa qualitativa é tão importante. Nesse sentido, a pesquisa quantitativa é diferente, pois lida com estudos tão planejados que chega a excluir o pesquisador. Segundo o autor, a pesquisa qualitativa tem, entre outros, os seguintes aspectos essenciais: apropriabilidade de métodos e teorias; perspectivas dos participantes e sua diversidade; reflexividade do pesquisador e de pesquisa; variedade de abordagens e métodos.

Flick (2004, p. 27) procura demonstrar de maneira resumida o processo de pesquisa qualitativa como

uma trajetória que parte da teoria em direção ao texto, e outra do texto de volta para a teoria. A interpretação dessas duas trajetórias é a coleta de dados verbais ou visuais e a interpretação destes em um plano de pesquisa específico.

A figura do pesquisador qualitativo é bem mais significativa, conforme lembra Bryman (1998, p.61) “ele é capaz de ver através dos olhos daqueles que estão sendo pesquisados”. Daí, a importância da compreensão das interpretações retidas do mundo pelos diferentes atores sociais, já que esses são os verdadeiros motivadores do comportamento construtor do mundo social.

Flick (2004, p.28), apud Toulmin (1990), destaca quatro tendências impulsionadoras das ciências modernas à pesquisa social empírica:

- o retorno ao oral, que se manifesta em tendências na formulação de teorias e na realização de estudos empíricos em filosofia, lingüística, literatura e ciências sociais, em narrativas, linguagem e comunicação;
- o retorno ao particular, que se manifesta na formulação de teorias na realização de estudos empíricos, com o objetivo de “não apenas se concentrar em questões abertas e universais, mas de voltar a tratar de problemas concretos que não aparecem normalmente, mas que ocorrem em tipos específicos de situações” (1990, p.190);
- o retorno ao local, que encontra sua expressão no estudo de sistemas do conhecimento, práticas e experiências, novamente no contexto daquelas tradições e nas formas de vida (locais) nas quais estão fixados, em vez de presumir e de tentar testar sua validade universal;
- o retorno ao oportuno, manifesto na necessidade de dispor os problemas a serem estudados e as soluções a serem desenvolvidas dentro de seu

contexto temporal ou histórico, e de descrevê-los neste contexto e explicá-los com base nele.

Flick (2004, p.282) constrói uma combinação de teorias e de métodos para apresentar as perspectivas de pesquisa na pesquisa qualitativa. Dessa forma, esclarece que é preciso que haja a seleção de métodos capazes de abordar o assunto, a visão do participante ou os processos sociais de maneira aberta. Observemos o quadro:

Quadro 4 - Perspectivas de pesquisa na pesquisa qualitativa			
	Pontos de vista dos sujeitos	Elaboração das realidades sociais	Composição cultural das realidades culturais
Posturas teóricas	Interacionismo simbólico Interacionismo interpretativo	Etnometodologia Construtivismo social	Psicanálise Estruturalismo
Métodos de coleta de dados	Entrevistas semi-estruturadas Entrevistas narrativas	Grupos de foco Etnografia Observação participante Gravação de interações Coleta de documentos	Gravação de interações Fotografia Filme
Métodos de interpretação	Codificação teórica Análise do conteúdo Análise narrativa Métodos hermenêuticos	Análise de conversas Análise do discurso	Hermenêutica objetiva Hermenêutica profunda

Como os textos que compõem a amostra do *corpus* deste estudo são classificados como multimodais, a análise das imagens pertencentes ao seu conteúdo torna-se imprescindível. Barthes (1964, p. 51) afirma que

o trabalho de interpretação, ou a compreensão da conotação da imagem é mantido oculto e coeso pelo fato bruto do sintagma: a conjunção dos objetos na cena é natural, ou dado, porque ele não requer tradução, não precisa de decodificação.

Mas, não se deve excluir as possibilidades de análise, visto que a disposição imagética como componente de um texto multimodal pode estabelecer diferentes interpretações dentro de um contexto real.

A avaliação dos textos multimodais, por possuir caráter semiótico, é importante ressaltar o valor da subjetividade, pois a semiótica, na realidade, fornece intuições impressionísticas a respeito da construção de sentido e, assim, não há certeza de que diferentes analistas produzam explicações análogas. Logo, a análise que será apresentada parte da visão de um analista com base teórica em diversos estudiosos citados anteriormente. É imprescindível o sentido gerado na interação do leitor com o material. Ainda, é importante colocar que um processo de análise jamais se exaure e, por conseguinte, nunca está completo.

Nesta pesquisa, conforme já mencionado, utilizarei entrevistas semi-estruturadas. Segundo Flick (2004), existem quatro pontos de referência para a análise de dados verbais:

1. comparação das abordagens com base em critérios e seleção do método;
2. controle de sua aplicação;
3. apropriabilidade do método para o assunto; e
4. ajuste do método no processo de pesquisa.

A preocupação com tais pontos delimitou a opção pela entrevista. O quadro a seguir mostra os diferentes tipos de entrevistas semi-estruturadas; vale ressaltar que é um fragmento do quadro apresentado por Flick (2004, p.139 e 140):

Quadro 5 - Entrevistas semi-estruturadas					
Crítérios	Entrevista focal	Entrevista semipadronizada	Entrevista centralizada no problema	Entrevista com especialistas	Entrevista etnográfica
Abertura para a visão subjetiva do entrevistado através de:	Não direcionamento por questões não-estruturadas	Questões abertas	Orientação do objeto e do projeto Espaço para narrativas	Limitada já que o interesse é no especialista, não na pessoa	Questões descritivas
Estruturação do assunto através de:	Oferecimento de um estímulo Questões estruturadas Foco em sentimentos	Questões direcionadas para as hipóteses Questões confrontativas	Guia da entrevista como base para rumos e para pôr fim a apresentações improdutivas	Guia da entrevista como instrumento para a estruturação	Questões estruturais Questões contrastivas
Contribuição para o desenvolvimento geral da entrevista como método	Quatro critérios para o planejamento de entrevistas Análise do objeto com um segundo tipo de dado	Estruturação dos conteúdos, com a técnica da disposição da estrutura Sugestões à explanação do conhecimento implícito	Breve questionário Pós-escrito	Ênfase no direcionamento: limitação da entrevista ao especialista	Ênfase no problema da elaboração de situações de entrevista
Domínio da aplicação	Análise de significados subjetivos	Reconstituição de teorias subjetivas	Problema social ou biograficamente relevante	Conhecimento de especialistas em instituições	No esquema da pesquisa de campo em campo abertos
Problemas na condução do método	Dilema da combinação dos critérios	<i>Input</i> metodológico extensivo Problemas de interpretação	Mudança não sistemática da narrativa para o esquema pergunta-resposta	Difusão de papéis dos entrevistados Bloqueio do especialista	Mediação entre uma conversa amigável e uma conversa formal
Limitações do método	A suposição do conhecimento de aspectos do objeto é questionável Quase sem aplicação em sua forma pura	Apresentação de uma estrutura Necessidade de adaptar o método ao assunto e ao entrevistado	Orientação do problema Combinação não-sistemática dos elementos parciais mais diversos	Limitação da interpretação sobre o conhecimento dos especialistas	Essencialmente sensata em combinação com a observação e a pesquisa de campo

A visualização de alguns dos métodos para a coleta dos dados verbais concentra boa parte da justificativa da minha escolha. A entrevista semipadronizada é o melhor método para o alcance do objetivo da pesquisa, uma vez que as questões trabalhadas serão abertas e direcionadas às hipóteses, além de serem contrastivas. Vejamos as questões que serão dirigidas aos entrevistados:

1. o que é identidade para você?
2. como o meio pode influenciar na sua construção como pessoa?
3. que aspectos da cidade de Brasília podem estar diretamente relacionados a você?

As demais perguntas estão relacionadas a alguns dos anúncios que serão analisados. Isso porque tenho o interesse de conhecer a visão dessas pessoas quanto à identificação ideológica e identitária representada no texto. São elas:

1. o que chama sua atenção no anúncio?
2. você se identifica de alguma forma com ele?

Na realização das entrevistas, utilizarei fichas de documentação. Tratam-se de elementos essenciais no tocante à organização do processo de pesquisa qualitativa, pois permitem documentar o contexto e a situação da coleta de dados. A seguir vemos um exemplo da ficha, cujo modelo foi retirado de Flick (2004, p. 185) que será empregada:

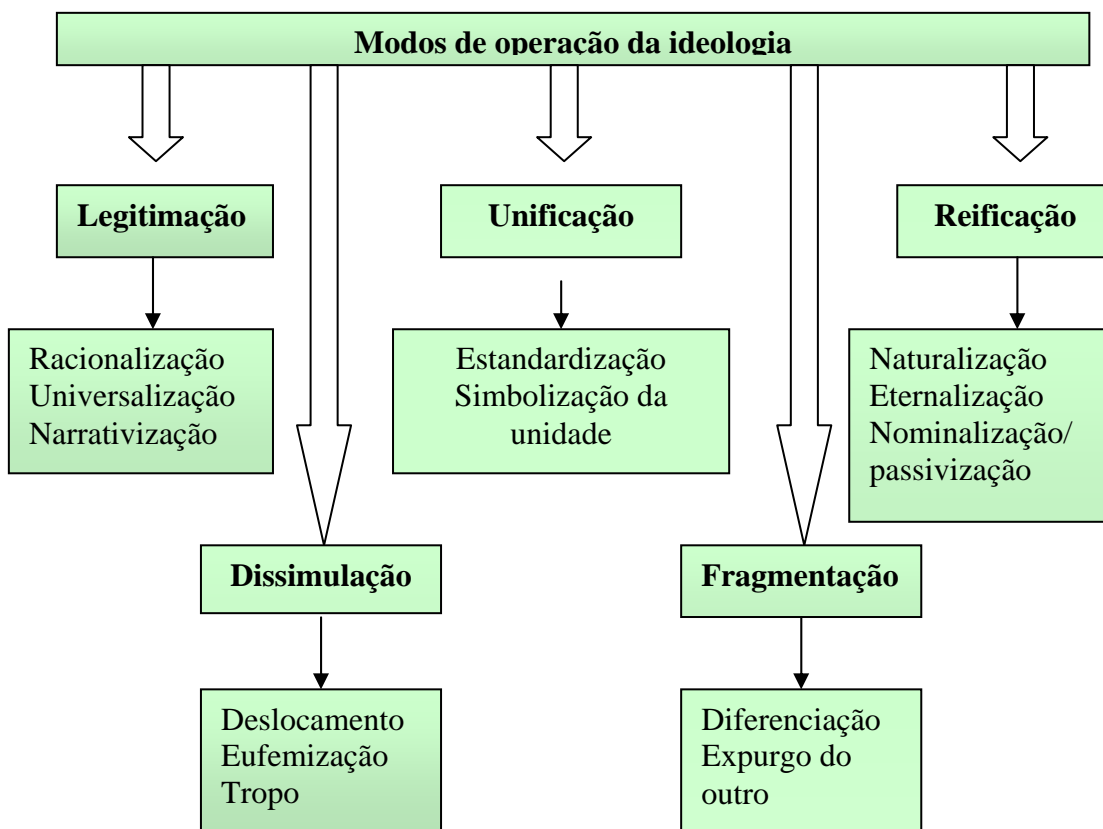
Quadro 6 – Modelo de ficha do entrevistado
Informações sobre a entrevista e o entrevistado
Data da entrevista: _____
Local da entrevista: _____
Duração da entrevista: _____
Identificador para o entrevistado: _____
Sexo do entrevistado: _____
Idade do entrevistado: _____
Profissão do entrevistado: _____
Peculiaridades da entrevista: _____

Com tudo o que foi apresentado, torna-se clara a opção por trabalhar com base na pesquisa qualitativa, tendo em vista a necessidade de uma análise constante de textos (discursos) que servem de apoio para uma interpretação mais complexa, envolvendo não apenas aquele morador da Capital Federal, mas todos os brasileiros. A busca está presa à descoberta, ou melhor, à compreensão de uma ideologia presente na realidade do País.

3.2. A Análise por meio de Categorias

As categorias de análise que servirão de apoio para abordagem dos dados serão apresentadas posteriormente. Os textos selecionados serão estudados com base nas categorias analíticas trabalhadas por Thompson (1995), cuja obra se intitula *Ideologia e Cultura Moderna*. O autor destaca com precisão os modos de operação da ideologia, além de indicar algumas das estratégias típicas de construção simbólica. A figura a seguir pretende facilitar a visualização desses elementos.

Figura 1 – Como a ideologia opera



É preciso entender o que cada modo tem por objetivo. Conforme Thompson (1995):

1- Legitimação: é a necessidade de legitimar as relações de poder.

a) **Racionalização:** o produtor da forma simbólica usa uma cadeia de raciocínio, para defender a relação.

b) **Universalização:** a estratégia serve ao interesse de todos.

c) **Narrativização:** as histórias contam o passado e fazem do presente algo eterno e aceitável.

2- **Dissimulação:** as relações de poder são estabelecidas e sustentadas pelo seu ocultamento.

a) **Deslocamento:** as conotações são transferidas, mudadas em relação a uma pessoa ou objeto.

b) **Eufemização:** ações ou relações sociais são descritas de modo positivo.

c) **Tropo:** uso figurativo da linguagem no discurso.

3- **Unificação:** ligação dos indivíduos, como uma unidade.

a) **Padronização:** um fundamento aceitável entre todos.

b) **Simbolização da unidade:** construção de uma identidade coletiva, como a Bandeira Nacional, o Hino e outros.

4- **Fragmentação:** segmentação dos grupos que podem ameaçar uma relação de poder.

a) **Diferenciação:** tem o objetivo de desunir os grupos, enfraquecendo-os.

b) **Expurgo do outro:** construção do inimigo.

5- **Reificação:** as relações de poder podem ser estabelecidas e sustentadas pela retração de uma situação transitória, histórica, como se essa situação fosse permanente, natural, atemporal. Envolve a eliminação do caráter sócio-histórico.

a) **Naturalização:** o estado das coisas faz parte de uma criação social, porém tratado como um acontecimento natural.

b) **Eternalização:** os fenômenos sócio-históricos não possuem caráter histórico, ou seja, são permanentes e imutáveis.

c) **Nominalização/ Passivização:** ocorre, quando as descrições das ações são transformadas em nomes, dando ênfase em alguns pontos, destacando somente o que o interlocutor permite, desprezando fatos que não o interessam.

A Análise de Discurso Crítica será o apoio metodológico para o trabalho com o texto considerado uma manifestação discursiva. Gill (2003, p. 245) apresenta características relacionadas a essa perspectiva de análise:

1. a postura crítica com respeito ao conhecimento dado, aceita sem discussão e com ceticismo com respeito à visão de nossas observações do mundo nos revelam, sem problemas, sua natureza autêntica.
2. o reconhecimento de as maneiras como nós realmente compreendemos o mundo são histórica e culturalmente específicas e relativas.
3. a convicção de que o conhecimento é socialmente construído, isto é, que nossas maneiras atuais de compreender o mundo são determinadas não pela natureza do mundo em si mesmo, mas pelos processos sociais.
4. o compromisso de explorar as maneiras com os conhecimentos – a construção social de pessoas, fenômenos ou problemas – estão ligados a ações/práticas (Burr, 1995).

Fairclough (2001) apresenta uma análise pautada em uma estrutura tridimensional do discurso, que destaca como camadas analíticas imprescindíveis para a ADC:

1. a análise textual que compreende quatro itens. Esses podem ser vistos de forma ascendente: vocabulário, gramática, coesão e estrutura textual.
2. a prática discursiva relacionada à produção, à distribuição e ao consumo.
3. a prática social cujo envolvimento refere-se às questões de poder, à ideologia, ou seja, às estruturas sociais.

Claramente é possível estruturar os traços característicos do conceito de discurso que abordarei nesta pesquisa.

Discurso

- linguagem realizada no contexto social;
- transmissão de saber acumulado do seu meio e de outros meios;
- relação dialética com a estrutura social;
- reprodução e transformação dessa estrutura;
- entendimento da linguagem como prática social;
- forma de representação do mundo;

Fairclough (2003) redimensiona sua estrutura analítica e desenvolve a relação entre textos, eventos e práticas sociais. Acrescenta que os textos, na realidade, fazem parte de eventos sociais que por sua vez são construídos por meio de das estruturas, já as práticas sociais têm como peculiaridade o envolvimento entre ordens do discurso e agentes sociais. Dessa forma, ele destaca três aspectos principais de significados no texto: ação e relação social; representação e identificação. Essa última está relacionada à categoria de gênero, discurso e estilo, no nível de práticas sociais.

Na **análise textual**, procurarei me pautar por Fairclough (2001), porém inserindo suas considerações relevantes presentes na obra de 2003. Assim sendo, vamos entender como

estão dispostos os itens já mencionados como componentes de tal análise (Fairclough, 2001, p. 103):

1. **Vocabulário:** avalia as palavras de forma individual. Exemplos
 - a) lexicalizações alternativas – significados políticos e ideológicos;
 - b) relexicalização – relacionados a lutas sociais e políticas.
 - c) sentido da palavra – estruturação da relação entre as palavras e os seus sentidos são formas de hegemonia.
 - d) metáforas – implicações políticas e sociais em manifestações particulares ou alternativas.

2. **Gramática:** as palavras estão combinadas em orações e frases. Nesse contexto, é possível:
 - a) classificar os tipos de frases;
 - b) identificar tópico e tema;
 - c) observar a presença de voz ativa ou passiva;
 - d) detectar o aparecimento ou não do agente verbal.

3. **Coesão:** responsável pelas relações entre frases e orações. Tal processo pode ocorrer por meio de
 - a) vocabulário pertencente ao mesmo campo semântico;
 - b) sinônimos próximos;
 - c) conjunções;
 - d) repetição de palavras;
 - e) referência;
 - f) substituição.

Além disso, toda oração é resultado da união de significados ideacionais, interpessoais (identitários e relacionais) e textuais. Dessa maneira, pode-se considerar toda oração multifuncional (Fairclough, 2001, p. 104).

Fairclough (2003) acrescenta, para a análise textual, traços que corroboram com o estudo da coesão: relações de significado entre orações e sentenças. Essas se referem às relações:

a) semânticas entre orações e sentenças: causa, conseqüência, condição, tempo, adição, elaboração e contraste/concessão;

b) gramaticais entre orações: parataxe e hipotaxe.

O autor afirma que tais relações surgem como capazes de tratar sobre os seguintes temas de pesquisa social: legitimação; hegemonia, equivalência e diferença; aparência e realidade. E, que as relações de parataxe e hipotaxe são predominantes em gêneros textuais diversos.

4. **Estrutura textual:** está preocupado com a organização da estrutura textual, como a ordem em que os constituintes são combinados. A importância desse estudo está no fato dessas convenções possibilitarem a ampliação da análise dos sistemas de conhecimento e crença e dos pressupostos ligados às relações e às identidades sociais presentes nessas determinações dos tipos de texto.

Fairclough (2003, p.134) desenvolve, ainda, os pressupostos relacionados à análise textual:

5. Representação de eventos sociais: trata-se dos significados que representam eventos sociais. Ele lista os reconhecidos nos textos:

- a) Elementos da oração: processos, participantes, circunstâncias.
- b) Exclusão ou inclusão dos elementos de eventos sociais.
- c) Representação concreta e abstrata de eventos sociais.
- d) Representação dos atores sociais
- e) Representação e tipo de processos
- f) Representação do tempo e do espaço
- g) Metáfora gramatical (ex.: nominalização)

Em relação à **prática discursiva**⁷, Fairclough (2001, p.106) afirma que existem processos de produção, distribuição e consumo textual. Isso segundo uma variação discursiva de acordo com aspectos sociais. Os processos de produção e distribuição condicionam-se a dois fatores: recursos disponíveis dos membros, ou seja, para produzir e interpretar é necessário conhecimento; e natureza específica de que fazem parte. O primeiro está ligado à idéia de estruturas sociais interiorizadas, regras e convenções, além de ordens do discurso e

⁷ Fairclough (2001:92) relata que a prática discursiva contribui para reproduzir a sociedade (identidades sociais, relações sociais, sistemas de conhecimento e crença) como é, mas também contribui para transformá-la.

convenções que direcionam a produção, a distribuição e o consumo de textos. O segundo especifica os elementos dos recursos dos membros recorridos e como a eles se recorre. Daí, a importância da análise discursiva, uma vez que busca explorar limitações, procurando interligar elementos particulares às práticas sociais a que pertencem.

O poder das manifestações discursivas revela a força de seu significado interpessoal, a ação social que realiza, como os atos de fala desempenhados. A existência do “contexto” de situação pode reduzir a intensidade de duplo sentido de um enunciado. Esse, por sua vez, afeta as interpretações cabíveis as quais podem ressaltar ou inferiorizar a relevância de aspectos da identidade social dos falantes.

A coerência textual está relacionada ao fato de que as partes componentes de um texto estão baseadas em um sentido, a fim de que o todo tenha sentido, embora exista de certa forma um número reduzido de marcadores capazes de destacarem essas relações semânticas.

A intertextualidade é demonstrada pela realização de um texto ao ser construído, sobretudo, da fusão de tantos outros realizados anteriormente. Fairclough (2001: 135) aponta a relação direta entre intertextualidade e hegemonia, visto que a produtividade dos textos está limitada socialmente por conta das relações de poder.

A intertextualidade manifesta “é o caso em que se recorre explicitamente a outros textos específicos em um texto, enquanto a **interdiscursividade** é como um tipo de discurso é constituído por meio de uma combinação de elementos de ordens de discurso” (Fairclough, 2001:152).

Fairclough (2003, p. 40) avalia a intertextualidade como uma das cinco partes que compõem o texto, o qual é interpretado como parte de interações sociais. Os outros componentes são: diferença e dialogicidade, esfera pública, hegemonia universal e particular e suposições. Esse último subdivide-se em: existencial (sobre o que existe), proposicional (sobre o que é, pode ser ou será o caso) e valorizadora (sobre o que é bom ou desagradável).

A representação do discurso é uma manifestação da intertextualidade, em que o discurso demonstra de que maneira representa a prática discursiva dentro de qualquer cultura do grupo ao qual pertence.

As pressuposições vêm a ser idéias analisadas pelo produtor(a) do texto como estabelecidas. A estrutura textual apresenta indícios de pressuposição por meio de diversos elementos, por exemplo, a seleção de determinadas conjunções, verbos ou mesmo artigos definidos (Fairclough 2001, p.155). O autor acrescenta que “as pressuposições são formas efetivas de manipular as pessoas, porque elas são freqüentemente difíceis de desafiar” Fairclough (2001, p.156).

Na análise dos textos multimodais, a Teoria da Semiótica Social de Kress e van Leeuwen (1996 e 2001) servirá de base. Parte-se do pressuposto de que os elementos visuais são operadores do discurso, logo não podem ser desconsiderados no momento interpretativo. Hodge & Kress (1988) defendem que o texto é um construto multimodal e a escrita é apenas uma das formas de representação componentes desse todo.

Kress e van Leeuwen (1996) destacam as duas principais linhas de abordagem da Semiótica Social: comunicação – entendimento máximo da mensagem dentro de um contexto particular – e representação – seleção de formas que expressem o que se tem em mente da maneira mais realista possível. Assim, os elementos imagéticos tornam-se imprescindíveis na construção interpretativa, uma vez que são bem mais plausíveis em determinados contextos. Um exemplo são os textos informativos, cuja realização requer variados aspectos de composição. Analisar a perspectiva só é possível com base em imagens, por exemplo.

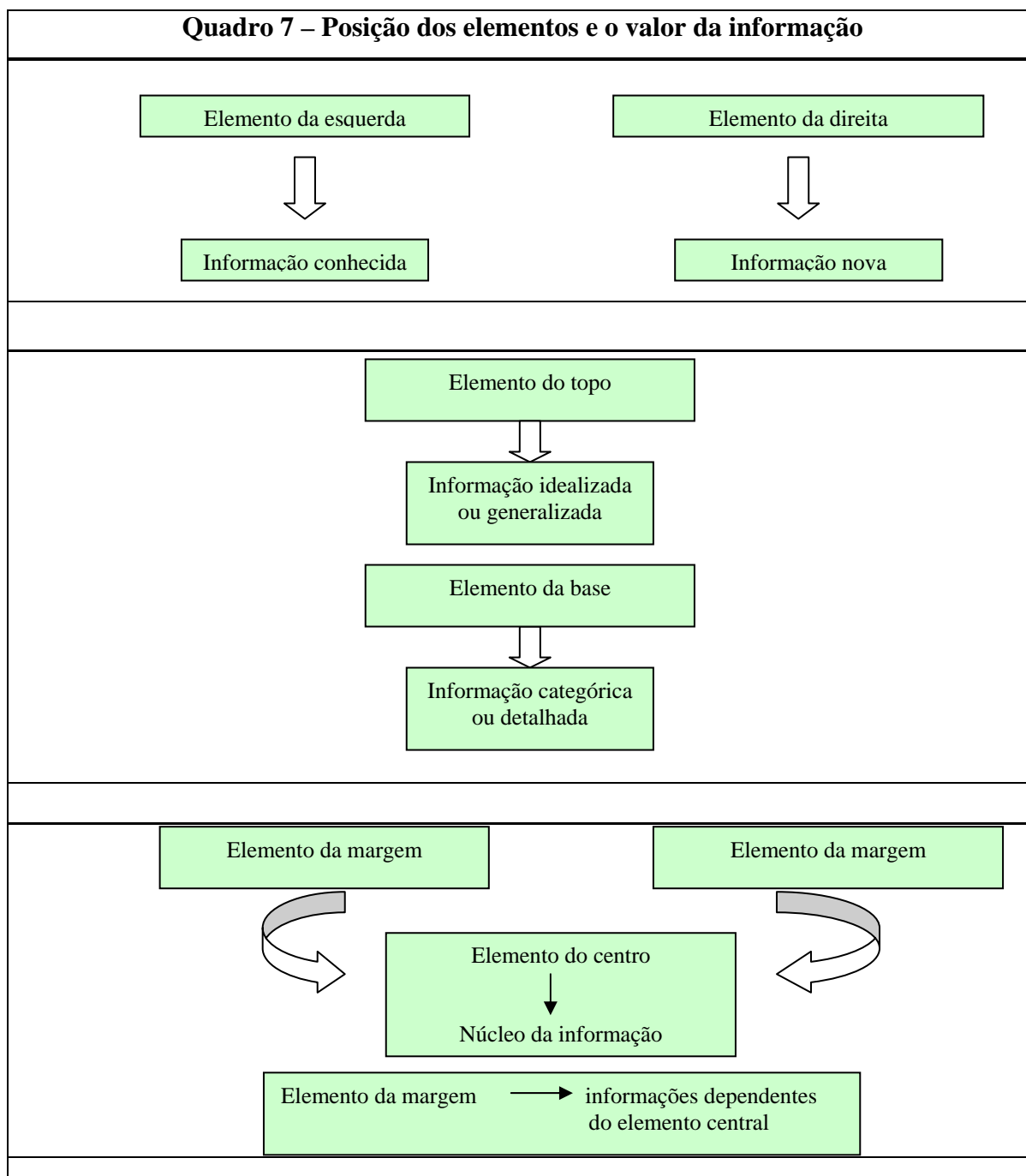
A Teoria Semiótica Social da comunicação apresenta três metafunções:

1. Metafunção ideacional: todo sistema semiótico é capaz de representar, no sentido referencial ou pseudo-referencial, aspectos do mundo experimental externo de sistemas particulares de signos. Em outras palavras, é capaz de representar objetos e suas relações em um mundo externo ao sistema representacional.
2. Metafunção interpessoal: todo sistema semiótico é capaz de projetar as relações entre o produtor de um signo ou signo completo e o receptor daquele signo, isto é, uma relação social particular entre o produtor, o observador e o objeto representado.
3. Metafunção textual: todo sistema semiótico possui a capacidade de formar textos, compostos por signos coerentes tanto internamente quanto no contexto em que são produzidos.

(Kress & van Leeuwen 1996, p. 40)

Com relação à composição do significado do texto multimodal, é possível destacar três sistemas inter-relacionais responsáveis pelos significados interativos e representacionais, segundo Kress & van Leeuwen (1996, p.183):

1. valor da informação (*information value*): a colocação dos elementos fornece-lhes o valor informacional específico que liga as variadas ‘zonas’ da imagem: esquerda e direita, topo e base, centro e margem.



2. **saliência** (*salience*): os elementos são realizados para atrair a atenção de diferentes graus, como colocação em primeiro ou segundo plano, tamanho relativo, contrastes de cores, diferenças na nitidez etc.

3. **enquadramento** (*framing*): a presença ou ausência de mecanismos de construção, elementos conectados ou desconectados da imagem, significando que eles pertencem ou não a um mesmo sentido. Quanto mais os elementos de composição espacial estiverem coesivos mais serão apresentados como uma unidade de informação.

Com base no exposto, vale ressaltar que serão utilizadas como apoio para análise algumas categorias de Thompson (1995) com destaque para as estratégias de construção simbólica mais representativas – **legitimação** (racionalização), **fragmentação** (diferenciação) e **reificação** (naturalização) - com o intuito de observar os modos de operação da ideologia. No caso de Fairclough (2001; 2003), trabalharei: **vocabulário, relações de significados entre orações e sentenças e representação de eventos sociais**. Para a análise da composição multimodal, abordarei as categorias: **participantes, valor da informação, de saliência e do enquadramento**. Assim, considero que atingirei o objetivo proposto, tendo em vista que, por meio dessa análise, chegarei ao ponto-chave das questões que originaram esta pesquisa.

CAPÍTULO 4

4. O VALOR ARQUITETÔNICO *VERSUS* O VALOR HUMANO

Até o presente momento, acredito na clareza de minhas intenções na pesquisa realizada. Portanto, com o intuito de responder aos questionamentos que originaram este estudo, passo à análise do *corpus* exposto anteriormente na Metodologia, Capítulo 3: dois anúncios publicitários, uma reportagem e quatro entrevistas com moradores de Brasília.

Nos anúncios, as categorias a serem analisadas permeiam aspectos críticos com base na ideologia apresentada. Tanto a reportagem quanto as entrevistas estão intrinsecamente relacionadas à construção identitária do morador da capital federal. Vale ressaltar que o conceito que é o grande responsável pela realização desta pesquisa é o de **identidade**. Assim, independente da categoria que estará sendo analisada, sempre procurarei me reportar a esse conceito.

Quando Thompson (1995) apresenta uma proposta de estudo metodológico baseado na Hermenêutica de Profundidade, está preocupado sobretudo com os aspectos sóciohistóricos responsáveis pela construção de interpretações por parte do sujeito. Além disso, a relação ‘campo-objeto’ e ‘campo-sujeito’ mencionada pelo autor é de suma importância no tocante à difusão de idéias. Dessa forma, ele esclarece que

os resultados da pesquisa social podem, em princípio, e muitas vezes o são na prática, ser apropriados pelos sujeitos que constituem o campo subjetivo-objetivo sobre o qual esses resultados são formulados, e este campo pode, ele mesmo, ser transformado no processo mesmo de apropriação. (Thompson 1995, p. 360)

Outro traço bastante relevante da HP é o fato de que “os sujeitos que constituem parte do mundo social estão sempre inseridos em tradições históricas” (Thompson 1995, p. 360). Em outras palavras, os seres humanos influenciam nas transformações de significados e valores difundidos ao longo da história, visto que muitos traços são passados de geração a

geração. Por isso, “Formas simbólicas não subsistem no vácuo, elas são produzidas, transmitidas e recebidas em condições sociais e históricas específicas” (Thompson 1995, p. 366).

Um ponto também focalizado nessa análise crítica é a noção de identidade social e pessoal para Fairclough (2003, p. 161):

“a identidade social de uma pessoa inclui papéis sociais diversos, ainda que isso seja duvidoso, se esta ‘teoria de papéis’, um meio de definir isso, possa ter força de segurar adequadamente a complexidade interna e heterogeneidade da identidade social, que tem sido o principal tema da teoria pós-estruturalista”.

Para que seja iniciada a análise propriamente dita, vejamos a referência dos textos a serem analisados. O anúncio 1, “*Brasília é mais que arquitetura. Também é gente.*”, foi retirado do Jornal Correio Braziliense de 11 de abril de 2004. O anúncio 2, “*Quem fica parado em Brasília é monumento.*”, foi veiculado pela Revista Veja em 28 de julho de 2004. A reportagem, “*Quem é, afinal, o brasiliense.*”, foi publicada pelo Jornal da Comunidade de 17 a 23 de abril de 2004. As quatro entrevistas foram feitas com uma pessoa natural de Brasília e três que residem na cidade, mas nasceram em outras capitais, cujas referências são E1, E2, E3 e E4.

4.1. Os Modos de Operação da Ideologia

É importante, nesse momento, tomar como ponto de análise a visão de Fairclough (2003, p. 9) acerca da ideologia, em que o autor esclarece que “a visão ‘crítica’ de ideologia, vendo-a como uma modalidade de poder, contrasta com várias visões ‘descritivas’ de ideologia como posições, atitudes, crenças, perspectivas, entre outros, de grupos sociais sem referência a relações de poder e dominação entre tais grupos”. Dessa forma, não poderei responder a nenhuma das questões propostas nessa pesquisa sem o estudo acentuado de três dos modos de operação da ideologia, apresentados por Thompson (1995):

Quadro 8 - Análise ideológica	
Modos de operação da ideologia	Estratégias de construção simbólicas
1. legitimação	→ racionalização
2. fragmentação	→ diferenciação
3. reificação	→ naturalização

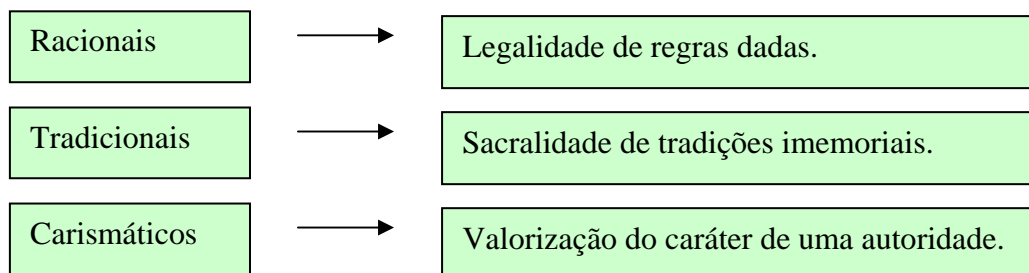
Thompson (1995, p. 82) esclarece com exatidão o porquê de se trabalhar com base em estratégias de ação dos referidos modos:

O exame das estratégias típicas de construção simbólica pode alertar-nos para algumas das maneiras como o sentido pode ser mobilizado no mundo social e como pode delimitar um raio de possibilidades para a operação da ideologia; mas não pode tomar o lugar de uma análise cuidadosa das maneiras como as formas simbólicas se entrecruzam com relações de dominação em circunstâncias particulares e concretas.

Assim, passemos a verificar concretamente a manifestação da ideologia que se encontra presente no contexto de vida da cidade de Brasília – Capital Federal.

4.1.1. Legitimando o poder da Capital Federal e de seus moradores

Max Weber diferenciou três tipos de fundamentos responsáveis pela base dos processos de legitimação:



Com base nessa idéia, será possível perceber que nos textos a serem analisados, a legitimação é um processo marcante, principalmente, sob a ótica da racionalização – estratégia de construção simbólica que se refere à capacidade de se defender ou justificar uma série de pensamentos por meio de uma seqüência lógica de idéias.

Vejamos a seguir trechos da reportagem (veiculada pelo *Jornal da Comunidade*, de 17 a 23 de abril de 2004) e dos anúncios selecionados para análise (A1, veiculado pelo *Correio Braziliense*, de 14 de abril de 2004 e A2, veiculado pela revista *Veja*, de 28 de julho de 2004), com o intuito de interpretar como a legitimação se dá:

Quadro 9 – Legitimando o valor de Brasília e de seus moradores	
Reportagem	<p>“A psicóloga Lívia Borges confirma a idéia de que a arquitetura da cidade interfere no comportamento”.</p> <p>“Outro ponto evidenciado pela especialista é o amadurecimento da cidade”.</p> <p>“O sociólogo Brasilmar Ferreira Nunes também acredita na idéia de que aos 44 anos já seja possível arriscar algum perfil da sociedade”.</p> <p>“Às vezes me pergunto onde estariam todas essas pessoas se Juscelino não tivesse fundado a cidade”.(fala de Mara Amaral, colunista social).</p>
Anúncio nº 1	“Brasília é mais que arquitetura. Também é gente”.
Anúncio nº 2	“A capital federal é muito mais do que arquitetura e belos traços”.

A força emanada das considerações apresentadas pelas falas das pessoas que compõem a reportagem demonstra uma forma de tornar legítimo tudo que envolve as características dos sujeitos residentes de Brasília, bem como a maneira como se relacionam com a estrutura arquitetônica da cidade. Para legitimar esse poder, coloca-se o ponto de vista de uma psicóloga – considerada ‘*especialista*’ -, um sociólogo e uma colunista social. Isso leva o leitor a sentir-se seguro e acreditar na idéia de que ‘*a arquitetura da cidade interfere no comportamento*’ ou ‘*onde estariam todas essas pessoas se Juscelino não tivesse fundado a cidade*’. Essa última passagem ainda é mais relevante, não somente por se tratar de uma

colunista social – pessoa que pertence à alta sociedade -, mas também por referir-se à figura do presidente Juscelino Kubitschek, apresentado como responsável pelo fato dessas pessoas encontrarem-se aqui e possuírem a “excelente vida” que possuem. Além disso, nesse também vemos a valorização de traços históricos. Sendo assim, os fatos sociais são marcados como legítimos e, portanto, devem ser aceitos.

Com relação às afirmações destacadas em A1 e A2, é possível verificar o poder de frases que têm como ponto de apoio a logomarca do Governo do Distrito federal (GDF). A presença desse elemento induz o leitor a acreditar como legítima a idéia de que Brasília vai além da arquitetura que a compõe.

Fairclough (2001, p. 119) apresenta seu posicionamento em relação à ideologia, na seguinte concepção:

A ideologia está localizada tanto nas estruturas que constituem o resultado de eventos passados como nas condições para os eventos atuais e nos próprios eventos quando produzem e transformam as estruturas condicionadoras. É uma orientação acumulada e naturalizada que é construída nas normas e nas convenções, como também um trabalho atual de naturalização e desnaturalização de tais orientações nos eventos discursivos.

Ao seguir essa linha de pensamento, podemos agora trabalhar a racionalização dentro desse contexto. Fairclough (2003, p. 99) afirma que “racionalização é a mais clara e a mais explícita forma de legitimação”. Assim, será fácil observar a presença dessa estratégia construída ao longo dos exemplos abaixo:

Quadro 10 – Racionalizando o poder de Brasília (Reportagem)
“Lugares distantes e muitas retas mantêm um certo distanciamento entre as pessoas. Mas a cidade está mudando[...] As formas redondas propiciam o acolhimento e a aproximação”.
“No Plano Piloto existe uma uniformização sociocultural [...] Mas a imagem construída vai se perdendo conforme a cidade se distancia do centro”.
“Antes de tudo Brasília é poderosa”.
“Tem cultura, lazer e problemas como qualquer metrópole. Mas a qualidade de vida é espetacular”.
“O povo daqui é super-harmonioso. As pessoas têm o maior nível cultural do Brasil”.

Esses fragmentos contribuem para a construção de uma linha de raciocínio que revela uma cidade cuja estrutura e razão de existência colaboram para a formação de uma sociedade em transformação, mas que não deixa que a idéia de superioridade fique à mostra, mesmo que possua aspectos aparentemente negativos como outras cidades. Além disso, a presença marcante da arquitetura também corrobora com a expressão ideológica de se tratar de uma cidade boa de se viver. Por isso, a qualidade de vida é um ponto sempre mencionado quando se fala em Brasília.

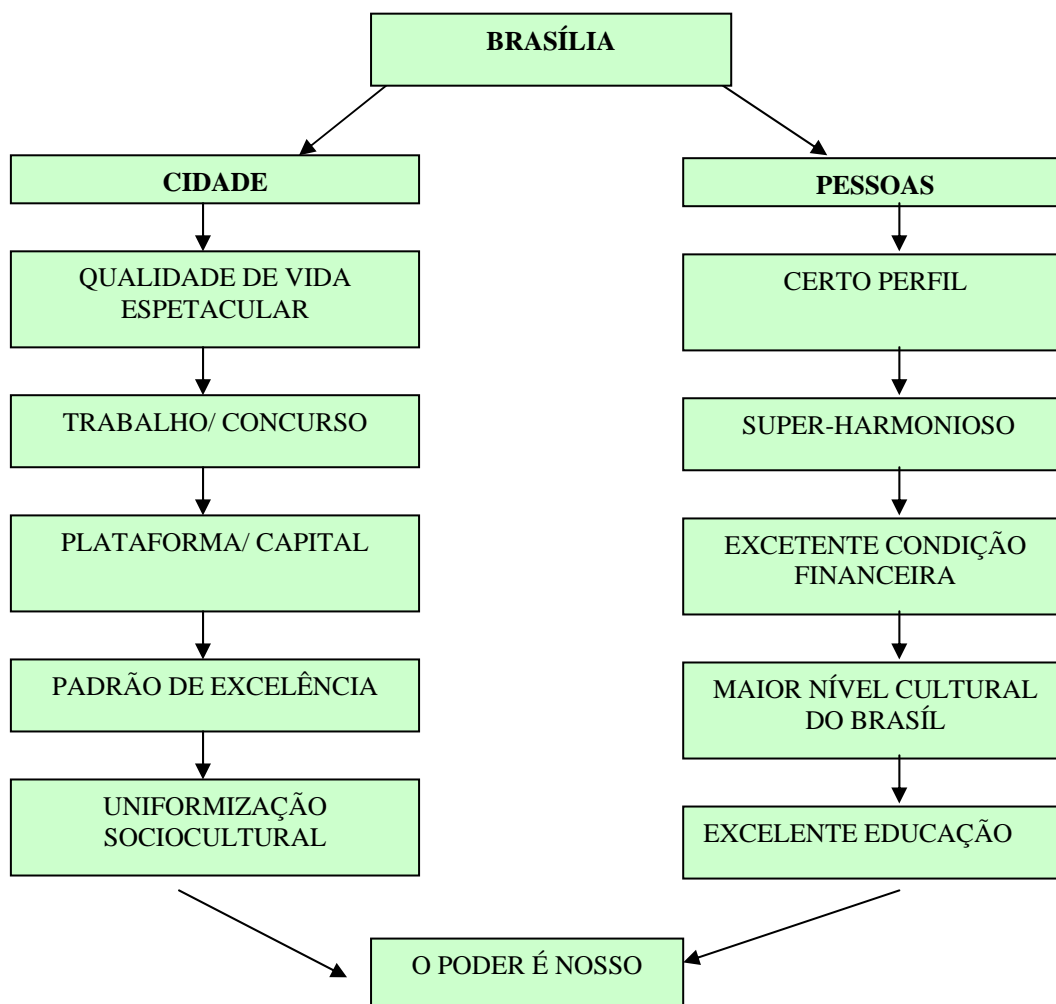
Essa relação aparece, ainda, no discurso dos entrevistados, quando são indagados sobre “o porquê de vir morar em Brasília” ou “que aspectos da cidade estão diretamente relacionados a eles”. Apesar de as perguntas serem adequadas à entrevista de cada um, as idéias permaneceram direcionadas a pontos convergentes. Vejamos alguns exemplos:

Quadro 11 – Racionalizando a vida na capital federal (Entrevistas)
“É a cidade do trabalho e eu me apego muito a isso. É a cidade dos concursos, pode oferecer uma vida mais estabilizada”.(E1)
“Você está numa cidade que é capital. As pessoas que vieram para cá têm um certo perfil”. (E2)
“Todo mundo acha que todo mundo que mora aqui tem uma excelente condição financeira, excelente educação, tudo é um padrão de excelência”. (E3)
“Brasília tem esse grande sentido de plataforma que te projeta para grandes tribos ao invés de ser uma só tribo regional”.(E4)

É possível construir uma imagem positiva inevitável, pois a demonstração do todo e das partes que o compõem é uma forma de entender essa grandiosa construção como algo único e, por isso incomparável. As pessoas geralmente vêm para Brasília com objetivos de sucesso, principalmente, profissional. Embora sejam pessoas que estejam na cidade por razões aparentemente díspares, é possível entender que a relação entre ‘o que ela oferece’ e ‘como são as pessoas que nela vivem’ é extremamente próxima e não há nenhuma maneira de separar esses dois focos. O discurso dos entrevistados revela ao leitor uma série de significados possíveis de promover uma melhor visualização da forma como o raciocínio

lógico é construído. Alguns vocábulos e até mesmo expressões são mais categóricos no que tange à racionalização, portanto, torna-se necessário representá-los de maneira esquemática:

Figura 3– O vocabulário construindo a racionalização dicotômica brasiliense



A visualização do modelo acima permite que vejamos um conjunto de expressões selecionado para conduzir um raciocínio que demonstra o poder atrativo da cidade, a qual é capaz de moldar pessoas assim como sua estrutura foi moldada. A racionalização constrói-se com argumentos responsáveis pela apresentação de uma qualidade de vida excepcional. É importante destacar que esses são alguns dos traços marcantes das entrevistas, pois muito mais poderia ser analisado, entretanto o foco poderia ser desviado. Mesmo assim, com relação à identidade do ‘brasiliense’ muito se pode perceber, tendo em vista que as falas dos

entrevistados se misturam de maneira convergente para a idéia de poder; seja a visão que os outros brasileiros possuem ou a própria análise do morador dessa cidade.

4.1.2. Fragmentando um povo ou uma sociedade

A fragmentação é o modo de operação de ideologia que age no sentido de promover a divisão de uma sociedade em grupos ou em indivíduos que possam representar algum empecilho para a realização dos interesses de um grupo dominante. Das estratégias de construção simbólicas utilizadas por esse modo, destaca-se, nesta pesquisa, a diferenciação.

A forma como as pessoas são diferenciadas de acordo com o grupo a que pertencem é bastante notória na cidade de Brasília. Aqueles que possuem interesses comuns procuram ficar mais próximos e dessa forma acabam por excluir os demais. Mesmo dentro do próprio grupo existem formas diferentes de lidar com a vida nessa cidade. Todos têm um ponto de apoio: qualidade de vida invejável.

No âmbito de minha análise, busquei interpretar como o morador de Brasília coloca-se em uma posição de superioridade e de distanciamento em relação aos demais brasileiros não-residentes na capital federal. Tanto as falas das pessoas na reportagem quanto as daqueles que eu entrevistei estão repletas de significados que perpetuam o traço **diferença** e essa é uma das características responsáveis pela construção identitária. Os exemplos abaixo tornam clara essa interpretação:

Quadro 12 – Diferenciando a sociedade de Brasília	
Reportagem	“As outras cidades podem ter tudo, mas o poder é nosso”
	“Fica muito mais fácil identificar o brasiliense quando o vemos fora da cidade”.
	“O padrão de vida do Plano tem se mantido. A quantidade de mulheres assalariadas é altíssima. E a escolaridade de todos é alta. O número de pessoas com nível superior é considerável”.
	“O problema se inicia quando as pessoas passam a ter dificuldade em se relacionar com outros grupos e se fecham”.
	“As pessoas criam grupos difíceis de penetrar”.
Anúncio 1	“Veja sua cidade com outros olhos”.
	“Um documento que os amantes de Brasília não podem deixar de ver”.
Entrevista 2	“Como as pessoas aqui são competitivas! Você não tem um carro legal, fica todo mundo te enchendo o saco que você deveria ter um carro melhor; se você tem um celular um pouco mais antigo...Quer dizer, as pessoas se preocupam tanto com essa questão de aparência, como aparência financeira.”
Entrevista 3	“As pessoas pensam: ‘Ah! Brasília só tem riquinho lá’. Não é verdade”.

Thompson (1995, p. 87) explica o que é, na prática, a diferenciação:

A ênfase que é dada às distinções, diferenças, divisões entre pessoas e grupos, apoiando as características que os desunem e os impedem de construir um desafio efetivo às relações existentes, ou um participante efetivo no exercício do poder.

Dessa forma, procurarei analisar tal ênfase nos exemplos explicitados anteriormente. Em A1, a presença do pronome possessivo “*sua*”, no primeiro exemplo, remete à idéia de que a cidade pertence a um grupo determinado, fechado. Além disso, o segundo exemplo do mesmo anúncio limita ainda mais a mensagem devido à expressão “*os amantes da cidade*”. Nesse contexto, percebemos o contato direto com o fato de a cidade, como estrutura, ser importante para um grupo que a reconhece como tal.

Já no discurso de E2, detectamos uma nova manifestação de estabelecimento de diferenças: a exclusão de pensamentos que fujam ao controle daqueles que constituem a

cidade. Isso se revela nitidamente por meio do adjetivo “castradoras”, utilizado a fim de qualificar alguns moradores da capital. Continuando nessa linha de entendimento, vemos o adjetivo “competitivas” (E2), a expressão “aparência financeira” (E2) e a frase “Brasília só tem riquinho” (E3), que nos levam a construir pelo menos dois grupos distintos: os de poder aquisitivo elevado e os não-detentores desse poder. Um ponto para o qual devo chamar atenção é sobre essa última frase que, na realidade, foi citada como um exemplo concreto da maneira com que o cidadão brasileiro é visto fora da sua cidade. É imprescindível lembrar que a observação de E3 dá-se pela frase ‘*Não é verdade*’, cuja explicação pode ser encontrada no fato da referida entrevistada ser uma brasileira. Assim, procura se defender de forma natural e compreensível. Para corroborar com a visão de que Brasília é um campo vivo da prática da diferenciação, temos a colocação da colunista Mara Amaral em R – “*o poder é nosso*”. Além disso, ela acrescenta uma forma sutil de separação entre grupos quando usa a expressão “*escolher os amigos*”, ou seja, não são todos capazes de fazer parte do grupo dela, mas com certeza a exclusão e até mesmo uma maneira de tratamento semelhante ao expurgo do outro⁸ é constatado aí. Nessa observação, há as colocações nas falas dos outros na mesma reportagem, como: “*dificuldade de se relacionar com outros grupos e se fecham*”, “*criam grupos difíceis de penetrar*”. Os termos “*dificuldade*” e “*difíceis*” evidenciam quão distante acaba se tornando o relacionamento dessas pessoas com outras que não compartilham da mesma realidade. Tudo isso comprova que as metamorfoses geradas no processo de acumulação do capital, por exemplo, conformam novas formas de objetivação e subjetivação, novas representações dos seres sociais em todas as suas dimensões, repercutindo nos relacionamentos concretizados ou não. A modernização levou o sujeito a analisar o *outro* de modo diferente – excluindo-o de seu convívio – ou semelhante – gerando grupos isolados.

A **diferenciação**, por se tratar de uma estratégia simbólica de manifestação da fragmentação, aparece em vários trechos da reportagem analisada e pode ser apresentada em diversos níveis de ocorrência. O subtítulo do referido texto abre uma polêmica discussão: “*Apesar de traços inconfundíveis, Brasília ainda não é capaz de definir o perfil de seus filhos*”. A presença do adjetivo ‘*inconfundível*’ mostra a singularidade representativa da capital, impossibilitando qualquer comparação no que se refere aos seus traços. Entretanto, há uma dificuldade em caracterizar os brasileiros. Isso pode estar relacionado à

⁸ “Essa estratégia envolve a construção de um inimigo, seja ele interno ou externo, que é retratado como mau, perigoso e ameaçador e contra o qual os indivíduos são chamados a resistir coletivamente ou a expurgá-lo”.

pluriculturalidade presente em tudo que rodeia a vida dos habitantes dessa cidade. Essa mistura constrói pessoas que se diferenciam justamente por isso. Daí, o afastamento daqueles incapazes de entender o construto que é o sujeito integrado a tal contexto social.

4.1.3. A reificação do poder de Brasília

Thompson (1995, p. 87) apresenta a **reificação** como a possibilidade de transformar processos históricos em eventos pouco importantes no contexto de situações analisadas como permanentes, naturais e atemporais, isto é, desviar o enfoque, a atenção do caráter social e histórico, tornando tal situação natural.

A principal estratégia observada é a naturalização, responsável por facilitar o processo de identificação de certas situações como um resultado de inevitável de características naturais. É possível constatar essa configuração no próprio discurso apresentado na fala da psicóloga Lívia Borges em R: *‘Lugares distantes e muitas retas mantêm um certo distanciamento entre as pessoas’* ou *‘começam a surgir pessoas mais modernas e com um estilo mais arrojado’*. Isso demonstra a naturalização quando se fala em construir a identidade do morador de Brasília.

Uma observação de grande relevância feita por Thompson (1995, p. 89) é a de que

As formas simbólicas assim produzidas servem para sustentar relações de dominação ou para subvertê-las, se servem para promover indivíduos e grupos poderosos ou para miná-los, é uma questão que só pode ser resolvida examinando como essas formas simbólicas operam em circunstâncias sociohistóricas particulares, como elas são usadas e entendidas pelas pessoas que as produzem e recebem nos contextos socialmente estruturados da vida cotidiana.

Assim, a maneira como interpretamos essas construções é que realmente importa em sua manifestação. Logo, as pessoas fora da capital criam uma imagem para aqueles que

nela residem e colaboram para a construção de uma ideologia baseada em argumentos relativos à idéia de soberania, de ostentação e de riqueza culminantes com a qualidade de vida incomparável. Os que detêm o poder, nesse caso, o Governador do Distrito Federal utiliza-se dessa construção simbólica para se promover e instituir sua hegemonia. Portanto, acaba por produzir uma sociedade que aparentemente é unificada, mas na realidade se mantém fragmentada.

Esse ponto merece atenção, uma vez que direciona nossa análise para o campo da identidade dessas pessoas; assim, pergunto: temos uma identidade apenas? Não, na verdade, possuímos múltiplas identidades e isso também é uma característica da modernidade tardia. Giddens (2002, p. 174) destaca que “todos os indivíduos incorporam seletivamente, de maneira ativa, ainda que de maneira inconsciente, muitos elementos da experiência transmitida pela mídia (no caso de minha pesquisa, os anúncios) à sua conduta no dia-a-dia.” Mas não foram apenas os anúncios que revelaram essas idéias, pois tanto as entrevistas quanto as reportagem tratam o assunto de forma semelhante.

4.2. Análise de Discurso Crítica

A escolha do vocabulário está diretamente ligada à intenção do emissor e isso também se relaciona com a construção da identidade dos sujeitos.

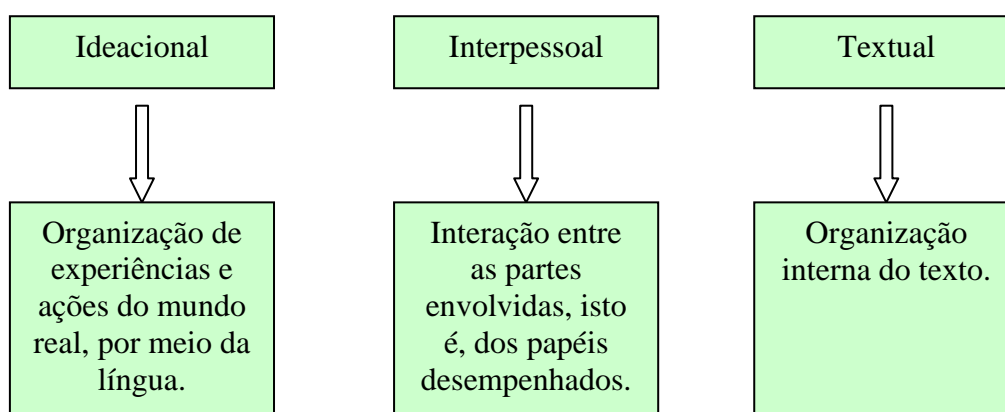
4.2.1. Seleção vocabular e construção identitária

O início desse enfoque deve ser marcado por uma referência que se encaixa perfeitamente nesse estudo: Gramática Sistêmico-Funcional, cuja abordagem se refere a seleções lingüísticas realizadas com o intuito de produzir, simultaneamente, um conjunto de significados. Segundo Halliday (1985), a organização de tais significados ocorre por meio de sistemas representados por “três metafunções da linguagem”: ideacional, interpessoal e textual. Essas são assim intituladas devido ao significado gerado por elas. Ao serem acionados, esses sistemas podem ter as seguintes finalidades:

1. garantir a interação entre participantes de um evento comunicativo;
2. nomear ações ou participantes da mensagem;
3. tornar a mensagem estruturada e compreensível.

Vejamos como podemos identificá-las:

Figura 2 – Metafunções da linguagem



Assim, é possível relacionar essa categorização com a abordagem de Fairclough (2001, p. 230) a respeito da lexicalização de significados com base na intenção do produtor e no contexto social a que ele pertence.

Isso significa que como produtores estamos diante de escolhas sobre como usar uma palavra e como expressar um significado por meio de palavras, e como intérpretes sempre nos confrontamos com decisões sobre como interpretar as escolhas que os produtores fizeram (que valores atribuir a elas). Essas escolhas e decisões não são de natureza puramente individual: os significados das palavras e a lexicalização de significados são questões que são variáveis socialmente e socialmente contestadas, e facetas de processos sociais e culturais mais amplos.

Ao analisar termos e expressões caracterizadores da identidade do ‘brasiliense’, encontro como ponto forte a metafunção interpessoal, pois como os exemplos que virão em seguida foram transcritos dos anúncios publicitários e da reportagem aqui analisados; logo, interpretamos que haverá uma carga marcante da intenção dos emissores.

Com base nesse ponto de vista, listarei os vocábulos e as expressões recorrentes que caracterizam Brasília e seus moradores no discurso publicitário ara que possamos comparar os dados de maneira analítica:

Quadro 13 – O léxico caracterizando Brasília e seus moradores		
	Brasília	Moradores
A1	‘arquitetura’ ‘cinza do concreto x verde dos parques’ ‘político x monumental’	‘gente’ ‘humano’ ‘traços das pessoas’
A2	‘monumentos’ ‘belos traços’ ‘música, arte, muito agito e esportes radicais’ ‘infinitude de parques, museus, bares, restaurantes’ ‘exposições e peças’ ‘trilhas incríveis’ ‘pôr-do-sol que é show’	‘juventude que curte a natureza’
R	‘traços inconfundíveis’ ‘cidade em transformação’ ‘paisagens belíssimas’ ‘poderosa’ ‘qualidade de vida espetacular’ ‘fácil acesso à moda’ ‘o melhor da culinária de todos os estados’ ‘disposição da cidade propicia separação’	‘tantos rostos’ ‘garotada’ ‘nova geração não tão provinciana nem fria’ ‘pessoas mais modernas e com estilo arrojado’ ‘pessoas de todas as partes do Brasil’ ‘amizades fortíssimas’ ‘possibilidade de escolher os amigos’ ‘pessoas muito práticas – frias’ ‘poder agregado à personalidade de forma errada’ ‘povo super-harmonioso’ ‘as pessoas têm o maior nível cultural do Brasil’

Tendo em vista que o maior propósito da referida pesquisa é entender como é construída a identidade do brasiliense e daquele que, embora não tenha nascido na cidade, vive aqui desde muito cedo, procurarei observar a seleção vocabular que circunda também a caracterização da cidade como um todo. Por mais que desejemos separar a cidade de seus componentes, é impossível, principalmente quando estamos falando de Brasília. A construção da identidade desse povo está diretamente ligada à interpretação dessa estrutura urbana criada com base em símbolos bastante representativos.

O quadro 13 apresenta um número considerável de estruturas gramaticais capazes de colaborar para a construção de um ‘perfil’ tanto da cidade quanto de seus moradores. Apesar de a contribuição maior aparecer na reportagem, vou me ater a todos os textos de forma mais genérica. Ao observarmos a qualificação da cidade, é nítida a visão otimista e positiva apresentada nos discursos, ao passo que há divergência quando o foco da discussão são as pessoas. Embora exista uma identificação tanto positiva quanto negativa acerca do perfil e do comportamento do brasiliense, ainda é possível interpretar a prevalência do lado positivo.

A linguagem utilizada nos anúncios 1 e 2 apresenta-se mais objetiva e coesa por se tratar de um gênero discursivo que propicia o desenvolvimento de tais traços. Entretanto, essa objetividade não dificulta a caracterização da cidade de forma contraditória. Além disso, por se tratar de anúncios publicitários, o lado positivo deve estar sempre em destaque, vista que o objetivo primordial desse tipo de texto é “vender” um produto ou uma idéia. Nesse caso, A1 destina-se à divulgação de uma revista cuja finalidade é destacar as ‘diferentes’ características componentes de Brasília e A2, por ser de alcance extensivo a todo o país, procura atrair o turismo para a cidade. Logo, não seria oportuno em ambos os textos relatar marcas que relatassem os “defeitos” do “produto”.

Assim, o valor da seleção vocabular fica claro, pois contribuirá para a concretização de uma imagem de quase ‘perfeição’. Daí, relacionar diversos substantivos que podem ser explorados de forma pertinente com base nos adjetivos que os acompanham. No caso de A2, além da *infinidade* de possibilidades de diversão, o leitor e visitante em potencial poderá desfrutar de tudo isso com qualidade, por isso a presença dos adjetivos: *belos, radicais, incríveis, show*. Um ponto também de grande relevância é o destaque de vocábulos que se reportam à idéia de “cultura” – *exposições, museus, peças* – aliada à valorização de aspectos naturais – *parques, pôr-do-sol* – e de gostos mais descontraídos – *rock, esportes*,

trilhas, bares. Por conseguinte, a imagem construída com base em tais elementos apresenta uma Brasília **diversificada**, capaz de satisfazer qualquer tipo de pessoa. Isso é mais bem constatado pela frase que encerra o texto verbal: *Conheça todas as Brasília que existem em Brasília*.

A caracterização dos moradores da cidade fica vinculada a essa imagem. A frase central de A2 é *Quem fica parado em Brasília é monumento*, que pretende passar a relação entre a metáfora que melhor representa a capital “monumento” e a idéia de movimentação, de agito e de diversão. Dessa forma, a identificação dos moradores torna-se mais evidente, visto que são apresentados de maneira positiva devido à interação com a própria cidade adequada para se desfrutar de uma vida repleta de bons momentos. Ainda a respeito da identidade dessas pessoas, vimos que a representação maior se encontra no campo da *juventude*, a qual é mostrada também de maneira favorável, pois *curte a natureza*.

A Análise de Discurso Crítica é um dos campos de pesquisas desenvolvidas por pesquisadores cujo interesse perfaz a descrição e a explicação do envolvimento da linguagem no funcionamento da sociedade na *modernidade tardia*⁹. A modernidade denominada “tardia” confere às relações sociais características provenientes da maior segmentação da sociedade e do individualismo. A negociação da auto-identidade e a diversidade de identidades possíveis podem ser vistas possíveis e até freqüentes na modernidade, muito embora existam perspectivas que a observem inexistentes ou restritas aos segmentos de elite.

Chouliaraki & Fairclough (1999, p. 3), afirmam que a teoria e o método ADC têm por escopo a reflexão acerca da mudança social contemporânea, das mudanças globais de grande escala e da possibilidade de práticas emancipatórias sobre estruturas e relações sociais. Assim, Entender o uso da linguagem como prática social implica compreendê-la como um modo de ação historicamente situado, que é constituído socialmente, mas também é constitutivo de identidades sociais, relações sociais e sistemas de conhecimento e crença. A produção das informações disponíveis em A1, A2 e R envolvem profissionais da comunicação com disposições particulares, cujas experiências, conhecimentos e crenças são internalizados pelo discurso. E as idéias a serem passadas são representativas de um grupo social.

É nesse contexto de variadas características presentes na vida de Brasília que se encontra a dificuldade do sujeito de construir uma auto-identificação. Isso pode estar

⁹ Entendida com Giddens (2002, p.221) como a presente fase de desenvolvimento das instituições modernas, marcada pela radicalização e globalização dos traços básicos da modernidade.

relacionado ao fato de o homem contemporâneo viver em permanente confronto com uma multiplicidade enorme de identidades possíveis e cambiantes, com as quais temporariamente pode se identificar. Mais especificamente na sociedade contemporânea, o indivíduo deve fazer frente à multiplicidade de estímulos e de modelos, à aceleração dos processos temporais, ou à dissolução das fronteiras políticas, culturais e étnicas.

Quando tomamos como ponto de partida a idéia de que a identidade é a responsável pela estabilização e localização do sujeito na pós-modernidade, surge um sujeito fragmentado, sem identidade fixa, que é “formado e transformado continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam”. (Hall, 1998, p.13)

Com o objetivo de direcionar essas contradições para vida urbana, esse sujeito fica cada vez mais vulnerável a situações de instabilidade. Daí a afirmação de Souza (1998, p. 18):

A distância e a reserva que a calculabilidade e a indiferença produzem na vida citadina são, simultaneamente, a possibilidade de garantia de uma liberdade individual inimaginável em outros contextos. Nesse sentido, a grande cidade reproduz a ambigüidade típica da vida sob o signo do dinheiro. Cria tanto a possibilidade da individualidade como os obstáculos para que ela se realize

Segundo Gergen (1991), as tecnologias de saturação social expõem o indivíduo a um aglomerado de modelos comportamentais e de culturas alternativas, com o que ele acumula não só um vasto conhecimento teórico de mundo, um *saber quê*, mas também um conhecimento prático, um *saber como*. O referido autor denomina de *multifrenia* o resultado de tais sistemas de socialização secundária. Essa seria uma síndrome normal da pós-modernidade caracterizada pela “dissociação do indivíduo numa multiplicidade de investimentos do *self*”. Assim, a pessoa pode circular por ambientes díspares, ocupar-se de atividades não relacionadas entre si, ou desenvolver potencialidades e talentos que, de outra forma, permaneceriam latentes. Ele acrescenta ainda que “a identidade é continuamente emergente, re-formada e redirecionada na medida em que a pessoa se move num mar de relacionamentos em constante mudança” (Gergen, 1991, p. 139).

Ao analisar o vocabulário destacado de R, percebi que parte daquilo que foi constatado até o momento foi restabelecido, entretanto surgem novas nuances a respeito da ‘conceituação’ identitária do brasileiro. O uso excessivo de adjetivos engrandecedores da

Capital Federal ainda é marcante, como *belíssima, poderosa, espetacular*, porém, aparece uma expressão que pode ser interpretada como negativa: *a própria disposição da cidade propicia a separação*. Esse trecho pertence à opinião de um morador da cidade, embora não nascido nela. Isso mostra a relação pertinente entre o espaço e a interação dos indivíduos. Essa visão da estrutura urbana, bem como dos relacionamentos foi constatada em outras falas desse mesmo texto, como *“incerteza e grau de caótico”*. Isso demonstra o lado ‘ruim’ da cidade, que acaba por comprometer a interação entre seus habitantes. Entretanto, levando em consideração o quantitativo, revela um ponto muito relevante na construção do discurso como um todo.

Diante de tudo, vemos que os pilares sobre os quais a noção de era tradicionalmente construída – racionalidade, intencionalidade, auto-conhecimento e coerência interna – vão perdendo sentido. Mais do que isso, perdem força os modelos culturalmente estabelecidos sobre “aquilo que se deve ser”. Surgem, assim, novos paradigmas responsáveis por construções ideológicas muitas vezes errôneas e capazes de proporcionar situações de exclusão.

4.2.2. Relações de significados entre orações e sentenças

Fairclough (2003) trabalha com maior ênfase as relações semânticas estabelecidas pelos conectores textuais. A presença de determinados elementos coesivos em detrimento de outros pode acarretar mudança de significado também ideológico, daí a importância deles. Dessa forma, o autor divide tais relações em três tipos: de referência, apresentada pelos artigos definidos, pelos pronomes demonstrativos e pelos pessoais; lexicais, encadeamento lexical de palavras com base em modelos previsíveis de co-ocorrência; e conjuntivas, responsáveis pelas ligações entre períodos compostos.

Vejamos os dois anúncios, com o objetivo de encontrar pontos convergentes. A presença marcante da expressão comparativa encontra-se nos dois anúncios: **“Brasília é mais que arquitetura. Também é gente”** (A1) e **“A capital federal é muito mais do que monumentos e belos traços...”** (A2), mas há diferença entre as proposições, pois a segunda parte da comparação no primeiro anúncio destaca o povo brasiliense, enquanto no segundo a ênfase continua na cidade com uma leve observação a respeito da ‘juventude’. Além dessas

relações, Fairclough acrescenta a existência de uma relação mais forte dentro desse gênero discursivo: problema e solução. No caso dos textos em análise, interpretamos que A1 tem como *problema* ausência de diversão durante os meses de julho e agosto, enquanto a *solução* é vir para Brasília; o *problema* de A2 é não ver tudo de ‘bom’ que Brasília possui e a *solução* a ler a revista *Olhar Brasília*.

Já com relação às entrevistas as comparações surgem de forma diferente, como no momento em que E2 tenta definir a cidade: “*eu não vejo assim, uma cidade muito nutridora tanto do ponto de vista de um papo intelectual, quanto até do ponto de vista afetivo(...)*. Aqui o entrevistado fala, na realidade, das pessoas e esse paralelo mostra para ele um lado negativo da cidade. No caso da reportagem, também vemos um exemplo negativo, na fala da psicóloga Lívia Borges, (...) “*acham que podem fazer mais que outras sem punição*”. Isso revela uma comparação referente ao lado político da cidade e mais uma vez o poder acaba se manifestando.

Assim, chegamos à questão ideológica que, por sua vez, apresenta traços da identidade de Brasília e, mais claramente, de seu povo. O trabalho baseado em três gêneros textuais permite analisar diferentes aspectos que convergem ou divergem, mas que proporcionam interpretações mais pautadas na subjetividade do discurso.

4.3. Representando os Eventos Sociais dentro do Texto Multimodal

Fairclough (2003, p. 134), ao introduzir a questão representacional dos significados, afirma “Em um período simples, pode-se abordar aspectos do mundo físico (seus processos, seus objetos, suas relações, seus parâmetros de espaço e tempo), aspectos do “mundo mental” dos pensamentos, sentimentos, sensações e assim por diante, além dos aspectos do mundo social.” E acrescenta que sua abordagem “está relacionada à representação dos eventos sociais, mesmo que o mundo social possa também ser representado de modo mais generalizado e abstrato no que se refere às estruturas, relações, tendências etc.”¹⁰

Segundo o autor, quando analisamos uma oração com base nos significados representacionais, destacam-se três elementos principais: os processos, os participantes e as circunstâncias. No contexto oracional, eles são assim identificados:

Os processos geralmente se realizam sob a forma de verbos, os participantes sob a forma de sujeito, objetos diretos ou indiretos e as circunstâncias sob a forma dos diferentes tipos de elementos adverbiais, como adjuntos adverbiais de tempo ou lugar (como é o caso). Podemos diferenciar os tipos de cada elemento (por exemplo, tipos de processo) e as orações se diferem na seleção dos tipos de processo, dos participantes e das circunstâncias. (Fairclough, 2003, p. 135)

Para uma maior visualização e concretização do pretendo analisar, atendo-me na proposta de Fairclough que, de maneira generalizada, mostrou que os eventos sociais podem levantar os seguintes elementos:

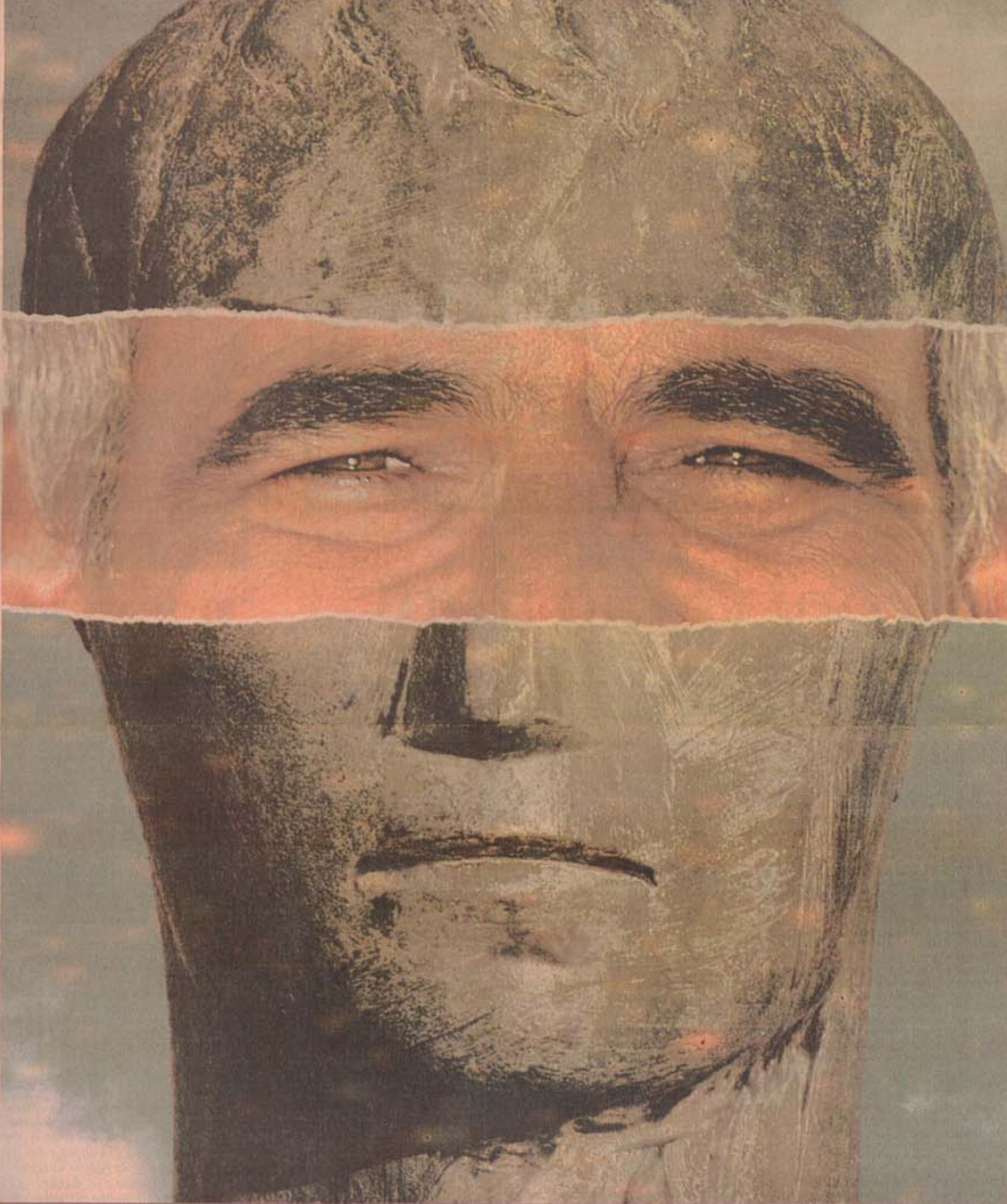
Quadro 14 – Elementos representativos dos eventos sociais
<p>Formas de ação;</p> <p>Pessoas (com crenças, desejos, valores... histórias);</p> <p>Relações sociais, formas institucionais;</p> <p>Objetos;</p> <p>Meios (tecnologias);</p> <p>Tempos e espaços;</p> <p>Linguagem (e outros tipos de semiose).</p>

(Fairclough, 2003, p. 135;136)

Assim, o importante é avaliar o grau de atenção que é destinado a cada um desses elementos, observando a exclusão, a inclusão ou a proeminência. Após tal análise, torna-se clara a presença de intenções do emissor em relação à mensagem que pretende passar para seu interlocutor, muitas vezes, específico. Passemos, então, para a interpretação e para a análise do Anúncio 1 (também identificado como A1):

¹⁰ Tradução minha.

Figura 4 – Anúncio 1



BRASÍLIA É MAIS QUE ARQUITETURA. TAMBÉM É GENTE.
Veja sua cidade com outros olhos. Revista Olhar Brasília. Dia 14 de Abril, no Correio Braziliense.

Qual é a primeira coisa que se enxerga nessa cidade? O traço da arquitetura ou o traço das pessoas? O cinza do concreto ou o verde dos parques? Leia a Revista **Olhar Brasília** e tire as suas conclusões. Um documento que os amantes da cidade não podem deixar de ler. São 100

páginas com fotos e diferentes ângulos dos lugares, do dia-a-dia e dos personagens que embelezam a Capital. Conheça uma Brasília com vários lados: o humano, o político e o monumental. **Leia, dia 14 de Abril, no Correio Braziliense.**

GDF

Neste anúncio, a parte escrita compõe aproximadamente 20% do texto multimodal. A imagem surge causando impacto visual ao leitor, uma vez que representa cerca de 80% do todo e chama atenção de imediato. E, por estar posicionada na parte superior do papel e centralizada entende-se como a informação idealizada ou generalizada, podendo ser uma informação pretendida, ideal, segundo Kress e van Leeuwen (1996, p. 183). Isso pode ser interpretado como a idéia de que o concreto e o humano representam um todo, visto de forma genérica.

Mais uma vez foi utilizado um monumento arquitetônico de Brasília: um dos apóstolos que fica em frente à catedral. No espaço em que estariam os olhos do monumento houve a substituição pelos olhos de um homem comum aparentemente de meia idade com cabelos brancos. Tal construção imagética é complementada pela afirmação principal do texto verbal "*Brasília é mais que arquitetura. Também é gente*", que apresenta a carga simbólica e cultural presente nesse contexto social. Nessa frase, é fácil constatar que há uma necessidade de mostrar que a Capital Federal não é composta apenas por seus traços modernistas, mas também por pessoas que convivem com eles. Com relação aos elementos constituintes dos eventos sociais, temos a personificação de Brasília na posição de sujeito, sendo qualificada pelos termos 'arquitetura' e 'gente', o que origina um construto semântico que se afirma ao longo da exposição textual por meio de paralelos: 'o traço da arquitetura ou o traço das pessoas', 'o cinza do concreto ou o verde dos parques'. Vejamos a presença dos diferentes elementos:

- 1) formas de ação: "veja", "leia", "conheça".
- 2) objetos: "Revista olhar Brasília", "documento", "fotos".
- 3) pessoas: "amantes da cidade", "personagens que embelezam a Capital"
- 4) marcador temporal: "dia 14 de abril".
- 5) marcador espacial: "no Correio Braziliense".
- 6) formas institucionais: "GDF(Governo do Distrito federal)", "Correio Braziliense, o jornal capital".

A ênfase do anúncio parece estar na representação da cidade não apenas com base em um conceito – o arquitetônico – mas também no componente humano. Entretanto, no decorrer da exposição, o destaque maior é dado para a cidade e não para as pessoas que a compõem. A menção feita às pessoas se dá pelo fato de representarem o público-alvo a que se

destina o anúncio. Como poderiam atrair leitores sem que dessem um destaque para eles, mesmo que parcial. A primeira palavra que surge no texto é “Brasília” em uma posição de tema, no início da frase, para evidenciar o diferencial. E é, em torno dela, que o anúncio se constrói, embora o elemento “gente” seja destacado. Ainda assim, percebemos que se trata de um texto socialmente significativo, pois o número de elementos dos eventos sociais representados é bastante marcante, ainda que haja proeminência em relação a alguns especificamente.

O texto é dirigido, sobretudo, a pessoas que moram em Brasília, pois isso se comprova na passagem "Veja sua cidade com outros olhos". Essa parte verbal do texto multimodal procura de maneira contundente formar ou mudar opinião a respeito do que se vê no cotidiano da cidade. O poder ideológico aparece mais uma vez com força total, mostrando que, ao ler a *Revista Olhar Brasília*, será possível tirar conclusões sobre a afirmativa de que a cidade é vista apenas por sua arquitetura. A questão da identidade é marca, também, relevante nesse processo, pois nos é permitido questionar até que ponto estamos interagindo com essa realidade e de que maneira ela está presente construindo ou reconstruindo nosso ponto de vista com base no poder simbólico.

A presença do imperativo é uma característica do texto publicitário, por isso "veja", "leia" e "conheça" são parte desse discurso. O período "*Conheça uma Brasília com vários lados: o humano, o político e o monumental*" deixa clara a relação entre esses três elementos mencionados. Nesse momento, é possível perceber um ponto importante em tal contexto: a representação dos atores sociais. Isso porque se torna óbvia a separação de traços que, à primeira vista, estariam unidos; no entanto, representam interesses distintos.

É evidente que neste estudo a ênfase está no humano e no monumental, cujas características apresentam-se de forma chamativa na imagem presente no anúncio. O monumento integra-se à parte humana ou seria o contrário? Um fragmento humano encaixa-se na escultura? A verdade é que o “cinza do concreto” fundiu-se à cor viva do homem. Essa representação remete a van Leeuwen que ao trabalhar o conceito de atores sociais vinculado às práticas sociais destacou os diferentes elementos envolvidos nesse processo, daí seu interesse:

Como as práticas sociais se transformam em discursos acerca dessas mesmas práticas – e isto, quer no sentido de temos meios para o fazer quer no sentido de como é que nós, na realidade, o fazemos em contextos institucionais específicos que têm relações específicas com as práticas sociais e das quais produzem representações. (p. 172)

Assim, o valor da imagem provoca uma interpretação aliada à idéia que o anúncio pretende veicular: a diferenciação entre a cidade – com sua representação de grandiosidade – e o povo preso a tudo isso de maneira passiva, uma vez que não tem vida própria. Essa observação analítica leva-nos à discussão a respeito da identidade da população de Brasília, a qual sofre influência direta e indireta de todo esse construto e cujo fator de diferenciação é a própria estrutura física.

As diversas interpretações atribuídas a um mesmo texto multimodal ocorrem pela possibilidade de sistematizar a análise dos sentidos construídos socialmente, parte necessária e eficaz quando falamos dos vários domínios da comunicação pública. Daí a relevância dada à perspectiva da multimodalidade, que na visão de Kress e van Leeuwen (2001) não se pode destacar a escrita e a fala como os modos semióticos principais, pois assim estaremos incorrendo em um erro: limitar os elementos comunicacionais.

Ainda seguindo esse gênero textual, observemos o Anúncio 2 (A2):

Figura 5 – Anúncio 2

Brasília em Alta

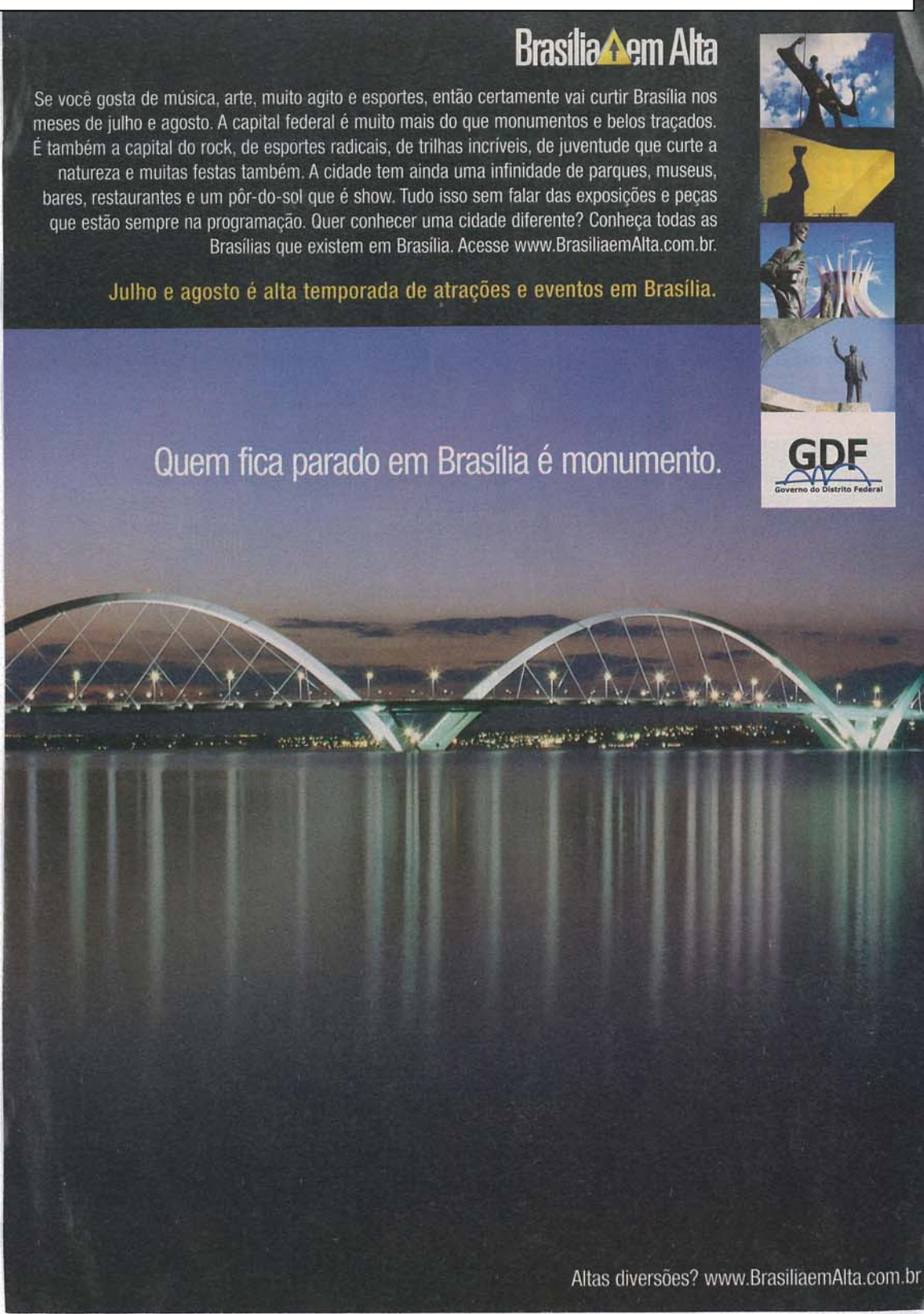
Se você gosta de música, arte, muito agito e esportes, então certamente vai curtir Brasília nos meses de julho e agosto. A capital federal é muito mais do que monumentos e belos traçados. É também a capital do rock, de esportes radicais, de trilhas incríveis, de juventude que curte a natureza e muitas festas também. A cidade tem ainda uma infinidade de parques, museus, bares, restaurantes e um pôr-do-sol que é show. Tudo isso sem falar das exposições e peças que estão sempre na programação. Quer conhecer uma cidade diferente? Conheça todas as Brasília's que existem em Brasília. Acesse www.BrasiliaemAlta.com.br.

Julho e agosto é alta temporada de atrações e eventos em Brasília.

Quem fica parado em Brasília é monumento.

GDF
Governo do Distrito Federal

Altas diversões? www.BrasiliaemAlta.com.br

The advertisement features a large background image of a modern bridge with two large arches, illuminated at night and reflected in the water. On the right side, there is a vertical strip of four smaller images: a person climbing a rock face, a person in a yellow shirt, a person in a white shirt, and a person in a white shirt. The GDF logo is also present in this strip.

Nesse exemplo, temos alguns elementos-destaque que compõem o texto:

- 1) formas de ação: “conheça”, “acesse”,
- 2) pessoas: “você gosta de música, arte, muito agito e esportes”, “juventude que curte a natureza e muitas festas também”
- 3) marcador temporal: “meses de julho e agosto”.
- 4) marcador espacial: “uma cidade diferente...”.
- 5) formas institucionais: “GDF (Governo do Distrito federal)”

Com base em tais traços, é possível verificar mais uma vez o valor destacado pela publicidade em torno das características que engrandecem a cidade e transformam-na em um objeto de atração incontestável. As formas de ação destacadas pelos verbos ‘conhecer’ e ‘acessar’ são apenas uma representação, ou melhor, o início de outras ações que serão praticadas caso o leitor atenda ao convite feito pelo anúncio, uma vez que este envolve aquele de maneira persuasiva ao construir uma identidade capaz de abarcar pessoas de gostos extremos. Isso porque não importa se você gosta de agito ou de apreciar a natureza, mas o importante é a possibilidade de ter acesso a diferentes momentos de prazer.

Mais uma vez a presença da logomarca do Governo do Distrito Federal se faz marcante e nesse caso a abrangência é maior, visto que a revista veiculadora do referido anúncio é de circulação nacional, sendo, portanto, interesse dos envolvidos atraírem mais pessoas para a Capital, que – além de seus ricos monumentos – possui diversos pontos de atração, sobretudo, no período de julho e de agosto, meses em que muitas pessoas estão em férias, ou melhor, muitos jovens encontram-se ociosos; daí a chamada para “juventude que curte...”. O público destacado aqui é sempre uma marca da cidade e quem não se sente atraído por um lugar tão alegre e festivo como esse?

Para fechar esse ponto da análise passemos para a reportagem (R), terceiro e último texto multimodal a ser estudado:

Figura 6 - Reportagem

Quem é, afinal, o brasiliense?

Apesar de traços inconfundíveis, Brasília ainda não é capaz de definir o perfil de seus filhos

BEATRIZ DE OLIVEIRA
boliveira@comatcofnet.com.br

A proximidade do poder fascina, mas as redes distanciam. E o trânsito incansável de cidadãos vindos de cada canto do Brasil remete ao caos. Brasília completa 44 anos dia 21 de abril, mas parece se renovar a cada dia. E o perfil da cidade se confunde entre tantos rostos. Os políticos que passam por aqui têm o marketing para definir as respectivas imagens. Por outro lado, quem é o brasiliense? A identidade de quem vive aqui apenas começa a se formar.

A psicóloga Lívia Borges confirma a ideia de que a arquitetura da cidade interfere no comportamento. Lugares distantes e muitas retas mantêm um certo distanciamento entre as pessoas. "Mas a cidade está mudando. Surgem curvas, novos pontos de encontro e lugares mais angulosos. As formas arredondas propiciam o acolhimento e a aproximação", diz.

Outro ponto evidenciado pela especialista é o amadurecimento da cidade. Brasília está perdendo a cara de cidade pequena e a garotada agita e interage melhor com a sociedade. "A geração mais nova já não é mais tão provinciana, e muito menos tão fria quanto antes. Começa a surgir pessoas mais modernas e com um estilo mais arrojado. A mentalidade dos mais jovens é outra. A partir daí surge a ideia de um perfil do brasiliense", explica Lívia.



BRASILMIR NUNES: "Plano Piloto é mais uniforme"

O sociólogo Brasilmir Ferreira Nunes também acredita na ideia de que aos 44 anos já seja possível ariscar algum perfil da sociedade.

idade. Mas o curso migratório ainda traz à tona um aspecto confuso. "É plausível começar a desenhar um perfil médio. Mas deve-se trabalhar com uma conjuntura. O fluxo de pessoas é muito grande. Existe muita incerteza e um grau de caótico", diz o sociólogo.

"No Plano Piloto existe uma uniformização socio-cultural, muito mais que nos Lagos Sul e Norte. Nestas áreas existe um estilo brasiliense que chega até as cidades próximas. Mas a imagem construída vai se perdendo conforme a cidade se distancia do centro", conta o sociólogo.



LÍVIA BORGES: "A arquitetura interfere no comportamento"

O que se percebe é um decréscimo da renda na radiação do centro para a periferia. "Em uma circunferência dividida em três faixas, a migração dos últimos anos tem chegado na faixa mais externa. Mas o padrão do plano tem se mantido. A quantidade de mulheres assalariadas é altíssima. E a escolaridade de todos é alta. O número de pessoas com nível superior é considerável. Finalizando, a estabilidade oferecida pelo serviço público traz tranqüilidade. Conseqüentemente, as pessoas se estabilizam e fica mais fácil de se constituir um perfil", completa Brasilmir.

Lívia Borges ainda lembra que muitas vezes a identidade dos brasilienses pode estar associada ao poder. "Algumas pessoas, por estarem tão perto dos poderes, banalizam a situação. Essas agregam esse poder de forma errada à personalidade, acham que podem fazer mais que outras sem punição".

O agrupamento em con-

COMO VOCÊ DEFINE O CIDADÃO DA CAPITAL FEDERAL?



"Venho muito à Brasília, dessa vez estou aqui há cinco dias. Tenho muitos amigos que moram na cidade, mas acho difícil encontrar brasilienses aqui. A maior parte das pessoas que conheci veio de outros estados. Tive a impressão de que existem mais homens do que mulheres na cidade. E apesar de alguma barreira inicial, o convívio é muito bom com as pessoas".
Ana Carolina Nogueira, 17 anos.

"Sou mineira e estou aqui há sete anos. O que percebo é uma mistura de regiões e não consigo definir quem é o brasiliense. Por ter vindo de cidade pequena, onde todos se conhecem e se falam, não achei o povo daqui muito hospitaleiro. Mas esse foi só o primeiro impacto, até restabelecer novas amizades e ultrapassar essa barreira. Depois de conhecer as pessoas fica muito mais fácil".
Ana Carolina Nogueira, 17 anos.



"Sou brasiliense e, ao contrário do que muitos dizem, o povo daqui é super harmonioso. As pessoas têm o maior nível cultural do Brasil. E o vestuário já está adquirindo características próprias. Nas horas de lazer, o estilo despejado lembra muito o carioca. Fica ainda mais fácil identificar o brasiliense quando o vemos fora da cidade. Encontrar um grupo de hermulha, chinelo, regata e óculos pode parecer comum, mas se eles forem de Brasília, quem é daqui identifica na hora".
João Carlos Prado, 30 anos.



"Sou de Belo Horizonte e acho as pessoas daqui muito práticas. Parece que ainda não existe nenhum traço cildário forte próprio daqui, que não o de outras regiões. Tudo ainda é muito misturado. Acho que em geral as pessoas são frias, até que se inicie uma amizade. Percebo que a própria disposição da cidade propicia a separação. As pessoas criam grupos difíceis de penetrar, mas depois os relacionamentos são bons".
Francilene Monteiro, 19 anos.

"Sou de Belo Horizonte e acho as pessoas daqui muito práticas. Parece que ainda não existe nenhum traço cildário forte próprio daqui, que não o de outras regiões. Tudo ainda é muito misturado. Acho que em geral as pessoas são frias, até que se inicie uma amizade. Percebo que a própria disposição da cidade propicia a separação. As pessoas criam grupos difíceis de penetrar, mas depois os relacionamentos são bons".
Marcelo Camargo, 30 anos.



"O poder é nosso"

"Antes de tudo, Brasília é poderosa. Formou-se com pessoas de todas as partes do Brasil. As vezes me pergunto onde estariam todas essas pessoas se Juscelino não tivesse fundado a cidade. Mas aos poucos, Brasília vai criando identificação própria. Nem só de poder e glamour presidencial vive a cidade. As gerações que nasceram aqui são completamente integradas a uma sociedade completa. Tem cultura, lazer e problemas como qualquer metrópole. Mas a qualidade de vida é espetacular. Aqui tem um pouco de tudo. O melhor da culinária de todos os estados é encontrado aqui, bas-

ta escolher se quer degustar o sabor baiano, mineiro, gaúcho ou qualquer outro. O acesso à moda é fácil, pode ser brasileira ou internacional. Encontra-se de tudo. Um sotaque próprio ainda não é percebido. Mas as amizades feitas aqui são melhores, fortíssimas. Muitos reclamam que a cidade é fria. Mas o fato é que as pessoas chegam aqui sozinhas, sem família. Muitas não agüentam e vão embora. Já quem fica faz amizades mais fortes que muitas relações familiares. Existe a possibilidade de escolher os amigos. As outras cidades podem ter tudo, mas o poder é nosso".
Mara Amaral.



MARA AMARAL: "A qualidade de vida aqui é espetacular"

Entre os variados elementos componentes da reportagem, darei ênfase àqueles que melhor exemplificam os pontos de interesse da minha pesquisa. Assim, no que diz respeito aos elementos evidenciadores dos eventos sociais, temos:

- 1) formas de ação: “definir”, “fascinam”, “distanciam”, “interfere” (...)
- 2) pessoas: “o brasiliense”, “o sociólogo”, “a psicóloga” (...)
- 3) relações sociais, formas institucionais: “Jornal da Comunidade”
- 4) marcadores temporais: “44 anos”
- 5) marcadores espaciais: “arquitetura da cidade”

Ao analisar esses traços, entende-se que o objetivo principal da reportagem é descobrir a identidade do brasiliense, mas como fazê-lo é a maior dificuldade. Assim, o texto vai se construindo com base na opinião de diferentes pessoas e isso acaba por absorver crenças, idéias por meio de pontos de vistas convergentes e divergentes. Os verbos que destaquei demonstram um misto de positivo e negativo, pois a dificuldade em *definir* o brasiliense seria algo negativo relacionado à questão do distanciamento provocado pela estrutura arquitetônica da cidade, entretanto *fascina* de alguma forma, logo temos o lado positivo.

As pessoas que merecem destaque nesse contexto trazem o que têm de melhor como contribuição da identidade do brasiliense. Daí, a opinião de uma psicóloga e de um sociólogo, além das muitas outras impressões de jovens não citados aqui, visto que terão maior importância em outro momento da análise. Voltando a esses profissionais citados – sim, pois da forma que são ‘usados’ é o ponto de vista profissional que parece interessar – vemos nitidamente a valorização da cidade dentro do contexto psicológico e social. Isso ocorre quando, por exemplo, a psicóloga menciona “Mas a cidade está mudando. Surgem curvas, novos pontos de encontro...”, o que revela uma perspectiva boa diante de um ponto relativamente negativo apresentado antes dessa oração adversativa, que introduz uma idéia opositora. Já, o sociólogo inicia sua explanação com aspectos que à primeira vista mostram-se negativamente, mas à proporção que se desenvolvem acabam por destacar pontos positivos, por exemplo, a questão da divisão da renda do brasiliense que ele discute e finaliza com a representação do serviço público como fator de “tranqüilidade” e acrescenta que, dessa forma,

“as pessoas se estabilizam e fica mais fácil de se construir um perfil”. Ora, com certeza, esse ‘perfil’ não tem como ser negativo.

4.3.1. A Gramática visual na construção textual

Os elementos que formam uma composição gráfico-visual são chamados de participantes e se dividem em dois grupos: representados – de quem se fala – e interativos – para quem o texto é dirigido. No caso do anúncio 1, a imagem destaca muito bem os participantes representados, conforme já mencionei, o homem e o monumento mostram-se como um todo, mesmo que o primeiro apareça em um plano de menor relevância. Em tal ponto, é possível destacar ainda o *processo de ação* – tipo de processo narrativo – em que o participante destacado coloca-se em posição de evidência em relação aos outros elementos constituintes do texto.

A imagem arquitetônica domina quase que de forma absoluta a atenção dos observadores, embora o papel do humano seja bastante valorizado com a marca da direção do olhar, que representa um *processo não-reacional*, pois o reagente olha para fora da fotografia e não para um outro elemento presente do texto. Esses elementos não estão representados com clareza em A2, por isso a dificuldade de entender os participantes dentro desse processo, tendo em vista que os únicos destacados são os monumentos: ponte JK (reinando no centro do texto), os candangos, estátua da justiça, apóstolo/catedral e memorial JK (parte superior direita nessa ordem de cima para baixo). É importante fazer a ressalva de que os monumentos agrupados trazem a idéia implícita da presença humana da seguinte maneira:

- 1) o monumento dos candangos: o povo que originou a cidade;
- 2) o monumento da justiça: a figura feminina;
- 3) o monumento do apóstolo: os seguidores religiosos;
- 4) o monumento de Jk: o responsável pela concretização da cidade.

Por fim, destaca-se abaixo de todos esses elementos a logomarca do GDF, que se liga ao monumento mais recentemente construído – a ponte JK. Dessa forma, os participantes representados mostram-se tão claramente quanto em A1.

No ponto que diz respeito ao *valor da informação*, temos, no anúncio 1, a figura na parte superior do texto, logo interpreta-se como uma informação idealizada ou generalizada, justamente o que se pretende passar: humano e inumano como um todo, conforme mencionado anteriormente. Com relação ao anúncio 2, a imagem central é de um monumento também, mas que se posiciona na parte inferior, já que o texto escrito apresenta-se no topo. Assim, a idéia presente nesse texto constrói-se com base na categorização de que “Quem fica parado em Brasília é monumento” – frase centralizada no texto. Como já foi mencionado, quem são os elementos da direita, basta-nos acrescentar que eles dizem respeito à *informação nova*, que para nós significa o que se pretende passar para o Brasil inteiro, pois o veículo de comunicação utilizado abrange todo esse espaço, conforme dito anteriormente. É importante acrescentar que o dado e o novo são estabelecidos também em função do conhecimento prévio do observador/leitor.

No que se refere aos traços de saliência e de enquadramento, vejamos primeiro as características de A1: apresentadas de maneira clara e evidente, a cor cinza representa o concreto, em contraste com o colorido da pele do homem, o que remete á idéia do inanimado e do animado; além disso, o tamanho da imagem chama atenção de tal forma que chega a ser inevitável apreciá-la e estabelecer um elo entre gente e arquitetura. Em A1 o monumento destacado aparece envolto em um jogo de luzes, cuja parte superior traz um céu de anoitecer, com nuvens escuras, mas ainda sob o efeito do alaranjado provocado pelo sol que se esconde; na parte inferior, há o reflexo das luzes na água, passando a impressão de existem várias linhas verticais sob a ponte, ao mesmo tempo, esta aparenta estar pairando sobre a água; os demais desenhos que compõem o texto imagético agrupam-se um sob o outro com cores que os distingue do fundo escuro.

A aplicação das categorias analíticas da Gramática gráfico-visual na reportagem é bastante ampla, entretanto, quero esclarecer que procurarei mais uma vez extrair o que mais me interessa. Partindo desse objetivo, há como destaque o tamanho das letras da frase principal do texto “Quem é, afinal, o brasiliense?”, que chamam a atenção imediata do leitor atraído pela idéia de conhecer o “cidadão da Capital Federal”. Em seguida, temos a divisão do texto em três partes:

1) do lado esquerdo, o texto construído pela redatora Beatriz de Oliveira, que se baseia na opinião da psicóloga Lívia Borges e do sociólogo Brasilmar Nunes;

2) do lado superior direito, uma caixa, cujo título é **“Como você define o cidadão da Capital Federal?”**, composta por depoimentos – respondendo a essa pergunta – de quatro jovens de diferentes localidades do Brasil, um deles brasileiro;

3) na parte inferior, abaixo da primeira parte, o depoimento de Mara Amaral (moradora sempre presente nas colunas sociais de jornais locais), com o título “o poder é nosso”.

A análise de elementos que colaboram com a construção identitária do ‘brasileiro’ é de fundamental importância na minha pesquisa, por isso a diversidade semiótica muito influencia nos textos multimodais. Para uma visão direcionada à imagem dessas pessoas, quero mostrar as fotos que acompanham o texto verbal como forma de entender o valor desse modo semiótico para a construção da ideia de que a cidade de Brasília é algo ‘ideal’:

Figura 7 - Depoimentos de moradores da cidade

Figura 8 - Definições para o cidadão da Capital Federal

COMO VOCÊ DEFINE O CIDADÃO DA CAPITAL FEDERAL?

FOTOS: DINAH FEITOZA



"Sou mineira e estou aqui há sete anos. O que percebo é uma mistura de regiões e não consigo definir quem é o brasiliense. Por ter vindo de cidade pequena, onde todos se conhecem e se falam, não achei o povo daqui muito hospitaleiro. Mas esse foi só o primeiro impacto, até restabelecer novas amizades e ultrapassar essa barreira. Depois de conhecer as pessoas fica muito mais fácil".

Ana Carolina Nogueira,
17 anos.



"Sou brasiliense e, ao contrário do que muitos dizem, o povo daqui é super harmonioso. As pessoas têm o maior nível cultural do Brasil. E o vestuário já está adquirindo características próprias. Nas horas de lazer, o estilo despojado lembra muito o carioca. Fica ainda mais fácil identificar o brasiliense quando o vemos fora da cidade. Encontrar um grupo de bermuda, chinelo, regata e óculos pode parecer comum, mas se eles forem de Brasília, quem é daqui identifica na hora".

João Carlos Prado, 30 anos.

"Venho muito a Brasília, dessa vez estou aqui há cinco dias. Tenho muitos amigos que moram na cidade, mas acho difícil encontrar brasilienses aqui. A maior parte das pessoas que conheci veio de outros estados. Tive a impressão de que existem mais homens do que mulheres na cidade. E apesar de alguma barreira inicial, o convívio é muito bom com as pessoas".

Francilene Monteiro,
Miss Maranhão, 19 anos.



"Sou de Belo Horizonte e acho as pessoas daqui muito práticas. Parece que ainda não existe nenhum traço culinário forte próprio daqui, que não o de outras regiões.

Tudo ainda é muito misturado. Acho que em geral as pessoas são frias, até que se inicie uma amizade. Percebo que a própria disposição da cidade propicia a separação. As pessoas criam grupos difíceis de penetrar, mas depois os relacionamentos são bons".

Marcelo Camargo,
30 anos.



Começamos pela observação da primeira foto que apresenta pessoas mais maduras com opinião formada com base em experiências vividas e em aspectos profissionais, como já foi mencionado. A psicóloga e a colunista social apresentam-se sorrindo em uma posição confortável e tranqüila, o que nos remete à idéia da vida calma na ‘cidade dos sonhos’. Com relação ao sociólogo, percebemos uma postura mais profissional e analítica devido ao fato de estar envolvido com livros e com conceitos acerca do que lhe perguntaram, mesmo assim a posição de seriedade não demonstra nada de negativo.

É interessante comparar as imagens às frases que as acompanham. Lívia Borges, a psicóloga, diz que “A arquitetura interfere no comportamento” e no caso do dela com certeza a interferência é totalmente positiva, levando-se em consideração o sorriso que estampa seu rosto e vibrante e forte da roupa que usa. O sociólogo Brasilmar Ferreira Nunes destaca: “Plano Piloto é mais uniforme”, o que, ao relacionarmos com a fotografia dele, leva a crer que essa uniformidade também se refere à educação e ao conhecimento, uma vez que ele se mostra, em uma biblioteca, rodeado de livros. Mara Amaral, representante da classe alta de Brasília, afirma: “A qualidade de vida aqui é espetacular”; logo, aparece sentada em cadeira confortável manuseando um computador e como não poderia deixar de ser, sorridente e feliz pela vida de que desfruta. Assim, percebemos claramente a relação direta existente entre a imagem da foto e o pensamento dessas pessoas.

A segunda foto corrobora com a idéia de alegria e de descontração, até por estarmos falando de jovens e como tais não têm por que passar uma imagem ruim ou negativa. São pessoas entre 17 e 30 anos, bonitas, simpáticas e felizes, ou seja, ‘de bem com a vida’. Dentre os quatro, apenas um é brasileiro e com relação ao outro rapaz veste-se de forma bastante esportiva, revelando o lado informal do vestuário brasileiro, ponto abordado em seu depoimento. Tudo isso se relaciona diretamente com os depoimentos que eles fazem, embora iniciem com uma falsa impressão negativa, todos fecham com a positividade prevalecendo.

Assim, os participantes representados estão dentro do processo de ação, ou seja, estão em evidência, pois todos contribuem para a construção da mensagem; logo, há transitividade, termo retirado da sintaxe, cujo sentido também diz respeito à necessidade de complemento. Nesse caso, os participantes são de igual hierarquia. Com relação aos processos

reacionais, há a realização de um não-reacional, tendo em vista que os reagentes lançam o olhar para fora da fotografia, sem que seja possível saber a direção desse olhar.

A análise dos três textos multimodais demonstra a importância da utilização de diferentes meios semióticos para a construção de significados no discurso. O foco desta pesquisa esteve sempre ligado à identidade do 'brasiliense', dessa forma não poderia ser diferente, portanto foi possível entender que tanto nos anúncios, quanto na reportagem a imagem desses sujeitos é construída com base em conceitos ideológicos que remetem à idéia de poder e de diferença. Até mesmo nas entrevistas, interpretei que apesar de apresentar o lado positivo da estrutura brasiliense, ainda temos o forte quadro de algo superior e que ultrapassa a linha do discurso. Além disso, o sujeito residente em Brasília sofre o efeito de três rupturas: física, familiar e psicológica. A primeira ocorre devido à estrutura da cidade, que propicia uma maior incidência de isolamento; a segunda é ocasionada pela necessidade, muitas vezes profissional, de mudança de moradia e assim a família acaba ficando em outras cidades; a terceira é um reflexo das duas anteriores, provoca o esfacelamento da identidade para gerar novas identificações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Análise de Discurso Crítica leva-nos a interpretar o mundo e a realidade que nos cerca de maneira mais crítica e profunda. Com esse método somos impulsionados a aplicá-lo na pesquisa social, como meio de compreender as diferentes práticas discursivas existentes. O que torna essa linha de pesquisa mais rica é a possibilidade de utilizá-la em diversos campos da linguagem. Por isso, embasei minha pesquisa nessa linha de estudo, dando ênfase à identidade e à ideologia. A utilização do gênero anúncio publicitário e reportagem me permitiu constatar como estamos sujeitos a estratégias de persuasão cotidianamente e, dessa forma, não há como fugir da influência de tal contexto. Além disso, a necessidade de verificar a visão do próprio morador de Brasília foi fundamental para analisar essa construção identitária e isso só foi possível devido à análise das entrevistas com moradores da cidade.

Durante a pesquisa respondi às seguintes questões:

- 1) Como o sujeito “brasiliense” constrói sua identidade?
- 2) De que maneira a imagem se manifesta nas práticas discursivas?
- 3) Como a representação discursiva da arquitetura de Brasília corporifica ideologia no discurso?

A construção da identidade do brasiliense, abordada na primeira pergunta, teve sua resposta embasada, sobretudo, na seleção dos vocábulos e das imagens presentes nos textos analisados. Esse construto possibilitou a interpretação de que o brasiliense aparece, geralmente, em relação à arquitetura da cidade como se fossem partes de um todo. A caracterização dessa identidade apresenta-se de forma exclusivista-original como moderno, vanguardista, urbano e sofisticado – uma grandiosa mescla de traços que não se restringem apenas à mistura de pessoas de todas as partes do país.

Nos anúncios, por exemplo, percebi o destaque para relação concreta da estrutura da cidade como as características de seu povo. No caso da reportagem, a dificuldade de identificar o ‘brasiliense’ se perde quando a ênfase é dada à idéia de que esse sujeito é resultado de inúmeros traços brasileiros, porém diferencia-se de qualquer outro brasileiro: seja pelo vestuário ou mesmo pela qualidade de vida que possui. Tal ponto ressalta mais uma vez a

presença da estrutura física da Cidade, bem como as promessas de boa vida apresentadas desde sua origem. Com base em tais pontos, verifiquei que o ‘brasiliense’ constrói sua identidade em meio a contradições em relação ao Brasil e diferencia-se desse todo por desfrutar de ‘regalias’ que não estão ao alcance dos demais brasileiros. Assim, mostra-se um sujeito fragmentado em re-construção.

Segundo Stuart Hall, há duas formas diferentes de se pensar a identidade cultural: uma comunidade busca recuperar a “verdade” sobre seu passado na “unicidade” de uma história ou aquela que a vê como uma questão tanto de ‘tornar-se’ quanto de ‘ser’: reconstrução da identidade a partir de uma constante transformação do passado. Além disso, o autor destaca que a diferença é marcada por meio de sistemas classificatórios, os quais dividem a sociedade em dois grupos: “nós/eles” ou eu/outros”. As diferenças resultam em sistemas simbólicos de representação e exclusão. As formas pelas quais a cultura estabelece fronteiras e distingue a diferença são cruciais para compreender as identidades. Isso se aplica ao ‘brasiliense’ quando é colocado em comparação com qualquer outro brasileiro. A carga significativa da história da criação de Brasília acaba por influenciar manifestações de estranhamento e diferença.

A segunda pergunta só tem razão de existir pelo fato de eu ter trabalhado textos multimodais e, por isso, a resposta está relacionada também a identidade, já que a discussão primordial a que me propus gira em torno desse conceito. A imagem se manifesta nas práticas discursivas de maneira enriquecedora, pois consegue passar para o leitor informações impossíveis de serem apresentadas no texto verbal. Esse traço esteve presente nos anúncios e na reportagem analisados neste estudo e permitiu a observação de que a interpretação da imagem é mais subjetiva e, portanto, mais flexível que qualquer outro meio semiótico. Os anúncios lidaram com imagens capazes de levar o leitor ao ponto que pretendiam – convidar o leitor a apreciar as belezas da Capital Federal; da mesma forma, temos as fotos apresentadas na reportagem as quais revelam apenas o lado positivo do ‘brasiliense’ – boa vida, descontração, bom humor – corroborando a idéia de perfeição, tão difundida pelo Brasil. Além disso, o investimento na identidade relaciona-se à subjetividade que sugere a compreensão que temos sobre o nosso eu. As posições que assumimos e com as quais nos identificamos constituem nossas identidades.

A terceira pergunta relacionada à representação discursiva da arquitetura de Brasília corporificando ideologia no discurso vem fechar o debate que, ainda, está preso à construção identitária. Quando falamos em ideologia, inevitavelmente nos vem à mente a palavra ‘poder’ e com certeza não surge por acaso. Os anúncios, a reportagem e as entrevistas

mostraram-me que a carga ideológica que circunda Brasília é tão significativa que influencia diretamente a construção identitária dos sujeitos que nela residem. As diversas manifestações de poder, presentes nos textos analisados, convergem para um ponto: perfeição. Embora algumas posições dos entrevistados sejam apresentadas contra tudo isso, eles sempre se referem ao que os outros julgam deles e, nesse momento, vem a afirmação de que viver em Brasília é diferente por ser melhor. Fairclough (2003) defende a afirmação de que os textos podem provocar mudanças em nosso relacionamento. Logo, têm efeitos e causas duradouras, contribuindo para a construção de identidades. Podem influenciar diferentes campos sociais como iniciar guerras, mudar a educação, as relações de trabalho. E no caso específico da minha pesquisa seus efeitos incluem mudanças urbanísticas e arquitetônicas, além das comportamentais.

Não podemos fugir da influência exercida pela cidade e por toda a bagagem histórica e cultural que ela carrega, pois do contrário estaríamos negando o poder do meio que nos rodeia. Assim, de forma sintética, concluo que esta pesquisa traz uma contribuição significativa no que se refere à construção identitária do 'brasiliense'. Isso só foi possível porque trabalhei com a triangulação de dados e gêneros discursivos, que permitiram chegar a respostas mais contundentes. O fato de analisar anúncios publicitários de circulação local e nacional me possibilitou entender o valor da imagem de Brasília como ícone do país; a reportagem foi de suma importância para este estudo de um texto multimodal como referente de variadas semioses na construção de significados e, por fim, as entrevistas revelaram o pensamento e a interpretação dos sujeitos que vivem essa ligação com a identidade do meio a que pertencem. Com tudo isso, ainda fica muito a ser analisado, já que os textos utilizados são apenas uma parcela mínima de tudo que nos rodeia e foram estudados como amostragem de uma construção infinita.

REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, L. **Ideologia e aparelhos ideológicos do estado**. Lisboa: Presença - Martins Fontes, 2001.
- BARTHES, Roland. **Elementos de semiologia**. Lisboa: Edições 70, 1994.
- BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Trad. P. A. Guareschi. SP; Editora Vozes, 2003.
- BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: as conseqüências humanas**. Trd. Marcus Penchel. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro, 1999.
- BLANCAFORT, Helena Calsamiglia e VALLS, Amparo Tusón. **Las cosas del decir – Manual de análisis del discurso**. Barcelona: Editorial Ariel, S.A., 1999.
- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. 3 ed. São Paulo, 1992.
- CHOULIARAKI, L. e FAIRCLOUGH, N. **Discourse in late modernity. Rethinking Critical Discourse Analysis**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.
- CHNAIDERMAN, Miriam. “Língua(s) – Linguagem(ns) – identidade(s) – movimento(s): uma abordagem psicanalítica”. In: SGNORINI, Inês (Org.). **Língua(gem) e identidade. Elementos para uma discussão no campo aplicado**. Campinas: FAPESP E FAEP/UNICAMP, 1994.
- DA SILVA, Francisca Cordélia Oliveira. **A representação da raça negra no Brasil: ideologia e identidades**. Dissertação de Mestrado: Brasília – UnB, 2004.
- FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Tradução de M. I. Magalhães. Brasília: Editora da UnB, 2001.
- _____. **Media Discourse**. Great Britain: Arnold, 2001.
- _____. **Analysing discourse - Textual analysis for social research**. London: Routledge, 2003.
- FLICK, U. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. Trad. S. Netz. 2 ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.
- FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1986
- GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Tradução de Plínio Dentzien, 1938.
- _____. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: editora da UNESP, 1991.

_____. **A transformação da intimidade. Sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas.** São Paulo: editora da UNESP, 1993.

_____. **Modernity and self-identity: self and society in late Modern Age.** Stanford: Stanford University Press, 1991.

_____; WODAK, R. “Critical discourse analysis”. In: VAN DIJK, T. A. (Ed.). **Discourse as social interaction.** London: Sage, 1997.

GERGEN, K.J. **The saturated self: dilemmas of identity in contemporary life.** New York: Basic Books, 1991.

GILL, Rosalind. “Análise de Discurso” In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático.** Trad. P. A. Guareschi. SP: Editora Vozes, 2003.

GRAMSCI, A. **Os intelectuais e a organização da cultura.** 8.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

HALL, Stuart. “Quem precisa da identidade?”. In: SILVA, Tomás Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença. A perspectiva dos estudos culturais.** SP; Vozes, 1998.

_____. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Tradução de Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 9 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

HALLIDAY, M. A.K. e HASAN, R. **Language, Context, and Text: Aspects of Language in a Social-Semiotic Perspective.** Oxford : Oxford University Press, 1989.

_____. **An Introduction to functional grammar.** London: Arnold, 1985.

_____. **Da diáspora: identidades e mediações culturais.** Belo Horizonte: Ed. UFMG; Brasília: representação da UNESCO no Brasil. Organização Liv Sovik.

KLEIMAN, Ângela; VIEIRA, Josênia A. “Novas tecnologias e subjetividades – o impacto identitário das tecnologias da informação e comunicação (Internet)”. In: MAGALHÃES, Isabel; CORACINI, Maria José; GRIGOLETTO, Marisa. (Org.) **Práticas identitárias: língua e discurso** – São Carlos: Claraluz, 2006.

HODGE, Robert; KRESS, Gunther. **Social Semiotics.** Cambridge: Polity Press, 1988.

HOLANDA, Frederico. **O espaço de exceção.** Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002.

KRESS, Gunther e VAN LEEUWEN, Theo. **Reading Image: The grammar of visual designer.** London/New York: Routledge, 1996.

_____; LEITE-GARCIA, R.; van LEEUWEN, T. **Discourse Semiotics. Discourse as Structure and Process.** Teun A. van Dijk (Org.). USA: Sage, 1997.

_____. **Multimodal discourse: the modes and media of contemporary communication.** 2001.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade.** Lisboa – Portugal: Edições 70, 1980.

MEY, Jacob L. “Etnia, identidade e língua”. In: SGNORINI, Inês (Org.). **Língua(gem) e identidade. Elementos para uma discussão no campo aplicado.** Campinas: FAPESP E FAEP/UNICAMP, 1994.

ORLANDI, Eni P. **As cidades atravessadas: os sentidos públicos no espaço urbano.** Campinas, São Paulo, Labeurb/Unicamp, 2001.

_____(Org.). **Para uma enciclopédia da cidade.** Campinas, São Paulo: Labeurb/Unicamp, 2003.

PAVIANI, Aldo e GOUVÊA, Luiz Alberto de Campos. **Brasília: controvérsias ambientais.** Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2003.

RAHIER, J. “Mãe o que será que o negro quer? Representações racistas na Revista Vistazzo”. In: **Revista do Centro de Estudos Afro-Asiáticos.** Universidade Candido Mendes. Ano 23, número 1, junho-julho, 2001.

RAJACOPALAN, K. “A construção de identidades e a política de representação”. In: FERREIRA, L. M. A. & ORRICO, E. G. D. (Org.). **Linguagem, identidade e memória social: novas fronteiras, novas articulações.** RJ: DP & A, 2002.

_____. **Por uma lingüística crítica: linguagem, identidade e a questão ética.** São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

ROCHA, Harrison da. **Repensando o ensino de Língua portuguesa: uma abordagem multimodal.** Dissertação de Mestrado: Brasília – UnB, 2005.

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação em massa.** Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

VAN DIJK, Teun. **El discurso como estructura y proceso: introducción multidisciplinaria.** Barcelona: Gedisa editorial, 2000.

_____. **Ideología: una aproximación multidisciplinaria.** London: Sage, 1998.

_____, LEITE-GARCIA, Regina e VAN LEEUWEN, Theo. **El discurso como estructura y proceso - Estudios sobre el discurso I: una introducción multidisciplinaria.**

VIEIRA, Josênia Antunes. “Práticas sociais de letramento e ensino crítico em língua portuguesa”. In: VIEIRA, J. A.; SILVA, DENISE Elena G. DA (Org.). **Análise de Discurso: percursos teóricos e metodológicos.** Brasília: Plano, 2003.

_____. As abordagens críticas e não-críticas em Análise do Discurso. In: VIEIRA, J. A.; SILVA, DENISE Elena G. DA (Org.). **Análise de Discurso: percursos teóricos e metodológicos**. Brasília: Plano, 2002.

_____. **Novas perspectivas para o texto: uma visão multissemiótica**, 2004. A ser publicado em livro sobre Multimodalidade.

WILLIAMS, Raymond. **Problems in Materialism and Culture**. Londres, New Left Books, 1980.

WODAK, R. e MEYER, M. **Methods of critical discourse analysis**. London, New Deli: SAGE Publications, Ltd.,2001.

WOODWARD, Kathryn. “Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual”. In: SILVA, Tomás Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença. A perspectiva dos estudos culturais**. SP; Vozes, 2000.

SILVA, Tomás Tadeu da. “A produção da identidade e da diferença”. In: SILVA, Tomás Tadeu da (Org.) **Identidade e diferença. A perspectiva dos estudos culturais**. SP; Vozes, 2000.

SOUZA, Jessé “Introdução” In: SOUZA, Jessé & Berthold ÖELZE “**Simmel e a Modernidade**”. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1998.

ANEXOS

ENTREVISTA Nº 1

Informações sobre a entrevista e o entrevistado

Data da entrevista: 03 de fevereiro de 2006.

Local da entrevista: residência do entrevistado

Duração da entrevista: 1h 30min

Identificador para o entrevistado: E1

Sexo do entrevistado: feminino

Idade do entrevistado: 33 anos

Profissão do entrevistado: estilista

Peculiaridades da entrevista: nasceu em Fortaleza – CE e reside em Brasília há 8 anos.

1. O que é identidade para você?

Identidade...para mim é a característica pessoal que cada um tem.

2. Como o meio pode influenciar na sua formação como pessoa?

*Ah! Com certeza influencia, porque a convivência com as situações e com a personalidade de cada pessoa que está te envolvendo no teu cotidiano pode fazer você **mudar certos comportamentos**.*

2.1. Só as atitudes das pessoas vão te influenciar ou meio em si também influencia? A parte física?

Sim, o meio com certeza, mas como há pessoas envolvidas nesse meio a gente acaba vendo como as pessoas que podem modificar a identidade. Não se pode ver isso só como o meio, é um conjunto de fatores que podem modificar.

2.2. Levando em consideração o fato de você morar em Brasília há oito anos, como você analisa esse conceito de identidade dentro da realidade de Brasília?

*Em Brasília, as pessoas já são **mais envolvidas com o trabalho** e as pessoas que são **mais fechadas** que outras até coopera para continuarem mais fechadas e não mudarem a rotina*

*delas. Eu me identifico assim, porque **eu gosto de ficar no meu canto**, gosto de estudar e de trabalhar. E essa coisa automática de morar aqui **é a cidade do trabalho** e eu me identifico mais porque eu gosto de trabalhar e **aqui não é a cidade da balada**.*

2.3. No que diz respeito ao relacionamento humano, você acha que as relações são mais estreitas?

*São mais estreitas porque tem o fator tempo. **Você tem muito trabalho e com isso não tem muitas amizades**. É onde interfere no relacionamento com as pessoas. Você não consegue se aprofundar nas amizades, no convívio com os outros por causa desse **corre-corre**. Acaba se influenciando sim.*

2.4. E a estrutura em si da cidade você acha que tem alguma relação com isso, com essa vida agitada? Como que você acha que isso pode estar relacionado?

*Eu creio que a organização da cidade até ajuda nas atividades das pessoas, exatamente porque **é tudo bem separado**: setor bancário, hoteleiro...As pessoas até ganham tempo porque vão direto ao que pretendo. Como o tempo é restrito devido a muito trabalho isso acaba facilitando.*

2.5. De uma forma mais objetiva, porque você escolheu vir para Brasília?

*Olha, Brasília, como falei, **é a cidade do trabalho** e eu me pego muito a isso. **É a cidade dos concursos**, pode oferecer uma **vida mais estabilizada**. Então, eu vim também em busca disso. **É muito organizado e associado à existência de mais concursos** foi o que fez eu vir pra cá.*

Apresentação do anúncio publicitário.

3. O que chama sua atenção nesse anúncio?

A idéia que é passada de Brasília para as pessoas é da arquitetura, seus monumentos. Ninguém fica ligado em que é uma cidade como as outras, em que muita gente trabalha e têm seus lares, família. Então, é uma cidade em que tudo acontece como em outras cidades. E aqui está mostrando isso, eu imagino, na foto do homem.

3.1. O que realmente chamou sua atenção?

*Aí está uma junção da parte do homem e do monumento. É interessante porque foi pego exatamente o olhar. Esse olhar na imagem me passa **um olhar de preocupação, de tristeza, de descontente**, no caso.*

3.2. Mas em relação a que seria isso?

*Os problemas que aqui existem. **Não é a cidade só da beleza, de construção.** É uma cidade que tem muitos problemas e inclusive a gente consegue até ver a questão política. Esses problemas que foram surgindo e também tem a ver com a segurança, a violência. Sendo mais a parte da política, porque a gente imagina que teria de ser a cidade exemplo e, no entanto, ela não é. **Existem partes na cidade que são um paradoxo:** você o Ministério, a esplanada e em frente a rodoviária com aquela desorganização, aquela pobreza que a gente vê nitidamente e de frente para o Congresso Nacional. É meio de se espantar.*

3.3. Se você fizer a interpretação da imagem vinculada ao texto verbal?

Sempre mostram e passam essa idéia da arquitetura quando se fala em Brasília e ele mostra o outro lado.

3.4. Essa sua interpretação permanece ou surgiria outra?

*Ali, existe **a questão do concreto.** A parte textual está relacionada também à **frieza** que as pessoas acabam tendo, é **algo automático** que nem elas percebem isso. Aqui, é o concreto que demonstra essa frieza e a expressão do olhar é o que a gente enxerga. É a preocupação das pessoas em relação ao que elas têm de enfrentar todo dia.*

4. Você acha que há alguma identificação entre você e o anúncio?

*Sim, essa **frieza, da coisa mecânica**, em que a gente se preocupa muito com o trabalho. Em relação a minha **rotina**, eu tenho muito essa coisa: trabalho, estudo..., pois a preocupação é com o trabalho. Eu acabo ficando voltada 100% para o trabalho. É como a maioria das pessoas que vivem em Brasília. Elas vivem só centradas no trabalho, é aí que surge a frieza, a preocupação que a imagem transpassa.*

5. Depois de oito anos vivendo em Brasília, como você faria uma descrição sua como pessoa, uma auto-identificação?

*Primeiro, como são oito anos, houve **um desenvolvimento.** Então, isso já vai mudando conforme as coisas vão acontecendo na vida da gente. Mas falando daqui, o que mudou eu acredito que eu me **tornei uma pessoa mais exigente, uma pessoa mais seletiva e exatamente***

*pelas pessoas que conheci aqui tanto de cidades diferentes quanto de classes sociais diferentes da minha. Devido ao trabalho também que são **pessoas de nível social melhor**, então a gente acaba se adaptando a isso e pegando um pouco do comportamento e tendo uma postura até melhor em atitudes, né? Então, tem a questão também de ser **um pouco mais fechada**. É uma coisa natural que vem acontecendo porque é exatamente esse envolvimento como o trabalho, você acaba não conseguindo levar adiante os relacionamentos e amizades e quando a coisa já dificulta...O corre-corre da cidade, você acaba se tornando uma pessoa mais fechada. É uma característica forte que mudou em mim é ter me tornado **mais fechada e seletiva**.*

ENTREVISTA Nº 2

Informações sobre a entrevista e o entrevistado

Data da entrevista: 28 de fevereiro de 2006.

Local da entrevista: residência do entrevistado

Duração da entrevista: 1h 40min

Identificador para o entrevistado: E2

Sexo do entrevistado: masculino

Idade do entrevistado: 39 anos

Profissão do entrevistado: servidor público (analista do Banco Central)

Peculiaridades da entrevista: nasceu no Rio de Janeiro (capital) e reside em Brasília há 31 anos.

1. O que é identidade para você?

*Bom, essa é uma pergunta para a qual eu não estou nem um pouco preparado. Identidade, antes de mais nada, é daquelas coisas que a gente **sabe mais ou menos o que é, mas que a gente não sabe necessariamente expressar em palavras**. Mas se eu tentasse botar alguma coisa assim, a identidade é o conjunto de... sei lá, **é a forma como eu me vejo, é a soma dos meus valores e das minhas características; é tudo aquilo que me define como uma pessoa única e diferentes das outras, pelo menos, em termos psicológicos, claro!***

2. Como o meio pode influenciar na sua formação como pessoa?

*Bom, eu acho, por exemplo, no meu caso o meio influencia de todas as formas. No meu caso particular, eu vejo como que boa parte da minha moral, minha forma de ver o mundo, percepção de certo ou errado, da minha sensação de que o bem é o correto e não o mal...Como no meu caso em particular fui **extremamente influenciado por estórias em quadrinhos que eu li quando criança e desenhos animados**. É impressionante como na minha formação foram coisas extremamente influenciadoras e até muito mais do que colégio, do que colegas, do que professores. Então, sei lá, acho que tudo que a gente vai vendo na nossa história...É claro o que a gente vê em termos de pessoas se comportando, de como se comporta do nosso lado, o que as pessoas dizem que é certo, o que dizem que é errado, o que elogiam, o que dão bronca, tudo isso vai influenciar. Mas aí é que está, como eu A, sou particularmente, no meu caso, o que mais me influenciou foram curiosamente **as estórias prontas que eu via, eu acho**.*

3. O que você enxerga em Brasília que vai influenciar na sua maneira de ser como pessoa?

*Bom, o que me influenciou de forma geral eu acho que é basicamente o comportamento médio das pessoas com as quais eu convivo aqui em Brasília. Quer dizer, muitas vezes eu me perguntei isso, independente dessa entrevista, **como seria eu numa sociedade diferente**. Às vezes, eu pergunto como seriam as pessoas em Barcelona, ou qualquer cidade, não que seja muito exótica, que não tenha nada a ver com a minha cultura. Mas uma idéia de uma cidade Argentina ou mesmo outra cidade brasileira, digo assim, porque **eu acho que as pessoas em Brasília são castradoras de um pensamento diferente**. Você vê assim uma dificuldade de se **aprofundar**, uma coisa muito ‘**oba- oba**’, muito ‘**ha-ha-ha**’ na conversa. Eu vejo isso até na comunidade de que eu participo dos ‘balzaquianos solteiros’ no orkut, que de repente um cara se propõe a discutir um filme, uma coisa que tem conteúdo, mas outro fala como se ele tivesse discutindo bobeira...Digo que Brasília é uma cidade, sabe, que **eu não vejo, assim, que as pessoas valorizem muito cultura, o pensar, não valoriza**. Eu acho que é **uma cidade muito superficial**, então muito embora eu goste da cidade enquanto ambiente físico, eu te confesso que **meu mundo ideal era uma Brasília com pessoas que não fossem de Brasília**. Eu digo não dá pra misturar, não? Porque eu acho que é uma cidade em que, justamente, **eu não vejo assim, uma cidade muito nutridora tanto do ponto de vista de um papo intelectual**,*

quanto até do ponto de vista afetivo. Aquela velha história que todo mundo fala que a cidade é fria, mas todo mundo se comporta de acordo. Todo mundo é frio e sempre reclamando, como se esperasse que o mundo mudasse ao invés delas mesmas mudarem.

3.1. Mas você não acha que o comportamento das pessoas não tem a ver com essa coisa de tanta arquitetura? Tudo muito bem projetado? Você não acha que tem a ver com o comportamento das pessoas?

*Sempre vai ficar um pouco difícil de separar, é claro. Quando você tem esse tipo de construção de um Lago Sul, por exemplo, que foi feito para, ou melhor, não foi feito para, mas acaba na prática não aproximando realmente. Mas aquela história, **você está numa cidade que é a capital, as pessoas que vieram pra cá têm um certo perfil.** Então, você nunca vai ter certeza como seriam essas mesmas pessoas **se você tivesse feito uma capital normal, se não tivesse esse planejamento,** será que não é essa história do funcionalismo público, sabe, de pessoas que muitas vezes vêm trabalhar onde quer que tenha um melhor emprego, sabe. Há certa concentração de militares, pessoas que realmente tendem a variar um pouco de cidades, já que são transferidos, não sei até que ponto tendem a não criar laços de amizades, porque podem ser transferidos e acabam sendo rompidos. Muitos funcionários públicos muitas vezes estão aqui e dali a pouco não estão mais. Essa própria sensação de que você está numa cidade e que tende a mudar a gente ver como pessoas tendem a não se estabelecer... Você faz até **uma coisa de proteção 'não vou criar um vínculo'**, uma pergunta que eu até me faço, justamente pessoas que estejam mais certa de morar aqui porque já me aposentei aqui e têm uma idéia diferente de criar laços. Até eu mesmo que tenho intenção de ficar em Brasília, me relaciono com pessoas que não vão ficar, quer dizer, bem ou mal eu teria que me relacionar como pessoas que vão ficar. De repente minha ex-namorada pensa e vai pra outro lugar, minha amiga está aqui, mas não tem emprego e ela vai pra outro lugar. Então, você está numa cidade como outra cidade também... também tem aquela velha história que cidades pequenas das quais as pessoas saem para trabalhar e nem por isso, necessariamente, as pessoas são frias. Realmente eu não sei até que ponto esse fator influencia. Teríamos que comparar como são cidades que não têm esse problema arquitetônico, como as cidades-satélites, como é no Guará? Parece que as pessoas são mais próximas, não tenho bem certeza. **Você poderia até ver como aquelas fábulas em que as pessoas distribuíam gentilezas, coisas boas aí a bruxa má disse que as coisas boas eram pra***

elas guardarem. Brasília parece até como essa coisa da fábula como se todo mundo se resguardasse, sabe, não dá porque não recebe.

3.2. Pela sua idade, você me falou que possui 39 anos, você veio para cá com oito anos. Então, estava construindo a sua identidade, mas nós podemos comentar como eram seus pais. Você acha que eles mudaram a partir do momento que vieram morara aqui?

Eu acho que não houve diferença, mesmo se eles tivessem ficado no Rio de Janeiro.

3.3. Você acha que o ritmo da cidade não influenciou?

Não, até porque minha mãe é uma pessoa pouco iterativa. Então, ela não interagiu muito com a cidade. Não fez muita diferença. Eu acho que se meu pai tivesse ido morar em Goiânia ou em Curitiba, nesse aspecto não houve influência, não.

4. Qual a diferença de vida aqui e em outra cidade? Você acha que tem alguma diferença?

*Não que eu tenha residido, mas já vi outras. Só capitais do exterior eu já estive bem em trinta. Eu fico pensando como seria a vida morando em outra cidade, mas o que tem de diferente?... Acho que são coisas... que não tenho nem experiência pra analisar. **Uma coisa que chama atenção é a facilidade de distância, dependendo do horário você ainda anda na rua.** Aqui bem ou mal você tem amigos distantes parece uma coisa mais fácil. Mas acho que realmente uma cidade que tem litoral é diferente. A questão climática não vou nem dizer que seja ruim aqui, mas faz diferença de uma cidade, por exemplo, que tenha um longo período frio, é diferente o comportamento das pessoas, que se tornam mais fechadas. Outro ponto que eu gostaria de comparar com outras cidades é essa questão aqui em Brasília de competição. **Como as pessoas aqui são competitivas!** Você não tem um carro legal, fica todo mundo te enchendo o saco que você deveria ter um carro melhor; se você tem um celular um pouco mais antigo... Quer dizer, **as pessoas se preocupam tanto com essa questão de aparência, como aparência financeira.** Eu vejo assim **uma futilidade tão grande** que eu fico pensando... Eu estive em Santos e pensei será que as pessoas aqui se preocupariam tanto com essa questão de aparência e de bens materiais, da competição? É uma pergunta que eu me faço.*

5. Você acha que o fato de viver aqui contribuiu para a construção de sua identidade e mudou a sua maneira de se relacionar com outras pessoas?

*Como eu falei, no caso dos meus pais pouco mudou, mas no meu caso, como eu era criança e muito influenciado por tudo eu acho que sim. Mas aí que está, não sei até que ponto o fato de ser Brasília faz diferença por um lado. Eu seria outro se tivesse ficado no Rio ou se fosse morar em Fortaleza. Na verdade, o fato de mudar de um lugar para outro já é diferente. O simples fato de sair da 305, que embora as pessoas não estivessem próximas fisicamente, eu as sentia assim e ir morar no Lago Sul aos 16 anos. Nossa, **eu me senti muito isolado**. Na época, nem ônibus tinha. **Eu estava num lugar que eu tinha perdido minha liberdade**, quer dizer, antes eu estava ali e podia ir para o inglês e para o cinema, tudo eu podia fazer a pé. De repente, eu estou num lugar completamente isolado, que não via ninguém na rua. Já na quadra você desce e pode até não falar com ninguém, mas você tem pessoas do seu lado. De repente, você está num lugar que está sozinho mesmo. Eu não digo em Brasília em si, mas **a solidão que eu sinto decorre de eu ter vindo morar no Lago Sul**. Eu sempre sonhei num mundo que você tivesse sempre amigos próximos. Sempre tive amigos distantes...Mas resultado: fez muita diferença sim.*

Apresentação do anúncio publicitário.

6. O que chama sua atenção nesse anúncio, nessa imagem?

*Bom, na verdade nem chama tanto. É um cara **sério** me olhando. Na verdade, ele é que está me observando. Se fosse um teste psicológico eu diria que o que chama atenção é que **ele está me observando**, não há muito pra olhar nele, **não há uma expressão facial definida**. A idéia é como se eu estivesse sendo olhado e sendo cobrado.*

7. Você se identifica de alguma forma com essa imagem, com esse homem?

*Bom, eu me identifico vagamente, mas não é como algumas figuras que eu não me identificaria em nada. É uma pessoa que está com **um ar bastante contemplativo, sério** e eu, como uma pessoa contemplativa, me identifico um pouco. A primeira imagem que me vem é*

*de um daqueles apóstolos da Catedral, né! Mistura essas duas coisas. Se bem que ele também lembra **uma estátua romana**.*

7.1. Quando você lê “Brasília é mais que arquitetura. Também é gente.”, como você consegue relacionar esse concreto com o humano, pensando em Brasília?

*Quando eu vejo essa história de ‘Brasília é mais que arquitetura. Também é gente’, eu acho uma coisa interessante, eu acho que isso fica sendo uma palavra vazia, que não bate nem com o discurso de como as pessoas apresentam a cidade nem para os próprios brasilienses nem para os turistas, porque **é muito bonito falar ‘Brasília é mais que arquitetura’, mas quando você for pegar qualquer folder turístico, o que você tem? Basicamente só arquitetura sem elemento humano.** Não tem a imagem de pessoas de longe, por exemplo, a ênfase é sempre isso **um ‘Congressão’ lá**, não um Congresso com elemento humano. É sempre **um ‘panteãozão’, ‘uma catedralzona’,** sabe. Há esse blá-blá’ todo aqui, mas infelizmente (porque eu tenho um site) uma coisa que eu sempre impliquei é com o fato de Brasília ser apresentada como **uma mera coleção de monumentos.** Essa é basicamente a Brasília que se fala, é meramente uma coleção de monumentos. Não numa propaganda só, mas é como a vida da gente, não adianta falar uma coisa e agir de uma forma totalmente diferente. É uma coisa que eu vejo, **outras cidades são muito mais apresentadas de uma forma mais humana.** Você viu que quando se apresenta o Rio de Janeiro é muito mais o carioca, as pessoas que estão lá; eles não ficam só no Pão de Açúcar ou no Corcovado. Até na hora de mostrar as praias você tem visão de Rio muito mais com gente, com o ser humano integrado; enquanto que se você pegar qualquer livro ou folder de **Brasília é só um belo de um grande monumento num monte de monumentozinhos.** E a pessoa é sempre esquecida, inclusive quando você ver a própria discussão de vida da cidade, o que importa é se **o plano está sendo obedecido,** não importa se as pessoas estão morando bem ou se estão morando mal; se são felizes ou infelizes; se o espaço em que estão morando é cada vez menor, o que importa é que no monumento, na arquitetura nós temos um grande número de área verde por habitante, não importa se a pessoa fica lá condensada num apartamento de dois quartos, em que ela nem tem espaço pra respirar, ou pra botar sua cama. Você vê **a própria discussão de cidade, de Brasília, de crescimento, de mudança...** Setor Noroeste, um monte de pessoas umas sobre as outras. Isso é lá qualidade de vida. Se as pessoas vão ter condições de comprar isso é irrelevante. **Isso é uma coisa muito bela, mas é um discurso que na verdade não é um encanto. Aquela velha história, o ser humano foi esquecido.***

*Eu poderia dizer que **Brasília pagou um preço meio alto por possuir tantos monumentos significativos**. Ontem mesmo, minha tia estava me perguntando se eu tinha cartões-postais de Campo Grande e ela mesma falou que de lá não tem nada. Realmente, arquitetonicamente não tem o que colocar em postal. Mas aí a cidade passa a ser as pessoas, passa a ser a cidade como um todo e não é escrava de seus monumentos.*

*Aquela história de que você mora em Brasília e perguntam você já viu o presidente? Acho que até no imaginário das pessoas **como você só reflete Brasília como um conjunto de monumentos você fica até como a idéia de uma cidade pequena**. Embora seja grande na extensão, você tem a idéia de uma criança: Congresso aqui, catedral, ponte... Por isso a idéia de que você veja o presidente como se fosse uma cidade do interior.*

7.2. Que relação você identifica entre o anúncio e a imagem da Capital perante seus habitantes?

*Eu até reparei aqui no anúncio, que **a própria dominância da arquitetura é que o rosto do cara é três quartos da imagem**, quer dizer, ainda assim basicamente é uma estátua com um rosto humano. Eu faria um pouco mais com 50% do rosto humano. Mas realmente as pessoas têm muito essa idéia de verem a sua própria cidade, não só o mundo. Inclusive as próprias pessoas tendem a identificar Brasília – sem aquela polêmica de que cidade-satélite não é Brasília, não há uma lógica de separação, porque bem ou mal ela tem dois lados. Mas o importante é que há uma própria identificação de que **Brasília é apenas a arte que tem os próprios monumentos**. Agora, Bandeirante não tem nada a ver com Brasília, Taguatinga não tem nada a ver com Brasília e isso não é uma questão social, tem a ver com arquitetura. Que **Brasília é apenas esse traçado básico de Lúcio Costa**. É como se você dissesse que Rio de Janeiro é só a parte das praias e não a zona baixa. Brasília não é onde tem casa, onde as pessoas vivem. Por aí você começa a ver como **as pessoas identificam a cidade com a parte arquitetonicamente bonitinha**. Se não é bonitinho... Até aquela própria questão de celular, de carro. É interessante como que até nisso, **a aparência, a coisa bonita se coloca**. Então, eu diria que as pessoas têm essa idéia de Brasília. Tem um teste interessante que é pense em Brasília, diga cinco coisas que vêm a sua cabeça. A maioria vai vir monumentos, um monte de coisas que são realmente arquitetônicas. E a gente ver em off e até mesmo quando a gente vai ver a apresentação de Brasília aí pra fora, é sempre um Congresso. Uma pena [...]*

começassem a mostrar ora Taguatinga, ora Bandeirante, as pessoas iam começar a ver uma Brasília mais inteira.

8. Como você se autodescreveria depois de tanto tempo morando em Brasília?

*Porque moro em Brasília? Em relação às minhas características mais diferentes, eu não sei. Mas em relação a Brasília eu posso me descrever como **uma pessoa muito preocupada com a solidão**. E posso me descrever como uma pessoa que tem como uma das grandes preocupações não só fazer como também manter amigos. Mas eu também me descrevo como uma pessoa perfeccionista e eu acho que não tem a ver com Brasília. Eu me descreveria como uma pessoa complicada, que pensa demais na vida e também como uma pessoa muito criativa. O que tem a ver com Brasília e que por várias vezes eu até pensei em mudar é essa questão da **dificuldade de relações**, mas é aquela velha história: será que em outras cidades as pessoas são mais solitárias? A gente vê as pesquisas por aí, eu gostaria de saber em quais cidades do Brasil você se sente só ou você se sente um pouco só às vezes ou você se sente muito só ao extremo. Eu queria até ver como que vários lugares dariam essa resposta. Tem algo a ver com Brasília, eu me vejo como **uma pessoa um pouco amargurada** em relação a alguns anos e por uma série de experiências que eu vivenciei aqui. Eu fico me perguntando será que em outra cidade eu teria vivenciado. Eu fico imaginando **como seria um A vivendo em outro lugar, será que ele seria menos magoado?** Realmente eu não sei.*

ENTREVISTADO N°3

Informações sobre a entrevista e o entrevistado

Data da entrevista: 03 de março de 2006.

Local da entrevista: trabalho do entrevistador

Duração da entrevista: 1h

Identificador para o entrevistado: E3

Sexo do entrevistado: feminino

Idade do entrevistado: 28 anos

Profissão do entrevistado: bióloga

Peculiaridades da entrevista: nascida em Brasília e nunca residiu em outra cidade.

1. O que é identidade para você?

Para mim identidade é o modo de você ser, as coisas que você faz, o que você julga certo. Pra mim é isso. Por exemplo, a minha identidade é aquilo que eu sou; como eu ajo diante das situações, o que eu faço, as coisas que eu realizo. Isso pra mim é identidade.

2. Como você acha que o meio pode influenciar na sua formação como pessoa, nessa construção da sua identidade?

*Eu acredito que o meio é de fundamental importância, porque é através do meio, da convivência com as pessoas, às vezes até a situação econômica que você está aberto a influências, como **condição de estudo** ou **o local onde você mora**. Tudo isso está influenciando a pessoa que você vai ser daqui adiante. Se você **convive com pessoas boas**, onde **elas são estruturadas**, onde todos têm mais ou menos a mesma estrutura, você vai ter uma identidade de um jeito, vai ser uma pessoa de um jeito; agora, você convive num local onde os valores são outros, você vai ter uma formação diferente. Acredito que o meio é de extrema importância.*

3. Que aspectos da cidade de Brasília podem estar diretamente relacionados a você como pessoa? Já que você é uma típica brasiliense. Nasceu aqui.

*Bom, acredito que a infraestrutura de Brasília é muito boa nesse aspecto. Pelo menos na minha época, **as escolas públicas eram muito boas** e eu sempre convivi com pessoas...por exemplo, escola pública não era só para pobre, muitas pessoas de classe média e média-alta estudavam lá. Então, acho que o meio que eu tive naquela época é diferente de hoje; por exemplo, hoje escola pública ficou mesmo para quem não tem condição de pagar. Assim, Brasília sempre me forneceu esses meios: escola, educação, cultura. Então, quando a gente sai daqui as pessoas sempre falam “oh! Brasília! E o presidente como vai? **Todo mundo acha que todo mundo que mora aqui tem uma excelente condição financeira, excelente educação, tudo é um padrão de excelência**. Só que, na verdade, a gente sabe que Brasília hoje em dia tem muitas pessoas de renda baixa, pessoas que não têm acesso à educação. Hoje eu acredito que essas pessoas são a maioria de Brasília, em nível de cidade-satélite: Taguatinga, Ceilândia e outros acampamentos diversos que existem por aí. E a gente não vê nada sendo feito para que elas tenham acesso ao que a gente teve: educação, saúde, moradia decente... Então, eu acredito que Brasília influenciou muito na minha formação, na minha*

identidade de uma maneira até positiva, mas hoje em dia eu acredito que essa influência não está sendo tão positiva para as gerações futuras. As pessoas pensam: “Ah! Brasília só tem riquinho lá”. Não é verdade.

Apresentação do anúncio

4. Eu gostaria que você dissesse o que chama sua atenção nesse anúncio?

O que me chamou atenção nesse anúncio foram os olhos da pessoa, que estão inseridos ali na estátua, porque quando você olha de primeiro relance você tem a impressão de uma coisa fria, uma estátua, uma coisa muito fria. E por trás da estátua, você está vendo rasgados ali os olhos de uma pessoa. Na verdade não é uma coisa fria que você tem, são pessoas e pessoas se relacionam, pessoas são importantes; não é uma estátua que quebra e pronto acabou; uma pessoa tem vida e isso é importante.

4.1. Isso você analisou sem ler a parte verbal do texto, mas depois de ler, principalmente, a parte superior do texto “Brasília é mais que arquitetura. Também é gente”.

*Acho que isso vem de uma coisa meio que é geral do país, porque quando se fala em Brasília todo mundo fala de monumentos históricos, catedral, ministérios e não param pra pensar que existem pessoas. **Muita gente fala que brasiliense é frio, não é nada;** é preciso conhecer as pessoas pra saber que não é assim. As pessoas têm uma imagem fria da gente, mas ao contrário do que muita gente pensa; **todo mundo aqui corre muito, trabalha muito** e não tem tempo de ficar como em outros lugares que a gente conhece de férias. **Aqui a correria é grande,** não como em outros lugares tranquilos, **aqui a coisa é muito corrida.** Mas o brasiliense e as pessoas que moram em Brasília sabem que as pessoas aqui têm um grau de amizade, são capazes de se relacionar como pessoas e **não é essa frieza que mostra assim no retrato da estátua aí, por exemplo.***

5. Você se identifica de alguma forma com ele?

*Sim, eu vejo e principalmente pelas pessoas de fora de Brasília, que têm contato com a gente; por exemplo, eu estava em Salvador e perdi o papel de estacionamento que a gente recebe quando paga e na hora de sair não achava o papel e o rapaz que recolhia por ver a placa do carro e saber que a gente era de Brasília, falou assim “Ah! Todo stressadinho de Brasília, terra do mensalão”, quer dizer, **já associam a imagem da gente com coisas frias: ladroagem,** esse tipo de aspecto. Então, a gente acaba levando essa figura de frieza de Brasília e*

relacionada a toda essa atmosfera política, a gente acaba vendo as conseqüências disso até mesmo fora, principalmente, fora da cidade.

5.1. Então, diante disso e dessa apresentação de como Brasília é vista lá fora, não só no Brasil, eu gostaria que você me dissesse como brasiliense ‘da gema’ como você se autodescreveria? Não é o que os outros vêem, mas como você se vê por morar aqui em Brasília.

Bom, eu acho que eu sou uma pessoa até legal (risos). E eu acho que é claro que a gente tem um nível de estresse grande porque a cidade é grande e a correria é grande. Mas eu acho que eu sou uma pessoa acessível, que faço amizade com facilidade, não tenho problema de mau relacionamento com NINGUÉM, não que eu me lembre. Então, nesse sentido, pelo menos, as pessoas que fazem parte do meu círculo de amizades eu analiso da mesma forma. Acho que todo mundo é acessível, aquela vontade de ajudar o próximo; aqui esse sentimento de confraternização, de compartilhar as coisas, aqui também existe. E as pessoas não percebem que existe aqui, talvez como eu disse antes, pela correria da cidade.

ENTREVISTADO Nº 4

Informações sobre a entrevista e o entrevistado

Data da entrevista: 10 de março de 2006.

Local da entrevista: trabalho do entrevistado

Duração da entrevista: 1h 10

Identificador para o entrevistado: E4

Sexo do entrevistado: feminino

Idade do entrevistado: 54 anos

Profissão do entrevistado: professora de artes

Peculiaridades da entrevista: nascida em Goiânia e reside em Brasília desde os cinco anos de idade.

1. O que é identidade para você como pessoa?

Identidade está ligada à questão da cultura e a cultura é tudo produzido pelo homem, quer dizer que está ligado à paisagem, ao céu de Brasília. A identidade pra mim está muito ligada

a Brasília porque eu vim pra cá muito cedo, com cinco anos de idade e tudo que ficou atrás desses cinco anos de idade é muito remoto pra mim, são fragmentos ligados à família do que à inserção numa cidade. Então, o meu quintal na minha infância foram os jardins de Brasília, essa terra vermelha, essa amplidão maravilhosa. Eu morava ali nos Hps, casas geminadas; então, quer dizer, tudo era uma grande rede. Então, a identidade pra mim está ligada mesmo à palavra Brasília.

2. Como você já colocou a sua experiência na infância, eu sei que você ficou um tempo longe de Brasília, então como que foi essa sua mudança, até a sua saída o que mais evoluiu na sua vida aqui, depois do retorno?

Eu acredito que a minha vida evoluiu muito. Evolução pra mim tem sentido do vivenciar, quer dizer, é uma transformação: muda a paisagem, mudam as pessoas e também as respostas são outras, outro contexto. Mas Brasília pra mim sempre foi uma plataforma, ou seja, saí para o Rio, mas essa horizontalidade, essa estrutura, essa organização sempre foi uma plataforma pra mim. um lugar que representa casa, aconchego...

3. Havia um estranhamento com relação às outras cidades?

Não, porque quando eu me deslocava da capital para o interior de Goiânia, eu viajava muito de trem, as outras cidades sempre tiveram alguma semelhança. Esse negócio da arquitetura, por exemplo, é verdade as pessoas daqui são diferentes, porque elas não têm raízes. Isso me sinalizava, essa falta de parentes, de todo mundo, essa massa de regiões que dá uma configuração, uma identidade. De certa maneira, ela forma uma coisa própria, uma identidade própria de Brasília.

4. E qual seria essa identidade própria de Brasília? Como você classificaria a identidade de Brasília?

Por exemplo, quando a gente fala da cultura não tem como separar da identidade de Brasília. É soma de outras regiões, são culturas regionais. Aqui a gente vê fragmentos da comida nordestina, japonesa e até outras nações. Brasília tem esse grande sentido de plataforma que te projeta para grandes tribos ao invés de ser uma só tribo regional.

5. Que aspectos da cidade de Brasília podem estar diretamente relacionados a você como pessoa?

*A minha formação foi aqui. Eu tive uma grande experiência, vivenciei uma filosofia educacional muito bacana em Brasília que foi o projeto com as escolas Park. À tarde tinha atividade. Segunda era cinema; na terça a gente desenhava, fazíamos brincadeiras. Então, isso me marcou de certa maneira e **me projetou para as artes**, quer dizer, se havia tendência, isso selou o meu compromisso. **Essa abertura que levou a despertar.** Depois disso, fui pra uma escola de freiras, mas depois do projeto **eu fui fazer teatro, coincidiu também da rebeldia do rock, da geração hipper.** Aliás, Brasília é a capital do rock. Isso também concretiza a identidade dela. Eu fui marcada por essa cultura que rolava na época. Tanto Brasília é o meu porto seguro que eu engravidei dos meus três filhos em outras cidades, mas fiz questão de tê-los aqui em Brasília, porque **ela é minha plataforma.***

Apresentação do anúncio

6. O que chama sua atenção nesse anúncio?

*A imagem aqui passa a idéia de **soma entre passado e presente.** A construção foi justamente **do olhar como sendo um recorte.** É uma montagem perfeita do que representa Brasília: um monumento composto por uma parte humana, na representação de um homem contemporâneo que pode ser uma criança, uma mulher, enfim, um reflexo do momento atual. Além disso, temos **a questão do céu ao fundo. Ele que revela o horizonte sem fim.** Aliás, existem pessoas que sentem fobia de ambiente muito abertos como **Brasília com essa linha reta.** Outro ponto que me remete ao anúncio é a estrutura barroca que o próprio Oscar Niemeyer que a classificou assim, principalmente, por sua organização de tesourinhas.*

7. Você se identifica de alguma forma com o anúncio?

*Sim, porque **Brasília é uma soma do presente e do passado.** Essa questão social que ele tenta colocar existe em todos os lugares, não é só uma coisa de Brasília, que teve uma preocupação com isso. O caso da Vila Planalto que foi originada para pessoas na época da construção e agora não podem morar lá, porque não têm condição de ficar lá, assim são jogados para a periferia. **As pessoas são a parte viva de uma cidade, por isso elas não podem ser deixadas de lado; elas também são responsáveis pela construção, pelo desenvolvimento e até pela destruição de uma cidade.** Aliás, voltando pra minha experiência*

de infância, eu me lembro muito bem que em meio à paisagem da cidade sempre havia marcas de pegadas, ou seja, as pessoas construindo seu próprio caminho e elas também fazem parte dessa enorme estrutura planejada que é Brasília.

8. Faça uma autodescrição tendo em vista o fato de você morar em Brasília desde os quatro anos de idade, mesmo tendo vivido em outra cidade por um tempo.

Como essa cidade é uma soma, eu também sou os vários lugares por que passei, formando um grande mosaico. Isso é que constrói a minha identidade. Soma de fragmentos regionais. Tenho uma pitada nordestina, outra carioca, do Sertão, do Sul...Eu gosto de citar uma passagem que diz “narciso só olha o que é espelho”, acho que é assim; mas eu sou esse espelho, que reflete tudo que foi observado ao longo da vida. Enfim, eu só me reconheço porque eu tenho essa soma.